



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARCOS RANDALL OLIVEIRA DE FREITAS

**(TRANS)CIBERATIVISMO, SABERES E VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NO
TWITTER: UM ESTUDO SOBRE (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA**

FORTALEZA

2023

MARCOS RANDALL OLIVEIRA DE FREITAS

**(TRANS)CIBERATIVISMO, SABERES E VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NO
TWITTER: UM ESTUDO SOBRE (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

FORTALEZA

2023

MARCOS RANDALL OLIVEIRA DE FREITAS

(TRANS)CIBERATIVISMO, SABERES E VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NO
TWITTER: UM ESTUDO SOBRE (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

Aprovada em 28/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Samuel de Carvalho Lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos
Prof. Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Prof. Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F937(Freitas, Marcos Randall Oliveira de.
(Trans)ciberativismo, saberes e vivências de travestis no Twitter : Um estudo sobre
(re)construção discursiva / Marcos Randall Oliveira de Freitas. – 2023.
165 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa
de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.

1. Travestis. 2. (Trans)ciberativismo. 3. Transfeminismo. 4. Twitter. I. Título.

CDD 410

Às diferentes possibilidades de mulheridades e travestilidades, que lutam e resistem pela pluralidade, transgressão, inclusão, diversidade e emancipação!

AGRADECIMENTOS

Tem que saber que eu quero correr mundo

Correr perigo

Eu quero é ir-me embora

Eu quero dar o fora

E quero que você venha comigo...

(Caetano Veloso)

Começo a escrever esses agradecimentos em mais um voo de volta para Fortaleza – SIM! Eu vivo viajando, ou melhor, viajo para viver! – Enfim, retorno à casa com uma sensação deliciosa de muitas experiências vividas. A caminhada só é possível porque antes de mim, tem toda uma força ancestral que me mantém firme para o hoje/agora e me conduz para o amanhã. A seguir, expresso meus sinceros agradecimentos por tamanha alegria de partilha:

Às Deusas – deus não é homem, deus é uma Deusa e Deusa são mulheres, que me permitem seguir a partir das vivências da sororidade e da intervenção de vida para um mundo cada vez menos preconceituoso e excludente. Sem a força divina das mulheres eu não conseguiria “trocar as lentes” para ressignificar minhas experiências.

À Dona Naila (*in memoriam*), minha mãe, que lutou dia e noite para criar os três filhos, sentiu na pele como o patriarcado silencia e oprime a diversidade. Sou o que sou porque ela me permitiu, através das muitas trocas, viver o que estou vivendo. Carrego no coração e no corpo as marcas de sua ancestralidade. Nossos corpos materiais estão separados, mas nossas almas estão cravadas. Mãe, que delícia ser teu filho! Se eu pudesse viver mil vidas, todas elas eu queria ser teu filho, com a leveza, o rigor e as loucuras de sempre! Te amo para sempre. Até o reencontro!

A minha família representada por minhas irmãs – Rafaela e Andréa, meus sobrinhos – Israel e Ravy e meus cunhados – Erilson e Israel. Obrigado pelo

cuidado, pelos afetos e pelo acolhimento de sempre. Seguimos juntos, pois nossa ancestralidade teve suas crias para resistir aos furacões da vida.

Ao meu orientador-amigo-professor, Júlio Araújo, que caminha comigo desde a graduação. Sua história de vida e sua leveza de encarar a vida me inspiram diariamente a ser uma pessoa melhor. Sem você a caminhada teria ficado mais árdua. Obrigado pelo colo de pai, pelo acolhimento de professor e pelas aprendizagens de um orientador.

Às participantes da pesquisa – Mestranda, Financiada pelo PT, Veg e Mãe. Sigo a caminhada como trans-aliado e como alguém que aprende diariamente com o transativismo de vocês. A caminhada virtual ao lado de vocês me faz acreditar que outro mundo é possível, e que o futuro é travesti!

Às professoras e professores participantes da banca, Profa. Luma, Prof. Lucineudo, Profa. Das Dores, Prof. Samuel, Profa. Sandra e Prof. Ananias, pela leitura atenta e comprometida. A caminhada acadêmica ao lado de vocês ficou menos tortuosa.

Aos meus amigues, amigas e amigos. Sem vocês eu já nem estaria por aqui! Amo vocês com toda a minha alma.

À professora Geovanda – Coordenadora da Crede 1 – e aos demais colegas da regional. Com abraços, sorrisos e até mesmo em silêncio vocês me ensinam! Gratidão pela partilha profissional.

Ao Elisberto, que para além de chefe imediato, tornou-se um amigo. Seu olhar criterioso e sistemático sobre os dados e planilhas é inspirador! Que nossa cervejinha aos finais de semana seja sempre rotina.

Aos amigos da Superintendência da Crede 1 – Márcia, Arianny, Gleison, Fábio, Gilmar e Luana – que me ensinam diariamente o exercício da paciência e do companheirismo. Sem vocês a rotina do trabalho seria ainda mais exaustiva e monótona. Com vocês, eu dou muitos bons sorrisos!

Ao Governo do Estado do Ceará, pelo afastamento remunerado nos dois primeiros anos de doutorado. As políticas públicas de apoio à formação docente são vitais para uma educação inclusiva e de qualidade.

A todes, todas e todos, que de alguma forma atravessaram a minha alma, permitindo ser/estar nesse mundo cheio de experiências com sabores e dissabores, afinal, o importante é “depois de tudo, ainda ser feliz”!

E por último e não menos importante: gostaria de agradecer a mim pelo autoacolhimento e pela leveza de encarar as adversidades da vida. Aprendi a saborear e a experimentar o que trouxe na epígrafe dos agradecimentos: “eu quero ganhar o mundo, correr perigo”! Esse sou eu: uma imensidão de afetos e narrativas.

Começo perguntando para a cisgeneridade em condições de acessos: quanto custa dar um Google, consumir uma produção protagonizada por pessoas transexuais e travestis ou, ao menos, se informar sobre a nossa existência?

Sophia Riviera

Colorir

Faltará tinta
No dia que o céu for livre
Pra todos serem o que são
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão
Faltará nomes
Pra descrever o mundo sem as misérias
O que sentimos, o que nos tornamos
O novo ser sem medo de viver
Faltará a falta que nos entristece
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça
Não faltará amor, não faltarão sonhos
O novo mundo se abrirá para o futuro
Onde o presente dominará o passado
E nossos corações enfim serão salvos

Virgínia Guitzel

RESUMO

Esta tese tem o objetivo de investigar a (re)construção discursiva dos saberes e das vivências de travestis no Twitter¹, a partir das práticas de (trans)ciberativismo, considerando as estratégias textuais, discursivas e sociais que efetivam as práticas de resistência. Por reconstrução discursiva, entendemos como o fenômeno que essas práticas são transformadas em contradiscursos. A base teórica que sustenta esse objetivo procede da interface entre Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001) e os Epistemologias Travestis (BENEVIDES e LEE, 2018). Nesta pesquisa, escolhemos utilizar a concepção tridimensional do discurso, proposta por Fairclough, em 1992, devido às nossas categorias de análise envolverem as três dimensões – textual, discursiva e social– com ênfase na reconstrução discursiva a partir dos contradiscursos das transativistas. Além disso, utilizamo-nos dos Estudos Queer (BUTLER, 2008) para ratificar que as vivências e os saberes construídos fora dos muros das universidades, hoje, quebram as barreiras do academicismo e da colonialidade, rompendo com as invisibilizações impostas pelo modelo colonizador. A metodologia usada é do tipo qualitativa, que permite uma aproximação entre pesquisador e participantes da pesquisa, possibilitando que as nuances dos ditos e dos não-ditos forneçam dados insurgentes sobre as travestis. A técnica usada para geração de dados sustenta-se na etnografia virtual. Escolhemos praticar essa técnica de forma silenciosa com o fito de percebermos os ditos e os não-ditos de maneira a reduzir as interferências do pesquisador nas práticas de (trans)ciberativismo. Escolhemos construir os dados a partir do perfil de 4 (quatro) travestis, escolhendo 5 (cinco) *tweets* de cada uma delas. Assim, o corpus da pesquisa foi constituído por 20 tweets que foram sistematizados a partir das categorias analisadas por meio de um olhar indisciplinar, transgressor e emancipatório através dos debates e das estratégias forjadas pelas travestis no processo de resistência e de fortalecimento dos atravessamentos identitários. Uma análise desses dados nos permite chegar a resultados que evidenciam que as (trans)ciberativistas utilizam-se das

¹ Durante o percurso da pesquisa, mais precisamente no dia 23 de julho de 2023, a rede social Twitter mudou de nome para X. Entretanto, escolhemos continuar utilizando o nome Twitter, pois muitos usuários ainda chamam essa rede social pelo antigo nome.

imposições do sistema² para desnudar as contradições construídas pela cisheteronormatividade, a partir de construções textuais e discursivas permeadas pelos contradiscursos. Desse modo, uma conclusão ainda parcial mostra-nos que os caminhos (trans)formados e as interfaces possíveis sob o viés da *queerificação* dos estudos linguísticos transgridem o binarismo e desnaturalizam as normas hegemônicas vigentes, ressaltando que a trans-radicalidade fortalece o (des)costurar dos saberes e das vivências das travestis a partir das potências tecidas nas individualidades-coletividades construídas para além do ódio, das invisibilidades e das interdições impostas pela cisheteronormatividade.

Palavras-chave: travestis; (trans)ciberativismo; transfeminismo; twitter.

² Nesta tese, escolhemos de forma intencional grafar o vocábulo “sistema” com a letra “c” ao invés de “s” para ressaltamos que a cisgeneridade está impregnada na estrutura do sistema, criando interdições e impondo padrões cissexista, por isso, grafamos “cistema”.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the discursive (re)construction of the knowledge and experiences of transvestites on Twitter, based on practices of (trans)cyberactivism, considering the textual, discursive and social strategies that implement resistance practices. By discursive reconstruction, we understand the phenomenon that these practices are transformed into counter-discourses. The theoretical basis that supports this objective comes from the interface between Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001) and Transvestite Epistemologies (BENEVIDES and LEE, 2018). In this research, we chose to use the three-dimensional conception of discourse, proposed by Fairclough, in 1992, due to our categories of analysis involving the three dimensions – textual, discursive and social – with an emphasis on discursive reconstruction based on the transactivists' counter-discourses. Furthermore, we use Queer Studies (BUTLER, 2008) to confirm that the experiences and knowledge built outside the walls of universities, today, break the barriers of academicism and coloniality, breaking with the invisibilizations imposed by the colonizing model. The methodology used is qualitative, which allows a rapprochement between researcher and research participants, enabling the nuances of what is said and what is not said to provide insurgent data about transvestites. The technique used to generate data is based on virtual ethnography. We chose to practice this technique silently in order to perceive the said and unsaid in order to reduce the researcher's interference in the practices of (trans)cyberactivism. We chose to build the data based on the profiles of 4 (four) transvestites, choosing 5 (five) tweets from each of them. Thus, the research corpus consisted of 20 tweets that were systematized based on the categories analyzed through an undisciplinary, transgressive and emancipatory perspective through the debates and strategies forged by transvestites in the process of resistance and strengthening of identity crossings. An analysis of this data allows us to reach results that show that (trans)cyberactivists use the impositions of the systema to uncover the contradictions constructed by cishetermnormativity, based on textual and discursive constructions permeated by counter-discourses. Thus, a still partial conclusion shows us that the (trans)formed paths and possible interfaces under the bias of queerification of linguistic studies transgress binarism and

denaturalize current hegemonic norms, highlighting that trans-radicality strengthens the (de) sewing together the knowledge and experiences of transvestites based on the powers woven into individualities-collectivities constructed beyond hatred, invisibilities and interdictions imposed by cisheteronormativity.

Keywords: transvestites; (trans)cyberactivism; transfeminism; twitter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Possíveis membros do Comando Vermelho (CV).....	20
Figura 2 – Jean Wyllys como Ministro da Educação de Haddad.....	21
Figura 3 – Tweet sobre suspensão do Edital de séries sobre diversidade.....	24
Figura 4 – Tweet sobre a gravidez da esposa do Thammy.....	25
Figura 5 – Tweet de uma transativista.....	26
Figura 6 – Concepção tridimensional do discurso.....	46
Figura 7 – Tela do Twitter.....	65
Figura 8 – Postagem sobre o Dia da Visibilidade Trans.....	67
Figura 9 – Perfil do pesquisador-observador no Twitter.....	68
Figura 10 – Print do perfil da Mestranda.....	70
Figura 11 – Print do perfil da Financiada pelo PT.....	70
Figura 12 – Print do perfil da Veg.....	70
Figura 13 – Print do perfil da Mãe.....	70
Figura 14 – Postagem 1 da transativista Mestranda.....	74
Figura 15 – Postagem 2 da transativista Mestranda.....	78
Figura 16 – Fio do tweet da postagem de Mestranda.....	79
Figura 17 – Postagem 3 da transativista Mestranda.....	82
Figura 18– Fio do tweet da postagem de Mestranda.....	84
Figura 19– Tweet da Deputada Federal Erika Hilton.....	85
Figura 20 – Postagem 4 da transativista Mestranda.....	87
Figura 21 – Postagem 5 da transativista Mestranda.....	92
Figura 22 – Print do WhatsApp.....	93
Figura 23– Fio do tweet da postagem de Mestranda.....	95
Figura 24 – Postagem 1 da transativista Financiada pelo PT.....	97
Figura 25 – Postagem 2 da transativista Financiada pelo PT.....	100
Figura 26 – Postagem 3 da transativista Financiada pelo PT.....	102
Figura 27– Tweet da Deputada Estadual Linda Brasil.....	104
Figura 28 – Postagem 4 da transativista Financiada pelo PT.....	106
Figura 29 – Fio do tweet da postagem de Financiada pelo PT.....	106
Figura 30 – Postagem 5 da transativista Financiada pelo PT.....	109
Figura 31 – Postagem 1 da transativista Veg.....	112
Figura 32 – Fio do tweet da postagem de Veg.....	115

Figura 33 – Postagem 2 da transativista Veg.....	116
Figura 34 – Postagem 3 da transativista Veg.....	119
Figura 33 – Print de um tweet da Combate.....	120
Figura 34 – Postagem 4 da transativista Veg.....	124
Figura 35– Fio do tweet da postagem de Veg.....	125
Figura 36 – Postagem 5 da transativista Veg.....	127
Figura 37 – Postagem 1 da transativista Mãe.....	130
Figura 38– Fio do tweet da postagem de Mãe.....	131
Figura 39 – Postagem 2 da transativista Mãe.....	132
Figura 40– Fio do tweet da postagem de Mãe.....	135
Figura 41 – Postagem 3 da transativista Mãe.....	136
Figura 42 – Postagem 4 da transativista Mãe.....	139
Figura 43 – Postagem 5 da transativista Mãe.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revisão bibliográfica: estudos sobre pessoas trans*	27
Quadro 2 – Categorias analíticas do Modelo Tridimensional.....	47
Quadro 3 – Modos de operacionalização das práticas ideológicas.....	50
Quadro 4 – Descrição das subcategorias.....	71
Quadro 5 – Descrição das trans-formações do percurso.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e o sinal “+” engloba todas as outras possibilidades
LGBTs	Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros
ONG	Organização Não Governamental
SDH	Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República
TGEU	Transgender Europe
ADC	Análise Crítica do Discurso
LA	Linguística Aplicada
TTs	<i>Trendings Topics</i>
DM	Mensagens Diretas
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
POSEDUC	Pós-graduação em Educação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Partido Liberal
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1	CAMINHOS INTRODUTÓRIOS: OLHANDO A TERCEIRA MARGEM.....	16
2	OS SABORES E AS DELÍCIAS DO OUTRO LADO DAS TRINCHEIRAS A PARTIR DAS PRÁTICAS DE TRANSCIBERATIVISMO.....	35
2.1	Ciberativismo.....	36
2.2	Transciberativismo: diálogos com o transfeminismo.....	38
2.3	Fortalecendo o traviarcado para ocupar espaços.....	40
3	ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC): TRANSGREDIR PARA EXISTIR.....	44
3.1	Análise do Discurso Crítica (ADC): a construção do arcabouço teórico-metodológico.....	44
3.1.1	<i>O discurso para a Análise do Discurso Crítica (ADC).....</i>	44
3.1.2	<i>A concepção tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2001)</i>	46
4	OS ESTUDOS QUEER E AS EPISTEMOLOGIAS TRAVESTIS: GÊNEROS, CORPES E SEXUALIDADES EM MOVIMENTO.....	52
5	CAMINHOS METODOLÓGICOS: TRAVESTILIZANDO OS OLHARES E TRANS-FORMANDO O PERCURSO.....	63
5.1	Caracterização da pesquisa.....	63
5.2	Caracterização da rede social investigada.....	65
5.3	Caracterização e delimitação da escolha das participantes da pesquisa.....	67
5.4	Procedimentos éticos.....	69
5.5	Categorias analíticas.....	66
6	ENTRE O DITO E O NÃO DITO: (TRANS)FORMAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS SABERES E DAS VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NO TWITTER	73
6.1	Mestranda.....	73
6.1.1	<i>Postagem 1.....</i>	74
6.1.2	<i>Postagem 2.....</i>	77
6.1.3	<i>Postagem 3.....</i>	82
6.1.4	<i>Postagem 4.....</i>	86
6.1.5	<i>Postagem 5.....</i>	91

6.2	Financiada pelo PT	96
6.2.1	<i>Postagem 6</i>	97
6.2.2	<i>Postagem 7</i>	99
6.2.3	<i>Postagem 8</i>	102
6.2.4	<i>Postagem 9</i>	105
6.2.5	<i>Postagem 10</i>	108
6.3	Veg	111
6.3.1	<i>Postagem 11</i>	112
6.3.2	<i>Postagem 12</i>	115
6.3.3	<i>Postagem 13</i>	119
6.3.4	<i>Postagem 14</i>	123
6.3.5	<i>Postagem 15</i>	126
6.4	Mãe	129
6.4.1	<i>Postagem 16</i>	129
6.4.2	<i>Postagem 17</i>	132
6.4.3	<i>Postagem 18</i>	136
6.4.4	<i>Postagem 19</i>	138
6.4.5	<i>Postagem 20</i>	141
7	“QUE AMEM AS TRAVAS”: CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA MARCAR AS INSURGÊNCIAS DO TRAVIARCADO	146
	REFERÊNCIAS	151
	APÊNDICE A – QUADRO NORTEADOR DE PESQUISA	159

1 CAMINHOS INTRODUTÓRIOS: OLHANDO A TERCEIRA MARGEM

A cada minuto é momento de se refletir, sentir, amar e lutar pela liberdade indivisível. E é isso que me deixa viva. E digo isso, que mesmo frágil-forte como a roseira de minha avó, estarei pronta para sacralizar cada instante como habitante do mundo, pronta pra naturalizar a essencialidade do banal e desnaturalizar o horror e a política de morte vinda de andares superiores e pálidos desse mundo desigual (Carolina Iara de Oliveira, 18/05/2020, Medium).

Meu percurso (auto)formativo de resistências e descobertas pessoais e acadêmicas, como na epígrafe acima, nasceu a partir da desnaturalização dos horrores sociais sofridos e vistos ao longo da minha história de vida. Por isso, o “tornar-se professor” foi, para além de uma escolha profissional, uma construção contraideológica pautada na resistência e no respeito aos direitos humanos e à diversidade.

Ao ingressar no cotidiano das salas de aula, como professor-pesquisador em (re)construção de Língua Portuguesa da Educação Básica, deparei-me com diversas situações formativas no chão de escolas públicas e particulares e com diferentes sujeitos em formação. Nesses espaços e através de cursos de formação continuada, tenho percebido esforços de colegas de profissão e de estudantes de licenciaturas para ressignificar suas ações pedagógicas para o desenvolvimento de práticas sociodiscursivas que se aproximem da construção do conhecimento, da amorosidade e da emancipação dos sujeitos.

As experiências construídas dentro e fora dos muros da universidade possibilitaram-me perceber, de forma mais profunda, a importância de um ensino de língua portuguesa pautado na heterogeneidade de práticas e na visão de língua como instrumento de poder, ressaltando as práticas sociais, culturais e discursivas e as relações dos sujeitos com o mundo.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), aproximei-me dos estudos relacionados à educação inclusiva. A pesquisa³ realizada no mestrado foi motivada devido a minha atuação pedagógica com uma aluna com deficiência

³ A minha dissertação intitulada “Sujeitos em (auto)formação: experiência pedagógica de docente na inclusão de discente com baixa visão no Ensino Superior” está disponibilizada no site a seguir: https://www.uern.br/controladepaginas/poseduc-dissertacoes-2016/arquivos/4501marcos_randall_oliveira_de_freitas.pdf

visual durante o ano letivo de 2015. Com a aluna da 3ª série do Ensino Médio, aqui identificada como Curiosidade⁴, construí, juntamente com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), propostas pedagógicas de aprendizagem pautadas na inclusão escolar da referida estudante.

A relação cotidiana com Curiosidade motivou-me a pesquisar sobre a inclusão das pessoas com deficiência no Ensino Superior. Durante a caminhada (auto)formativa nos dois anos de mestrado e no cotidiano da pesquisa e das experiências pessoais e coletivas, diversos pontos foram observados, porém escolhemos⁵ a formação docente, a inclusão de pessoas com baixa visão e a pesquisa (auto)biográfica como discussões centrais da dissertação (FREITAS, 2018). Nos estudos de doutoramento, mesmo a pesquisa não trazendo em seu cerne os estudos (auto)biográficos, as narrativas das travestis, aqui analisadas, apresentam traços biográficos, que possibilitaram diferentes nuances analíticas na construção teórica-metodológica.

Participantes da pesquisa de mestrado, a docente e o discente, narraram de forma (auto)biográfica a relação com a educação inclusiva e suas práticas e vivências (auto)formativas no Ensino Superior. Através do discurso dos colaboradores do estudo, valorizou-se o dito e o não dito por meio das práticas discursivas na perspectiva da Educação Inclusiva. Durante o mestrado, tive a possibilidade de trabalhar não só com a inclusão das pessoas com deficiências, mas também de conhecer as vivências de diferentes grupos minorizados, como os grupos feministas e a comunidade LGBTQIAP+⁶.

Depois que concluí o mestrado, retornei à sala de aula em turmas de Ensino Médio na cidade de Beberibe. Nesse retorno, encontrei uma escola ainda mais diversa e plural, porém ainda pouco inclusiva. Minha carga horária era de 40 horas semanais, divididas nos turnos matutino, vespertino e noturno. Tive contato com diferentes alunes performando diferentes identidades, inclusive as

⁴ Escolhi intitular a aluna de Curiosidade porque ela despertou-me o olhar atento para a pesquisa, propiciando o aumento da minha curiosidade sobre educação inclusiva.

⁵ A referência sobre o mestrado e o doutorado foi escrita em duas pessoas verbais, pois considero que a dissertação traz momentos de narrativas de minhas experiências pessoais e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e os sujeitos da pesquisa.

⁶ LGBTQIAP+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, e o '+' amplia o potencial inclusivo. Fonte: <http://www.coxinhanerd.com.br/significado-completo-sigla-lgbtqiap/>

travestilidades e o não-binarismo, além de alunos com deficiência e em situação de vulnerabilidade social. Todo esse contexto me aproximou ainda mais das pesquisas relacionadas a corpos, gêneros e sexualidades.

Em função disso, nas leituras, nos encontros acadêmicos e não acadêmicos e nas relações cotidianas, percebi o quanto o ódio está cada vez mais enraizado e escancarado. São construções discursivas que se multiplicam nas redes sociais, nos comentários das notícias e até em situações, aparentemente, banais da vida comum. Parece-me até que há uma legitimação do ódio pelo ódio.

Nesse contexto, buscamos nos aproximar dos estudos sobre o fenômeno do discurso de ódio na internet, centralizando a atenção aos estudos sobre gênero e sexualidade, visto que há muitos discursos de ódio à comunidade LGBTQIAP+ nas redes sociais, em particular o Twitter. Como mostramos em Araújo e Freitas (2022), essa tendência vem aumentando nos últimos anos em decorrência da influência de um pensamento tradicional e conservador na política e, conseqüentemente, na sociedade.

Desse modo, para a realização da pesquisa, escolhemos a rede social Twitter devido ao grande número de usuários cadastrados nessa rede, ultrapassando a marca dos 500 milhões⁷ de perfis, além do potencial de debate e argumentação permitido em até 280 caracteres, ampliando as possibilidades do ciberativismo. Na web, os links são múltiplos e multifacetados, o que possibilitam diferentes possibilidades dos sujeitos por diferentes práticas sociais, delineando um caminho (PRIMO e RECUERO, 2004).

Entretanto, o processo de construção do objeto desta pesquisa não foi tão simples como podemos ter deixado transparecer acima. Na verdade, esse percurso transcorreu por diversas idas e vindas pelas vias tortuosas da vida⁸. Como uma peça artesanal, a pesquisa é construída de forma colaborativa⁹ com

⁷ Informação retirada do site: <http://ecmetrics.com/pt/o-brasil-e-o-segundo-colocado-em-numero-de-usuarios-do-twitter/>

⁸ A presente tese está inserida em dois projetos maiores intitulados “Pandemia de covid-19: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio” (ARAÚJO, 2021) e “Práticas discursivas de transciberativismo nas redes sociais: Fases 1 e 2” (ARAÚJO, 2022; 2023). Ambos os projetos são coordenados pelo Prof. Júlio Araújo e desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo de pesquisa DIGITAL do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

⁹ Nessas idas e vindas, por diversas vezes deparei-me com solos inférteis de transfobia por meio de notícias veiculadas em diferentes suportes, entretanto, tive contato com diferentes vivências

diferentes olhares e mãos, o que possibilita idas e vindas na construção de um objeto de pesquisa incorporado e preciso.

Nesse período, precisei mergulhar nas redes sociais para que meu senso de pesquisador permitisse a percepção dos diferentes fenômenos sociais discutidos na Web. No início, o desejo partia da ideia de estudar o discurso de ódio nas redes sociais. Por ter feito mestrado na área de Educação, inicialmente, pensei na possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre o discurso de ódio proferido aos professores, com o objetivo de (des)construir a profissão docente, a partir de *fake news*, por exemplo.

Ao analisar¹⁰ o contexto sociopolítico, percebi um avanço no ideário conservador influenciado pela vitória de Donald Trump, em 2016, nos Estados Unidos. No Brasil, houve também a vitória de Jair Bolsonaro, em 2018, e de um aumento no número de deputados federais e senadores alinhados a esse pensamento, como membros das forças armadas e religiosos, carregando títulos de “bancada da bala” e “bancada da bíblia”.

As vitórias de Trump e Bolsonaro carregam em comum a ampla divulgação de *fake news* nas redes sociais, transmitidas por meio de perfis *fakes*, robôs virtuais e grupos de *WhatsApp*, e a disseminação de discursos que ferem os direitos humanos, atacando grupos minorizados, como mulheres, LGBTQIAP+, quilombolas e indígenas.

Segundo notícia veiculada no site Congresso em Foco¹¹, das 123 *fake news* encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram bolsonaro¹², fazendo-nos ratificar o potencial de disseminação das *fake news*: eleger um membro do executivo, por exemplo, além de fortalecer um projeto de governo responsável por retirar diferentes direitos dos grupos minorizados.

e resistências trans. Por isso, escolhi por meio das notas de rodapé – nas quais chamarei de Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo – expor essa caminhada como trans-aliado.

¹⁰ Olhar do autor da tese sobre o mundo: Passado o período de felicidade em ter sido aprovado na seleção de doutorado, eu e Júlio tivemos alguns momentos de orientação na própria UFC. Entretanto, meu objetivo de pesquisa ainda estava vago e com muitos caminhos. Júlio percebeu isso e logo me convidou para tomar um café no Mercado do Café, no Benfica. Passamos algumas horas conversando e refletindo sobre como as vozes e corpos da comunidade LGBTQIAP+ são constantemente silenciados. Por isso, decidimos discutir sobre os saberes e as vivências travestis

¹¹ Essa informação foi retirada do site: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>

¹² A partir das ideias de bell hooks, alguns nomes próprios de pessoas transfóbicas, machistas e conservadoras estão escritos nesta tese com letra minúscula para ratificar a pequenez e o preconceito dos atos dessas pessoas. Nosso objetivo é, além de desprestigiar, ratificar todas as crueldades engendradas por esse grupo.

Nosso objeto de estudo – a (re)construção discursiva dos saberes e das vivências de travestis no Twitter – foi construído a partir do olhar das contraideologias disseminadas nos discursos das transativistas, visto que elas partem do ideário hegemônico para transgredirem o sistema. Para que o processo de construção do objeto de estudo fique mais tangível trazemos, a seguir, algumas das *fake news* compartilhadas durante o período eleitoral de 2018:

Figura 1 – Possíveis membros do Comando Vermelho (CV)



Fonte: Lupa – Folha de São Paulo

A Figura 1 foi compartilhada por grupos defensores do ex-presidente Jair Bolsonaro para ressaltar que a vitória do então candidato poderia reduzir (e até mesmo acabar) com o tráfico e, conseqüentemente, com a violência. Nesse contexto, grupos de direita fizeram uma montagem para colocar na foto um papelão com os dizeres 'Bolsonaro é bala', além das iniciais da facção. Essa *fake news* objetiva também associar o candidato adversário de Bolsonaro ao tráfico e ao aumento crescente da violência.

Ainda nessa perspectiva, empenhados em destruir a candidatura petista – representada por Fernando Haddad, e conseqüentemente barrar os impactos do avanço do ideário da esquerda no país, os disseminadores de *fake news*

multiplicaram os disparos de discursos desinformativos para ampliar a bolha do conservadorismo, como podemos observar na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Jean Wyllys como Ministro da Educação de Haddad



Fonte: Lupa – Folha de São Paulo¹³

Na figura 2, os disseminadores de *fake news* divulgavam que Jean Wyllys, primeiro deputado federal a se assumir gay, seria o ministro da Educação em um possível governo petista. O propósito dessa divulgação era colocar em xeque essa possível escolha devido à orientação sexual do então deputado. Os produtores de desinformações direcionavam essas *fake news* para grupos tradicionais e religiosos, ampliando o número de compartilhamentos dentro dessas bolhas. Outro recurso utilizado foi o *designer* da manchete, aproximando-se de uma possível postagem do G1, objetivando passar credibilidade no compartilhamento, chamando a atenção, inclusive, dos leitores menos atentos.

Com base na discussão até aqui apresentada, optei por trabalhar com os discursos de ódio proferidos à comunidade LGBTQIAP+ no Twitter. Ao trabalhar com a comunidade LGBTQIAP+, busco colaborar na ampliação das diferentes vozes que se legitimam como comunidade, como sujeitos cercados de direitos e deveres, como possibilidades de existências e de resistências. Durante muito

¹³ As imagens 1 e 2 foram retiradas do site: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/07/artigo-epoca-noticias-falsas-1-turno/>

tempo, essas vozes foram silenciadas e hoje, para não permanecerem “no armário¹⁴”, precisam criar redes colaborativas para superar os estigmas sociais.

No Brasil, a comunidade LGBTQIAP+ sofre ataques diários dentro e fora da web, o que nos coloca em alerta, já que assumir uma orientação ou identidade de gênero em nosso país implica em sofrer violências de toda ordem nos diferentes espaços sociais. A seguir, apresentamos três dados de pesquisas divulgados em sites de notícias entre os anos de 2015 e 2019:

- Segundo dados da ONG Transgender Europe¹⁵ (TGEU), o Brasil continua a ser o país onde mais transexuais são mortos. Entre 1º de outubro de 2017 e 30 de setembro deste ano, 167 transexuais foram mortos no Brasil. A pesquisa, feita em 72 países, classificou o México em segundo lugar, com 71 vítimas, seguido pelos Estados Unidos, com 28, e Colômbia, 21.
- O relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia¹⁶, entidade que há 39 anos registra dados de violência contra LGBTQIAP+ no Brasil, apontou que em 2018 foram computadas 420 mortes no país. Os dados mostram que 76% das mortes foram homicídios e 24% foram suicídios. Esses números são preocupantes, pois eles colocam o Brasil no *ranking* dos países que mais mata LGBTQIAP+ no mundo.
- A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República¹⁷ (SDH) afirma que as denúncias de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis aumentaram 94% no país entre 2015 e 2016.

Esses dados revelam-nos uma realidade que foge dos princípios da equidade, da inclusão e da diversidade e confirmam as violências física e simbólica nas quais as pessoas que decidiram não se excluir ou se deixar

¹⁴ “Sair do armário” é uma expressão que descreve o anúncio público da orientação sexual ou identidade de gênero de alguém, ou de si próprio. Estar “fora do armário” significa que alguém é assumidamente homossexual, bissexual, pansexual, transgênero ou membro de outra parte da comunidade LGBTQIAP+ (Informação retirada do site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sair_do_armário, acesso em 20 de agosto de 2019).

¹⁵ Informação retirada do site: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780>, acesso em 20 de agosto de 2019.

¹⁶ Informação retirada do site: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/28/editorial-or-ano-apos-ano-brasil-segue-na-lista-dos-paises-que-mais-mata-lgbts/>, acesso em 20 de agosto de 2019.

¹⁷ Informação retirada do site: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>, acesso em 20 de agosto de 2019.

marginalizar sofrem todos os dias em diferentes esferas sociais, como a família, a escola, a universidade e a igreja, por exemplo.

Ao analisar os números citados acima e as notícias veiculadas em diferentes instituições jornalísticas, escolhemos trabalhar com a comunidade transexual, em particular travestis¹⁸, por acreditarmos que essas pessoas, na construção do ser/estar na sociedade de forma plena, lidam com inúmeros estigmas e preconceitos, acarretando um maior esforço na (re)construção de seus saberes e visibilidades.

O foco desta pesquisa não é discutir de forma central e exclusiva o discurso de ódio vivenciado por travestis, mas investigar o efeito reverso desse discurso, ou seja, como as transativistas transformam o ódio em ativismo político, social, cultural, estético, acadêmico e popular – o (trans)ciberativismo, ou sejam a (re)construção discursiva dos saberes e das vivências de travestis no Twitter, permitindo que contraideologias sejam criadas, fortalecidas e disseminadas.

Para delinear os contornos mais nítidos da construção de nosso objeto de pesquisa, iniciamos mapeando alguns discursos odiosos proferidos às travestis no Twitter e o (trans)ciberativismo empreendido nesse processo de resistência. Para tanto, coletamos dados iniciais para comprovar a existência do nosso objeto. Na Figura 3, temos comentários em resposta à notícia, divulgada em diferentes perfis de agências de jornalismo, sobre a suspensão¹⁹, por parte do Governo Federal, do Edital que havia selecionado séries sobre diversidade de gênero e sexualidade a serem exibidas nas TVs públicas.

¹⁸ Nesta pesquisa, escolhemos refletir sobre as identidades travestis, ao invés de utilizarmos a expressão mulheres trans, por acreditarmos que, pela ótica da subversão, o termo travestis incorpora caminhos para além da resistência, distanciando-se de práticas higienistas, por exemplo. Esta decisão está pautada pela excelente participação da Profa. Dra. Luma Andrade (UNILAB) por ocasião da primeira qualificação de nossa tese, a quem agradecemos.

¹⁹ Informação retirada do site: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/08/21/governo-bolsonaro-suspende-edital-com-series-de-temas-lgbt-apos-criticas-do-presidente.ghtml>, acesso em 15 de agosto de 2019.

Figura 3 – Tweet sobre suspensão do Edital de séries sobre diversidade



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2019)

Na Figura 3, acima, ao utilizar o termo ‘LGBTWRSTVXZ’, para se referir à sigla LGBTQIAP+, o produtor da postagem ironiza a abrangência do Movimento LGBTQIAP+, que objetiva agregar as diferentes possibilidades e experiências das identidades insurgentes e fluídas²⁰. Além disso, nessa postagem, percebemos que, aos olhos de quem odeia a referida comunidade, “é justa” a perseguição aos opositores ao governo Bolsonaro. Para finalizar, o autor do *tweet* reforça que ‘ainda teremos muito chororô’, enfatizando que as perseguições ainda vão continuar e que qualquer ato de resistência dentro e fora das redes sociais é minimizado como “chororô”, portanto não seria genuíno.

Sabe-se que o investimento em material artístico-estético-cultural, seja através de séries, filmes ou exposições, que envolvam temáticas ligadas à diversidade, ao gênero, ao corpo e à sexualidade contribui na democratização do acesso de diferentes públicos a esses temas, além da mudança de paradigmas sobre assuntos ainda construídos como tabus sociais, porém, o que se percebeu da anterior gestão do Governo Federal foi o cerceamento de qualquer ação que envolva essa temática, como por exemplo o completo desmonte de organizações responsáveis pela criação de políticas públicas voltadas a grupos minorizados.

²⁰ Olhar do autor da tese sobre o mundo: Ontem (08 de abril de 2023), estava em São Paulo e tive a oportunidade de conhecer um bar chamado Casa Fluída. Fiquei encantado! É uma mistura de bar, casa de show e galeria de arte com forte ênfase para a cultura drag. Nesse espaço, há uma espécie de camarim com saltos, roupas e perucas em que qualquer pessoa pode performar a fluidez da cultura drag. Para mim, foi uma experiência única sob à luz da total fluidez e desconstrução do meu olhar sobre as vivências drags.

Outro exemplo dessas interdições está relacionado ao cancelamento do Edital nº 29/2019 pelo governo bolsonaro, que impediu a entrada de pessoas da supracitada comunidade na universidade. Como dissemos:

As barreiras que impedem o acesso da comunidade LGBTQI+, em especial a comunidade trans, ao ambiente universitário são alicerçadas por políticas conservadoras e tradicionais que valorizam a normatização cisheterossexual e o patriarcado” (ARAÚJO; FREITAS, 2022, p. 247).

Em resposta a essa ação, a maioria dos comentários da postagem, aqui representados pela Figura 3, ratificam uma visão que sugere a supremacia heterossexual e normativa sobre gênero e sexualidade. Ao analisarmos a Figura 3, percebemos os campos de disputa empreendidos através da expressão ‘fazendo campanha contra Bolsonaro’, confirmando o ideário de apagamento de quem pensa de forma contrária ao que os odiosos acreditam/defendem.

A figura 4, a seguir, refere-se a um comentário sobre o anúncio²¹ da gravidez da esposa do Thammy, que é um homem transexual famoso no Brasil.

Figura 4 – Tweet sobre a gravidez da esposa do Thammy



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2019)

O comentário apresentado na Figura 4 é exemplo do que encontramos na postagem: um direcionamento para o modelo de família tradicional pautado no sexo biológico, ou seja, homem e mulher biológicos, excluindo a multiplicidade de possibilidades na construção de núcleos familiares inclusivos.

²¹ Informação retirada do site: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/07/apos-anunciar-gravidez-da-mulher-thammy-miranda-rebate-web-o-pai-do-meu-filho-sou-eu.html>, acesso em 20 de agosto de 2019.

Em um processo de identificação, a própria foto do perfil parte de uma mostra do que seria a representação discursiva da cisgeneridade, da heteronormativa e da branquitude, efetivando as marcas discursivas do que denominamos de “padrão” sob a ótica do modelo capitalista da construção e regulação dos corpos.

Na contramão da construção discursiva do ódio, há uma rede de parceria entre a comunidade trans* e os apoiadores e/ou militantes da causa da diversidade. É também por meio da/com a linguagem que o ódio é desconstruído/desnudado a partir das experiências pessoais e coletivas e dos embasamentos teóricos e populares, referendando a diversidade e a inclusão em nosso cotidiano.

Figura 5 – Tweet de uma transativista



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2019)

Na Figura 5, através da expressão “se vc faz parte de um movimento que exclui mulheres trans” percebemos a referência dada a quem, ao excluir e marginalizar, torna-se ‘responsável pelas nossas mortes e evasão escolar’. O uso do pronome possessivo ‘nossas’ ressalta a ideia de grupo e de aproximação identitária, tecendo uma teia de sororidade dentro da comunidade.

O acolher-se entre pares e resistir é uma atividade sociodiscursiva que visa reduzir os danos de uma geração marcada por *fake news*, manipulação de informação e disseminação de ódio. A construção das redes de parcerias perpassa pelo fortalecimento das identidades – individual – e da aproximação desses ideais com os ideais de outras pessoas – coletivo.

Nessa perspectiva, as travestis, dentro do seu lugar de fala, de acordo com as suas experiências, a situação sociorracial – a partir do viés da interseccionalidade – constroem discursos em seus perfis no Twitter com o objetivo de resistir contra a demanda odiosa da sociedade e encontrar caminhos

para a valorização da inclusão, da equidade, da diversidade e da emancipação humana.

A investigação sobre a comunidade trans* tem merecido a atenção de muitos pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, num espectro que vai de sociólogos a educadores. Ao realizar a revisão bibliográfica, mergulhei o olhar no Catálogo²² de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca²³ Digital Brasileira de Teses e Dissertações para conhecer as ideias dos pesquisadores em relação a essa temática. Os critérios de análise foram: refletir sobre travestis e/ou mulheres trans; e teses e dissertações defendidas entre os anos de 2017 e 2022. O quadro 1, a seguir, resume a revisão bibliográfica que encontrei.

Quadro 1 – Revisão bibliográfica: estudos sobre pessoas trans e travestis.

DADOS DA PESQUISA	INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA	LACUNAS
Atenção à saúde para travestis e transexuais no Sistema Único de Saúde, de Rafael Rodolfo Tomaz de Lima, Tese, 2022. Área do Conhecimento: Saúde Coletiva	Essa pesquisa objetiva caracterizar a atenção à saúde para pessoas travestis e transexuais no Sistema Único de Saúde. Para tanto, optou-se pela realização de um estudo envolvendo três desenhos metodológicos: análise bibliométrica, protocolo de revisão sistemática e revisão sistemática. Os achados da análise bibliométrica de teses e dissertações brasileiras revelam que os estudos sobre a tríade travestilidade, transexualidade e saúde estão em ascensão nos últimos vinte anos, com diminuição no enfoque sobre o adoecimento de travestis e transexuais e aumento do foco nos aspectos sociais, organizacionais e políticos que interferem no acesso dessas pessoas aos serviços de saúde. Apesar da existência do programa Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde, os artigos incluídos na revisão sistemática evidenciam que a atenção à saúde para pessoas travestis e transexuais é composta por uma série de violações, incluindo o despreparo de profissionais da saúde para acolher e cuidar de pessoas travestis e transexuais.	A pesquisa em questão apresenta um viés atrelado ao aspecto tradicional do processo transexualizador, distanciando-se, em alguns momentos, das discussões sobre gênero e diversidade das identidades das travestis e das pessoas trans.
Quando o amor é travesti: casamento, amor e afeto para além da heteronormatividade,	O objetivo geral é analisar como as relações amorosas e o agenciamento do amor são feitas observando o percurso de vida de 3 travestis paulistanas. Para	Essa pesquisa analisou as histórias de vida de 3 (três) travestis paulistanas,

²² Acesso em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

²³ Acesso em <http://bdt.d.ibict.br/vufind/>

<p>de Luiz Henrique Miguel, Tese, 2022.</p> <p>Área do Conhecimento: Sociologia</p>	<p>tanto, utilizou-se uma metodologia qualitativa baseada na técnica história de vida e profunda pesquisa de campo. Pesquisar algo tão subjetivo como amor rendeu horas de participação junto as três interlocutoras em entrevistas semiestruturadas que ajudaram a atingir o objetivo central. Como considerações finais foi possível perceber que o amor toma diferentes formatos, seja como objetivo de vida ou como rechaço deste objetivo, de qualquer forma ele é parte importante da construção do que é ou não sucesso para essas travestis.</p>	<p>ou seja, reduziu de forma significativa as potencialidades de outras experiências travestis, já que o fato de morar em uma determinada região, como o sudeste, por exemplo direciona, de forma mais abrangente, as experiências travestis.</p>
<p>TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação, de Sara Wagner York, Dissertação, 2020.</p> <p>Área do Conhecimento: Educação</p>	<p>Esta dissertação discute o impacto do acesso e da permanência de pessoas trans e travestis nos programas de pós-graduação strictu sensu, nas instituições públicas de ensino superior (IES), através das chamadas cotas trans/travestis. Para composição do estudo descritivo crítico desconstrucionista, houve a inserção de um quadro teórico que atrela narrativas de vida, construção de memória e entrevista a dois grupos que responderam à pergunta: "Como alguém, cujo grupo identitário é marcado em 99,98% pela exclusão educacional conseguiu ir tão longe na Educação?". A inserção de (minhas) experiências, para compreender as distâncias e aproximações entre o campo educacional e um corpo travesti, foram fundantes para cartografar a vida social do corpo trans/travesti nos fluxos desse acesso à pós-graduação. Outra questão levantada foram as condições de possibilidade para o acesso e a permanência de pessoas trans/travestis na universidade, que des(a)fiam os limites da política de cotas.</p>	<p>Por mais que tenha trazido a análise dos editais das primeiras instituições de ensino federais a implantarem as cotas para pessoas trans e travestis, a pesquisa em questão não concentrou forças nessa análise. Creio que uma análise mais detalhada sobre esses editais pode nos mostrar caminhos perenes para o aumento significativo da representatividade de pessoas trans no ensino superior.</p>
<p>Mulheres travestis e trans: relações entre violências e subjetividades, de Marcelo de Oliveira Prado, Dissertação, 2017</p> <p>Área do Conhecimento: Práticas Culturais e Processos de Subjetivação.</p>	<p>O objetivo principal foi desconstruir processos de singularizações sobre violências vivenciadas, ou não, por um grupo de mulheres travestis e trans residentes na região da Grande Florianópolis. Foram entrevistadas seis pessoas que se reconhecem ou já se reconheceram como mulheres travestis ou trans. Embasei a abordagem teórica nas obras de Judith Butler e Jacques Derrida, assim como busquei contribuições da psicanálise – considerando o diálogo crítico que Butler e Derrida estabelecem com essa abordagem – e dos transfeminismos.</p>	<p>A pesquisa analisou as violências vivenciadas por travestis e mulheres trans residentes em Florianópolis, ou seja, está direcionada a uma região geográfica específica, que pode trazer algumas limitações para a construção da pesquisa.</p>
<p>Gênero na vitrine: sentidos do consumo estético e a produção de</p>	<p>O consumo se apresenta como uma poderosa tecnologia contemporânea de produção de subjetividades, uma vez</p>	<p>A pesquisa trouxe um olhar muito particular de uma determinada</p>

<p>subjetividades de mulheres trans, de Roberta Alves dos Santos Silva, Dissertação, 2017.</p> <p>Área do Conhecimento: Psicologia</p>	<p>que coordena hábitos, práticas e cria novos modos de pensar, sentir e ser no mundo, gerando modos de regulação e controle que tornem as pessoas aptas para cada vez mais consumir. Este trabalho se propôs a compreender os sentidos do consumo estético e seus efeitos na produção das subjetividades de mulheres trans. O estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa de cunho interventivo fundamentada nos campos dos estudos do consumo, foucaultianos e Teoria queer.</p>	<p>região (Recife), porém, é vital que se amplie as pesquisas para os contextos, regiões e diferentes classes, já que as pesquisas sobre consumo em nosso país ainda se mostram pouco contextualizadas.</p>
<p>Mulheres, mulheres trans e travestis em situação de violência na cidade de Santo André: estratégia de enfrentamento, Lea Gomes da Cruz Soares, Dissertação, 2018.</p> <p>Área do Conhecimento: Serviço Social: Políticas Sociais e Movimento Sociais</p>	<p>A presente dissertação objetiva estudar a questão da mulher e a população LGBT, em especial as mulheres trans e as travestis em situação de violência, implica diretamente na negação dos seus direitos, uma vez que não têm suas necessidades atendidas. O objetivo geral dessa pesquisa é verificar os motivos que distanciam as mulheres em situação de violência doméstica, as Mulheres Trans e as Travestis do mundo do trabalho.</p>	<p>Ao colocar em um mesmo cenário social mulheres, travestis e mulheres trans, essa pesquisa reduz as possibilidades identitárias e distancia as invisibilizações, já que os corpos das mulheres cis, por mais que sofram apagamentos, sofrem bem menos que as identidades trans.</p>
<p>“Meu corpo, minhas regras” representações e identidades de gênero nos discursos de ativistas (trans)feministas, de Lorena Araújo de Oliveira Borges, Tese, 2018.</p> <p>Área do Conhecimento: Linguagem e Sociedade</p>	<p>Situada na intersecção entre os Estudos de Gênero e a Análise de Discurso Crítica, especialmente em sua versão Feminista, a presente investigação analisa como as (trans)feministas brasileiras estão (re)configurando discursivamente os corpos femininos e de que maneira essa mudança discursiva interfere no processo de construção identitária dessas ativistas. O corpus analisado foi composto por textos produzidos por ativistas e divulgados em espaços que se autodeclaram (trans)feministas, imagens publicadas em páginas do Facebook de coletivos (trans)feministas e por dados gerados em grupos focais.</p>	<p>Para a construção desta pesquisa, foram escolhidas participantes residentes da cidade de Brasília. Seguindo a lógica da interseccionalidade, o direcionamento para uma determinada região limita as possibilidades de olhares em relação às vivências das participantes, visto que reduz os olhares em relação ao ser/estar em sociedade.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A revisão da literatura possibilitou conhecer o que as pesquisadoras e os pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento estão analisando sobre o as travestis. Essa parte do processo da construção do objeto de pesquisa possibilitou também conhecer os caminhos teórico-metodológicos percorridos durante as pesquisas. Dessa forma, foram selecionadas 7 (sete) pesquisas que abordam a temática escolhida em diferentes perspectivas. Nessa caminhada, percebemos o quanto as pesquisas avançaram em relação às transgressões das

identidades trans, ampliando os olhares para além do diagnóstico médico ou da invisibilização.

Há uma aproximação da nossa pesquisa com a de Borges (2018) em relação ao espaço de coleta dos dados, pois escolhemos as redes sociais como ponto de partida. O trabalho com redes sociais, sejam elas Facebook, Instagram ou Twitter, ratifica o potencial dessas plataformas digitais em relação à disseminação de informações, à interação entre as pessoas e à possibilidade de postagens com conteúdos multissemióticos, característica da Web 2.0, fortalecendo também a (des)construção da minha identidade de pesquisador do Grupo de Pesquisa Digital²⁴.

Dentre as pesquisas analisadas, destaco as produções de Soares (2018) e Prado (2017). Ao falar de violência, Soares (2018) busca encontrar os motivos que distanciam as travestis e as mulheres transexuais em situação de violência doméstica do mundo do trabalho, além de buscar estratégias de enfrentamento a essa violência. Já Prado (2017), desconstrói os processos de singularizações sobre as violências vivenciadas. Nossa pesquisa, reconhece (e denuncia) que a violência contra as travestis atinge números alarmantes, porém escolhe colocar como ponto central os saberes e as vivências dessas mulheres, ou seja, observar outras possibilidades em relação aos processos de resistência e de ativismo.

A partir da construção da revisão da literatura, foi possível percebermos algumas lacunas que nos permitiram ampliar os olhares para o nosso objeto de estudo, a seguir: as limitações em enxergar o movimento transfeminista a partir do viés interseccional; a ausência da análise de outras redes sociais, como o Twitter, para ampliação do fortalecimento do transgênero. Como linguista aplicado, esse processo de construção do objeto de pesquisa perpassa diferentes dimensões – teóricas/acadêmicas, sociais, políticas – já que a relação entre a Linguística Aplicada e os problemas sociais entrelaçam-se com o fito de superação das desigualdades sociais (MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2003; DAMIANOVIC, 2005; PENNYCOOK, 2006).

²⁴. O grupo de pesquisa Digital – Discurso e Digitalidades - desenvolve estudos relativos às práticas discursivas em ambientes digitais e contribui na construção do conhecimento relativo aos impactos das novas tecnologias na linguagem e nas práticas de letramentos digitais.

Ainda durante o período da construção do objeto de pesquisa, das leituras do arcabouço teórico-metodológico e das “andanças virtuais” no Twitter, minha mãe teve um problema de saúde no pâncreas, uma pancreatite²⁵, e precisou ser internada às pressas. Foi um momento de muita angústia e inquietude. Havia chegado o momento de pausar as leituras para dedicar-me de forma integral a minha mãe. Ao ser internada no período da manhã, começou a receber a medicação enquanto não recebíamos a visita do médico (marquei o masculino porque, constantemente, ouvia pelos corredores e até mesmo das enfermeiras o marcador de gênero masculino em referência à médica).

No período da tarde, recebemos a visita da médica. Esse foi um momento de grande surpresa para minha mãe que aguardava com muita ansiedade a passagem “do médico”. Para mim, foi um grande achado etnográfico, pois os traços de resistência da médica faziam-me crer que estava diante de uma pessoa *queer*. Meu senso de pesquisador em formação fez-me buscar informações na internet sobre a médica. Pelo nome, ‘caminhei’ por notícias e informações em redes sociais, e consegui capturar marcas identitárias marcadas na descrição do perfil da médica: “judia, sapatão, *queer* e trans”, confirmando minha hipótese inicial: uma médica *queer*.

Mesmo diante da enfermidade, esse momento proporcionou muitas aprendizagens na relação mãe-filho, pois pude debater com minha mãe questões relacionadas às identidades trans, às sexualidades, aos corpos, à branquitude da médica, desconstruindo estigmas e preconceitos. Ademais, entre uma e outra conversa com a médica, ampliei o olhar sobre as questões interseccionais, afinal, ser médica *queer* e branca, segundo ela mesma ressaltou, coloca ela em um patamar que muitas ainda não têm acesso. Nesse período, descobrimos que participamos do mesmo projeto de formação de pessoas trans*, TRANSpassando²⁶, oferecido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Esses (des)encontros possibilitaram o delineamento do objeto

²⁵ Pancreatite é a inflamação no pâncreas. O pâncreas é uma glândula localizada atrás do estômago no abdome superior. Entre as suas funções está fazer a digestão das gorduras e carboidratos que ingerimos usando o suco pancreático, substância que contém enzimas digestivas (Informação retirada do site <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/pancreatite>, acesso em 10 de julho de 2020).

²⁶ O Programa TRANSpassando é um programa de formação para o Enem e formação profissional voltado para travestis e pessoas transgêneras.

desta pesquisa, já que me permitiram (entre)olhar as diferentes possibilidades sobre gêneros, corpos e sexualidades.

A partir da conjuntura aqui reconstruída, nossa pesquisa de doutoramento faz interface entre a Análise do Discurso Crítica e as Epistemologias Travestis, e parte da etnografia virtual, perpassando pelas categorias propostas pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001), para discutir as trans-relações entre corpos, gêneros e sexualidades a partir da adoção do redimensionamento do modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001) para tratar de contraideologias. Partimos da suposição de que as travestis se engajam no (trans)ciberativismo, a partir de marcas linguísticas que se relacionam com as experiências pessoais e coletivas, com o fito de (re)construir e fortalecer seus saberes e vivências, além de fortalecer caminhos de resistência contraideológicos do binarismo homem-mulher, ampliando as trincheiras em prol da inclusão e da diversidade.

Nesse contexto, investigar os saberes e as vivências das travestis, a partir de práticas de (trans)ciberativismo, amplia as possibilidades de inclusão e de ativismo dessas pessoas, que há muitos anos são colocadas à margem²⁷ das esferas sociais. Considerando isso, busca-se, nesta pesquisa, subverter a ordem imposta por uma sociedade cisheteronormativa, patriarcal, machista e LGBTQIAP+fóbica por meio da análise de fenômenos sociodiscursivos ancorados pela Análise do Discurso Crítica e pelas Epistemologias Travestis. Para nossa empreitada discursiva, temos como mote a questão geral: Como as travestis (re)constroem, discursivamente, seus saberes e vivências no Twitter a partir das práticas de (trans)ciberativismo?

O aumento da *queerificação* das pesquisas e dos estudos sobre as travestis, além de demonstrar o compromisso social e político na produção do conhecimento, coloca em cena o debate sobre as diferentes minorias silenciadas e interditas em diferentes esferas discursivas. São vozes e corpos que ecoam e, por isso, precisam ser discutidas através de uma perspectiva transdisciplinar,

²⁷ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Neste momento, 13 de fevereiro de 2023, estou revisando partes desta introdução e me deparo com a notícia de que uma travesti foi assassinada na avenida Osório de Paiva, em Fortaleza. Nesta notícia, não há o nome da vítima de transfobia. Para muitos, é apenas mais uma. Para nós, é uma pessoa com possibilidades e sonhos. Por isso, a justiça precisa ser feita! (Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2023/02/13/travesti-assassinada-na-osorio-de-paiva-moradores-apontam-que-era-tragedia-anunciada.html>)

no nosso contexto, utilizando-se de Epistemologias Travestis e decoloniais, rebelando-se contra as barreiras do patriarcado e da cisheteronormatividade compulsória.

Nosso objetivo geral está assim traçado: “investigar a (re)construção discursiva dos saberes e das vivências de travestis no Twitter, a partir das práticas de (trans)ciberativismo, considerando as estratégias textuais, discursivas e sociais que efetivam as práticas de resistência”.

Para alcançarmos esse objetivo, iremos caminhar pelos objetivos específicos a seguir:

1. Examinar as marcas textuais (vocabulário, gramática, coesão e coerência) empreendidas pelas travestis na construção de redes de colaboração a partir das tessituras do (trans)ciberativismo dentro da esfera textual;
2. Descrever as estratégias discursivas empreendidas pelas travestis para (re)construírem e visibilizarem seus saberes e suas vivências a partir da esfera discursiva e suas subcategorias (produção, distribuição, consumo, contexto, coerência e intertextualidade);
3. Caracterizar as contraideologias que sustentam as práticas sociais e caracterizam os traços sobre corpo, gênero e sexualidades das travestis em seus perfis no Twitter, a partir das práticas ideológicas e hegemônicas.

A aproximação entre a Linguística Aplicada e as Epistemologias Travestis irá repercutir em diferentes formas de perceber-desnudar as artimanhas construídas a partir das práticas hegemônicas cis, permitindo que a produção de conhecimento se volte para um grupo minoritário que é alvo constante de negação de direitos e extermínio. Ademais, será possível, também, construirmos um arcabouço teórico-metodológico trans-centrado, possibilitando a demarcação do potencial do transfeminismo.

Como motivações pessoais, destaco a minha busca em construir um ativismo pautado nos direitos humanos – aqui demarcado como trans-aliado, na emancipação dos sujeitos e na democratização das práticas sociodiscursivas. Sob essa ótica, o estudo dos saberes e das vivências das mulheres trans* subverte as minhas experiências pessoais e coletivas, pois dessa maneira

ressignifico e desconstruo meu olhar cis em relação aos enquadramentos propostos pelo sistema, ampliando a (trans)relação do ser/estar no mundo.

Dessa forma, a investigação sobre os saberes e as vivências das travestis no Twitter a partir das práticas de (trans)ciberativismo como mecanismo de resistência objetiva trazer implicações políticas e sociais a partir de um olhar rebelde e transgressor, tendo como ponto inicial a linguagem como meio de insurgência e de resistência das travestis, já que as vozes e corpos dessas mulheres estão tecendo as tramas dessa investigação.

No capítulo a seguir, discutiremos sobre os processos que perpassam pelas práticas do transciberativismo, a partir das idas e vindas do processo de resistência construído no ativismo digital.

2 OS SABORES E AS DELÍCIAS DO OUTRO LADO DAS TRINCHEIRAS A PARTIR DAS PRÁTICAS DE TRANSCIBERATIVISMO

Se eu for falar de dificuldades talvez passasse muito tempo aqui tratando do mesmo assunto. No entanto, venho tentando mudar meu foco do que me parece tão difícil para realmente observar as boas coisas que tenho conquistado ao longo desse tempo. Obviamente nem tudo são flores, a adicção ainda é uma sombra na minha vida, mudanças de comportamento ainda causam estranheza e desconfiança, isso é fato, não dá pra mudar, mas o principal é eu viver bem com as minhas próprias verdades, sabendo o que fiz ou deixei de fazer, seja bom ou não para mim mesma. A confiança na verdade não tem sido o meu foco, tenho me preocupado mesmo em simplesmente ser, independente do que quer que pensem sobre mim, e isto tem deixado a vida bem mais leve (Alexya Costa, 19/07/2019, Blog Blogueiras Feministas).

Na construção do nosso arcabouço teórico, discutimos sobre as possibilidades teóricas engendradas na nossa pesquisa. Na epígrafe, Jarid Arraes mostra-nos os espíritos insurgentes a partir da criatividade e do esforço. Nessa caminhada, buscamos entrelaçar (trans)ativismo, saberes e vivências de travestis e nossas categorias de análise: ideologia e hegemonia.

Em contexto global, o ano de 2011²⁸ foi marcado por forte movimentação popular por meio de protestos motivados por fatores políticos e sociais. Essas revoltas espalharam-se no mundo árabe – a chamada Primavera Árabe – e influenciaram outras revoltas na América Latina, na Europa, nos Estados Unidos. Nesse turbilhão de protestos, 4 (quatro) regimes autoritários terminaram, na Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen; O “Ocupe Wall Street”, iniciado em Nova York, influenciou as principais cidades norte-americanas.

Logo em seguida, no Brasil, em 2013²⁹, durante o governo da primeira presidenta eleita de forma legítima e democrática, Dilma Rousseff, avançaram de forma significativa os protestos em diversas cidades do país. Esse movimento ficou conhecido como “Protesto dos 20 centavos”, em alusão ao aumento das tarifas de transportes públicos autorizado pelo Governo Federal e repassado aos estados e municípios.

²⁸ Informação retirada do site: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/retrospectiva-2011-os-protestos-que-abalaram-o-mundo.htm>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

²⁹ Informação retirada do site: <https://g1.globo.com/economia/noticia/protestos-dos-20-centavos-revelaram-descrenca-com-o-avanco-da-economia-veja-o-que-mudou-ate-agora.ghtml>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

A Primavera Árabe, o Protesto dos 20 centavos e tantos outros protestos organizados nos últimos anos apresentam, basicamente, um ponto em comum: o uso das redes sociais como meio de organização e divulgação, ampliando a comunicação e a interação entre os atores sociais. De acordo com Recuero (2009, p. 16):

Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador [...] Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas.

O ato de conectar pessoas inter-relaciona ações individuais e coletivas, pois o ator social utiliza-se do seu repertório individual e interage, por meio das redes sociais, como o Facebook e o Twitter, por exemplo, com outros atores sociais, ampliando laços e redes, tendo “foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (RECUERO, 2009, p. 24).

Para Castells (2003), a estrutura da rede amplia o individualismo. Nessa perspectiva, “o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é que indivíduos montam suas redes, *on-line* e *off-line*, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos” (CASTELLS, 2003, p. 109). Sendo assim, a montagem dessas redes facilita a mobilização e a articulação política e social, favorecendo o ciberativismo e o (trans)ativismo, discutidos, a seguir.

2.1 Ciberativismo

O desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) possibilitaram o surgimento de diferentes possibilidades tecnocientíficas, incluindo o desenvolvimento e a expansão da internet. Com isso, as formas de interação entre os atores sociais permitiram a expansão de múltiplos veículos de comunicação, para além dos ditos oficiais. Nesse contexto, os movimentos sociais avançaram dentro e fora das redes, fortalecendo o ciberativismo. Para Castells (2013, p. 11), “a constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações”.

O ciberativismo, também chamado de ativismo digital, inspira o engajamento e a organização de diferentes pessoas em prol de uma determinada pauta ou temática. Por estarem separados de forma espacial, esses ativistas valem-se da internet e das redes sociais para se aproximarem virtualmente e até mesmo de forma presencial, ampliando as conexões. O entrelaçamento das conexões ampliou-se com a pandemia do COVID-19, já que tivemos que praticar o distanciamento social, intensificando o uso das redes sociais. Segundo Stresser (2010, p. 2), “o ativismo digital trata-se de uma nova forma de ação política; uma maneira de fazer política através de suportes cibernéticos”. Considerando as redes sociotécnicas, as pessoas buscam a veiculação de um ideal através de uma mídia de grande alcance, produzindo, portanto, o que a literatura está denominando de ativismo contemporâneo praticado em rede, através da internet. Para Urgate (2008, p. 42), o ativista digital é:

[...] alguém que utiliza a internet, e, sobretudo, a blogosfera, para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições. Um ciberativista é uma enzima do processo pelo qual a sociedade deixa de se organizar em redes hierárquicas descentralizadas e passa a constituir-se em redes distribuídas basicamente igualitárias.

A diluição das hierarquias amplia o caráter democrático e emancipatório do ciberativismo. Conforme Pereira (2011), o ciberespaço oferece novos repertórios de ação política para os movimentos ativistas. Esses repertórios são construídos, sociodiscursivamente, por meio de uma constelação de gêneros (ARAÚJO, 2021), como listas de discussão, *blogs*, e-mails, fóruns de debate, grupos de WhatsApp e transmissões ao vivo em páginas de mídias alternativas.

Na modernidade, as mídias alternativas atuam como uma possibilidade de resistência ao forte modelo hegemônico das grandes empresas televisivas e dos jornais impressos. Esse modelo alternativo permite o diálogo entre as diferentes vozes e o avanço de pautas ligadas às minorias, além da divulgação de manifestações e de formação política, já que “no ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente

diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável” (LÉVY, 1996, p. 113).

Segundo Vegh (2003), o ativismo digital possui três categorias de atuação: a **conscientização**, utiliza-se das mídias alternativas para superar a atuação hegemônica dos meios de comunicação tradicionais; a **organização e mobilização**, envolve a divulgação das informações através do engajamento social e da sensibilização dos internautas; e o **ativismo hacker**, relaciona-se com os meios de atuação do movimento, seja por meio da invasão de sites ou de denúncias.

A atuação digital individual e coletiva efetiva o engajamento político dos atores sociais, permite um olhar autônomo em relação aos contextos social, cultural e histórico e ressignifica as interações *off-line* e *on-line*, fazendo-nos crer que o ciberativismo surgiu “da necessidade de criar instrumentos que possibilitem a expressão de sentimentos e ideias contrários aos estabelecidos por um sistema de valores e posições que predominam socialmente” (PARENTE, 2014, p. 11), ou seja, um movimento transgressor ao sistema dominante. De forma transgressora, as resistências das travestis acontecem de diferentes maneiras, incluindo o (trans)ciberativismo, que será discutido no tópico a seguir.

2.2 Transciberativismo: diálogos com o transfeminismo

No tópico anterior, foram discutidas as noções de ciberativismo e, por decisão teórico-metodológica, escolhi refletir, de forma separada, o (trans)ciberativismo. Por mais que ambos impliquem em atividades sociais de ativismo, essa separação demarca as possibilidades políticas, sociais, culturais e históricas dos corpos, das vozes e das potências das travestis.

As redes sociais possibilitam que travestis, de diferentes lugares do Brasil e do Mundo, conectem-se e se engajem em prol do fortalecimento da luta pela diversidade e pela inclusão social. Esse movimento surgiu a partir da luta do transfeminismo, principalmente pelo fato de que o feminismo, em suas múltiplas correntes, ainda não consegue agregar as diferentes facetas do “ser mulher”.

Mesmo sendo considerado “um movimento contestatário que reivindica os parâmetros conceituais do ser político” (ABREU, 2020, p. 105), de forma

tradicional, historicamente, o feminismo tem em seu cerne um movimento de mulheres brancas e de classe média ou alta, com fortes influências eurocêntricas. Nesse contexto, dificilmente abarca os movimentos de mulheres negras, das mulheres trans, das mulheres indígenas e do campo e tantas outras vozes femininas sem as quais a polifonia femínea não se concretiza.

De forma sistemática, há um processo de minorização de pessoas, até mesmo dentro dos próprios movimentos sociais, como é o caso do transfeminismo negro. Ribeiro (2018, p. 07), ao fazer referência a si, mostra as experiências do silenciamento e da invisibilização de muitas pessoas negras, em particular às mulheres pretas: “não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta [...]”.

Nesse contexto, o transfeminismo surgiu como forma de engajar as potências das travestis na luta pela emancipação dos corpos, das vozes e das vivências. São corpos vistos/percebidos dentro e fora das redes sociais, além de serem, cotidianamente, culpabilizados e vitimados por uma forte tendência genocida³⁰. Ao lutar de forma coletiva, o transfeminismo tensiona o debate, quebra paradigmas e avança para além do academicismo. Segundo Jesus e Alves (2012, p. 15):

O feminismo transgênero ou transfeminismo é, particularmente, um movimento intelectual e político que: 1) desmantela e redefine a equiparação entre gênero e biologia; 2) reitera o caráter interacional das opressões; 3) reconhece a história de lutas das travestis e das mulheres transexuais, e as experiências pessoais da população transgênero de forma geral; e 4) é aberto, e pode ser validado por quaisquer pessoas, transgênero ou cisgênero.

O transfeminismo, aqui refletido e demarcado como (trans)ciberativismo, rompe com as construções hegemônicas impostas pelo patriarcado e pela cisheternormatividade, principalmente porque, como atores centrais, fortalece as diferentes (re)construções das travestis, ampliando e dialogando de forma interseccional com vertentes decoloniais. No Brasil, o (trans)ciberativismo está

³⁰ No Brasil, nos quatro primeiros meses de 2021, chegamos a triste marca de 56 assassinatos, sendo 54 mulheres trans/travestis e 2 homens trans/transmasculinos. (Fonte: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/05/boletim-001-2021.pdf>, acesso em 28 jun. 2021).

ganhando fortes proporções nas redes sociais, como o *Facebook*³¹ e o *Twitter*³², além de plataformas de *blog*, como o *Médiu*m³³. Além do engajamento em coletivos e associações, como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA³⁴).

Os saberes e as vivências individuais em diálogo (trans)formador com a coletividade trans* altera, mesmo que ainda de forma lenta e gradual, as matrizes de preconceito, de estigma e de genocídio³⁵ das pessoas trans, permitindo que as experiências da comunidade trans sejam referências de resistência e de luta pela emancipação e diversidade. Rodrigues (2020), em sua página do Médiu

O estado compulsório da heterossexualidade cisgênero produz um terror como forma de construção da identidade travesti. São processos que trabalham numa perspectiva 'produtiva' de um poder extremamente sofisticado. Tenho investido forças e gozo para pensar estratégias não só de defesa, mas também de ataque. Quando digo que "precisamos colocar o cu em jogo" estou querendo dizer que existe uma urgência em evidenciar quais são nossas estratégias bélicas de atuação, na assembleia dos corpos e nas políticas das ruas, para pensar outros projetos de mundo e de vida possíveis. Além disso, destaco: não seria interessante pensarmos essas questões através de um terceiro olho? (RODRIGUES, 2020).

Pensar as diferentes questões com o terceiro olho – 'colocar o cu em jogo' – é refletir, debater e questionar as epistemologias demarcadas pelo patriarcado, pelo eurocentrismo, pela cisheteronormatividade e pela branquitude, ou seja, é tensionar as epistemologias travestis nas redes sociais e fora delas.

2.3 Fortalecendo o traviarcado para ocupar espaços

Nesta pesquisa, como já foi dito, escolhemos caminhar-para-além-do-ódio, ou seja, nossa escolha teórico-metodológica-ideológica perpassa pelos

³¹ www.facebook.com

³² www.twitter.com

³³ www.medium.com

³⁴ www.antrabrasil.org

³⁵ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: É extremamente difícil abrir notícias sobre práticas de preconceito, principalmente em casos de transfobia. O cispatriarcado mais uma vez mata um corpo trans. Dessa vez foi a travesti Sofia ou Giselly, como era chamada, de apenas 22 anos. Segundo relatos de um familiar de Sofia, ela era alegre e divertida. Aqui, fica nossa homenagem e nosso repúdio a esse caso de transfobia. Sofia, presente! (Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2022/02/11/todo-mundo-gostava-muito-dela-era-alegre-e-divertida-a-familia-esta-arrasada-diz-parente-de-travesti-morta.html>)

saberes e pelas experiências (re)construídas pelas travestis, quebrando paradigmas e ratificando as múltiplas identidades travestis, pensando em como “as bichas fazem a revolução³⁶”.

Entretanto, é preciso expor (e até mesmo denunciar) que o número de travestis assassinadas nos últimos anos é cada vez maior. Como um dos muitos exemplos, trago a barbárie³⁷ contra uma mulher trans*, negra e periférica, de 40 anos que foi queimada viva no Centro de Recife, no dia 24 de junho de 2021. Esse ódio e, conseqüente, genocídio às travestis decorre das ainda poucas políticas inclusivas e da cristalização dos estigmas e preconceitos nos diferentes espaços sociais. De acordo com Jesus (2012, p. 3):

No que se refere ao seu cotidiano, as pessoas transgêneras são alvos de preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido à educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios.

Araújo³⁸ e Freitas (2021) ressaltam que há um embate político-social engendrado em prol do apagamento e silenciamento das pessoas trans*. O termo “silenciamento” se refere ao silenciamento discursivo que, segundo Lessa (2013), faz referência a tudo aquilo que não deve ser comentado nem ensinado e/ou aprendido, ou seja, ao conjunto de verdades que não pode e que não devem ser tratadas e socialmente postas em debate, o que contribui para a naturalização do não falar sobre dados elementos sociais, que se tornam inaudíveis – e, portanto, silenciados. Com forte ênfase às travestis, pois o machismo e o patriarcado reforçam as interdições dos corpos, das vozes e das identidades das travestis. Para Butler (2003), nas sociedades heteronormativas,

³⁶ Em sua pesquisa sobre “A pirâmide do discurso de ódio em redes sociais: em tela a pessoa LGBTQIAPN+”, Araújo (2021) analisou o discurso de ódio contra as pessoas dessa comunidade nas redes sociais, considerando as relações entre as imagens que são construídas nesse tipo de interação social e as manifestações explícitas do discurso de ódio.

³⁷ Informação retirada do site: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/25/mulher-trans-e-queimada-viva-no-centro-de-recife-codeputada-denuncia-transfobia>. Acesso em 30 jun. 2021.

³⁸ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Para além dos momentos de orientação presencial e das trocas de e-mails, constantemente o professor-orientador-amigo Júlio Araújo me enviava publicações no Instagram sobre inclusão, diversidade sexual e travestilidades. Cada nova postagem me permitia trocar as lentes para percorrer outros possíveis caminhos transgressores. Essa troca permitiu-me estar constantemente experienciando as resistências de diferentes travestis.

os gêneros inteligíveis são os que reforçam e mantêm continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática social.

Nesse contexto, Butler (2003, p. 38) reforça que as “identidades de gênero que fogem dessa coerência e continuidade não podem existir, pois não são inteligíveis em relação à matriz binária [...] gerando matrizes rivais e subversivas da desordem de gênero”. Segundo Preciado (2019, p. 57):

“Mudar de sexo” não é, como quer a guarda do antigo regime sexual, dar um salto para a psicose. Mas também não é, como pretende a nova gestão neoliberal da diferença sexual, um mero trâmite médico-legal que pode ser completado durante a puberdade para dar lugar a uma normalidade absoluta. Um processo de redesignação de gênero em uma sociedade dominada pelo axioma científico-mercantil do binarismo sexual, onde os espaços sociais, trabalhistas, afetivos, econômicos e gestacionais estão segmentados em termos de masculinidade ou feminilidade, de heterossexualidade ou homossexualidade, é cruzar aquela que talvez seja, juntamente com a raça, a mais violenta das fronteiras políticas inventadas pela humanidade. Cruzá-la é ao mesmo tempo saltar uma parede vertical interminável e caminhar sobre uma linha desenhada no ar.

As duas citações anteriores são relevantes na medida em que o inconformismo às normas (BUTLER, 2003) e o cruzamento das fronteiras políticas (PRECIADO, 2019) (re)criam tensões, rechaçam o determinismo biológico proposto pelo sistema binário e (trans)formam corpos/vozes/identidades. Esse movimento amplia os saberes e as vivências das travestis, expandindo as resistências para ocupar os diferentes espaços sociais, inclusive nas redes sociais por meio do transciberativismo.

Para essas travestis, o ato de resistir implica diretamente no ato de existir, pois, no contexto da sociedade cisheteronormativa, os privilégios ecoam para seletos grupos, e as ações cotidianas dessas mulheres não são dadas, muito menos legitimadas, e sim marginalizadas: os corpos são controlados, os nomes sociais negados e os banheiros recusados, por exemplo.

Em contramão ao silenciamento e à dizimação, as travestis resistem/existem e produzem saberes e vivências e demarcam espaços para além dos mitos disseminados pela cisheteronormatividade: o determinismo da prostituição, a prática da pedofilia ou o acúmulo de doenças sexualmente transmissíveis. Criar mitos, estigmas e tabus é uma forma de dominação e manutenção do ideário binário proposto pelos segmentos conservadores. Para Andrade (2012, p. 17):

As travestis podem se desenvolver no centro da sociedade, não precisam esperar a formatura ou a inclusão no mundo do trabalho. Elas podem acontecer na educação básica ou no seio familiar. É inegável que o território da travesti já não é mais o mesmo, foi ampliado, foram criadas novas formas que não devem conduzir a novas fôrmas. Quanto mais diversificado for o campo de estudo sobre as travestis, maior será a possibilidade de compreendê-las. Assim como os heterossexuais são capazes de viverem em diversos contextos (sociais, educacionais, profissionais etc.), o mesmo pode ocorrer com as travestis. A presença destas nos espaços de convivência, de trabalho, de aprendizagem, de decisões políticas pode ajudar a desmitificar essa ideia de que toda travesti se constrói na prostituição.

Ao nos aproximarmos das reflexões de Andrade (2012), ratificamos o potencial das identidades travestis, já que as “novas formas” possibilitam o acesso e a permanência das travestis em múltiplos territórios. Não podemos negar que esse processo ainda é estigmatizado por nós – pessoas cis – por isso, o desenvolvimento e fortalecimento do trans-aliado implica em uma mudança de paradigmas a partir da compreensão do nosso lugar de privilégio demarcado pela cisnormatividade, sendo assim, reduziremos, na prática, as situações de negação e preconceito dos corpos e vozes travestis.

Nessa perspectiva, compreendo que meu papel de trans-aliado implica em muitas limitações, por isso, as vozes que ecoam nesta pesquisa fazem parte um processo de (re)construção de olhares e possibilidades, principalmente pelo fato de que, dentro das relações de poder, cabe-nos questionar e colocar constantemente nossa cisgeneridade em xeque, e para as travestis, como afirmou³⁹ Céu Cavalcanti (2018), “disputar a produção de registros é fundamental e acreditar que alguém, que não nós, vai nos salvar do extermínio físico e simbólico é de uma inocência que não nos cabe mais”.

³⁹ Informação retirada do site: <https://ceucavalcanti.medium.com/por-escritas-travestis-anti-coloniais-7c7bc132ecfd>

3 ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC): TRANSGREDIR PARA EXISTIR

Seguimos sendo corpos invisíveis para eles, sem rosto, só genitália! E assim como os homens, pessoas que dizem te enxergar enquanto possibilidade, e não se movimentam para te assumir, te enxergar, te conhecer, não se fazem presentes, essas, assim como os homens, não são dignas de sua presença, de sua atenção, tão pouco do seu amor (Sophia Riviera, 07/05/2020, Medium).

Apesar de ainda “seguirem sendo corpos invisíveis para eles”, nosso enfoque é desestabilizar a norma cisheteronormativa fortalecidas por “eles”. Por isso, nesta seção, para reforçar o delineamento do arcabouço teórico da pesquisa, fazemos reflexões a partir das nuances da Análise do Discurso Crítica (ADC) com o fito de (re)criarmos caminhos para desnudarmos as interdições da transfobia e para evidenciar os saberes e vivências das travestis.

3.1 Análise do Discurso Crítica (ADC): a construção do arcabouço teórico-metodológico

Nesta seção, refletimos sobre o arcabouço teórico-metodológico que a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) trará para a proposição das categorias e para o processo analítico dos saberes e das vivências das travestis consoante o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001, p. 89), para quem é necessário “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem”

3.1.1 O discurso para a ADC

A ADC é uma área de conhecimento que (re)constrói modelos teórico-metodológicos a partir do entrelaçamento entre as práticas de linguagem e as práticas sociais, possibilitando o desvelamento das opressões nas múltiplas esferas sociais, ou seja, “[...] busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas” (RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 185).

Para Fairclough (2001), a prática da análise do discurso não deve seguir um modelo cristalizado e rígido, pois “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo

com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 275). Nessa perspectiva, abre-se caminho para uma análise transdisciplinar e emancipatória, empenhada em denunciar os problemas sociais, como o caso do discurso de ódio às pessoas trans*.

Em seu trabalho, Fairclough (2001) utiliza-se do trabalho de Halliday (1978) para abordar os efeitos constitutivos do discurso e reflete sobre as funções identitária, relacional e ideacional, mostrando que a prática discursiva contribui tanto para reproduzir a sociedade, como para transformá-la. Para o referido autor (2001, p. 91):

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Nessa teia constitutiva do discurso, por meio das interações, as significações são (re)construídas atreladas aos contextos social, espacial e identitário, permitindo que diferentes produtores (re)formulem ações por meio do discurso, moldando e ampliando o ser/estar no mundo através das intervenções sociais.

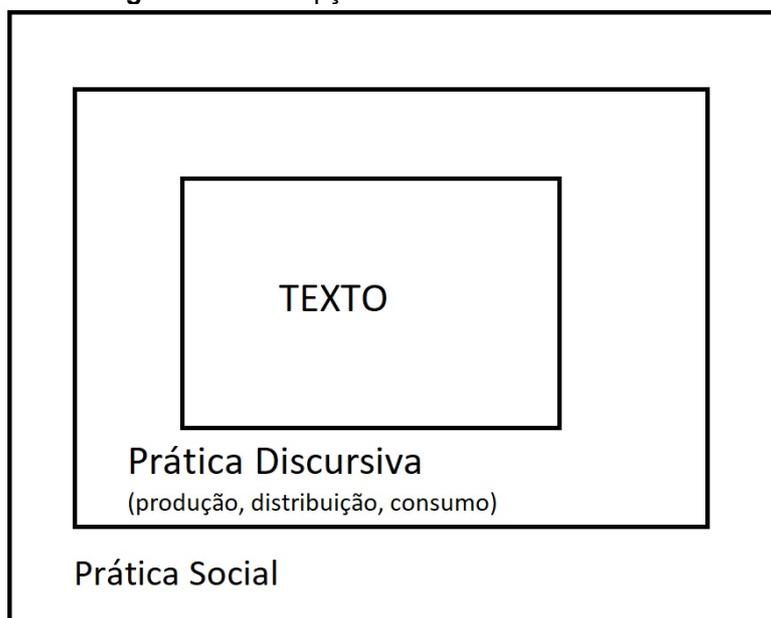
Em função disso, a noção de discurso como prática implica na dialética entre discurso e prática social, marcando-o como historicamente situado. “Isso significa que os tipos de discurso podem também ser envolvidos de diferentes maneiras – podem ser 'reinvestidos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 95, grifo do autor).

Ao utilizarmos a noção de discurso proposta por Fairclough (2001), aparamo-nos no entrelaçado das tramas sociais, inserindo em camadas, permitindo uma análise aprofundada da relação dialética entre texto-sociedade, sendo “[...] possível identificar conexões entre escolhas linguísticas de atores sociais ou grupos e os contextos sociais mais amplos nos quais os textos analisados são formulados” (RESENDE, 2009). A partir dessas escolhas linguísticas, os produtores vão ampliando as potencialidades discursivas, criando traços que vão repercutir no cotidiano. Por isso, a seguir, vamos discutir o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001).

3.1.2 A concepção tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2001)

A concepção tridimensional⁴⁰ do discurso foi proposta por Fairclough em 1989 e aprimorada em 1992, dispondo o discurso em 3 (três) dimensões: texto, prática social e prática discursiva. Esse modelo, disposto na Figura 6, a seguir, surgiu como “[...] uma tentativa de reunir três tradições analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise de discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100).

Figura 6 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001)

De acordo com Fairclough, a **dimensão textual** envolve os aspectos formais do texto, atrelando as formas linguísticas às noções de significado. Esse processo envolve o vocabulário, a gramática das palavras e a coesão. A **prática discursiva** analisa os contextos de produção, de distribuição e de consumo, além das relações presentes nos atos de fala, na coerência e na intertextualidade. Na **prática social**, há o entrelaçamento das práticas de ideologia e hegemonia, o que implica no poder e suas relações. Estrutturamos

⁴⁰ Nossa escolha pelo modelo tridimensional reconhece a importância do modelo de prática social, elaborado em momento posterior. Entretanto, pautamo-nos na ideia da transgressão das possibilidades ratificada pelos Estudos Queer, adequando-nos à compressão de perceber o discurso como texto, para depois analisá-lo como prática discursiva e, em seguida, como prática social. Acreditamos que essa escolha carrega em si o potencial de protagonismo do pesquisador.

no quadro 2, a seguir, as categorias analíticas que alicerçaram as nossas análises:

Quadro 2 – Categorias analíticas do Modelo Tridimensional

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário	Coerência	Ideologia
Gramática	Intertextualidade	Hegemonia
Coesão	Produção	
Estrutura textual	Distribuição	
	Consumo	

Fonte: Elaboração do autor (2020)

Nesta pesquisa, escolhemos utilizar a concepção tridimensional do discurso, proposta por Fairclough, em 1992, devido às nossas categorias de análise envolverem as três dimensões – textual, discursiva e social– com forte ênfase para a ideologia e a hegemonia. Mesmo escolhendo a prática social para ancorar nossas análises, iremos ter como ponto de partida a esfera textual, para depois caminhamos pela prática discursiva e, assim, chegarmos à prática social com ênfase nas duas categorias escolhidas: ideologia e hegemonia. Nosso intuito não é hierarquizar/qualificar tal modelo em detrimento dos modelos posteriores, sendo assim, nossa escolha pautou-se pela ideia de que o modelo tridimensional contempla nossa análise a partir do discurso como prática social.

Ao nos aprofundarmos na análise dos eventos sociais, analisamos o texto com enfoque em dois caminhos: o vocabulário e a gramática. No **vocabulário**, analisamos as palavras de forma individual, além das relações entre as palavras e suas significações. No aspecto **gramatical**, descreveremos os moldes de combinação das palavras em orações e frases, ou seja, os arranjos sintáticos.

Na prática discursiva, ao analisarmos a produção, a distribuição e o consumo, percebemos que cada uma dessas categorias analíticas tem suas especificidades. Sobre a **produção**, “é produtivo desconstruir o(a) produtor(a) em um conjunto de posições, que podem ser ocupadas pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107). Nesse contexto, o espaço do Twitter amplia o potencial coletivo do produtor do texto, pois diversas vozes vão se juntando ao debate entre *tweets*.

Sobre a **distribuição**, Fairclough (2001, p. 108), mostra-nos que “alguns textos têm distribuição simples – uma conversa casual pertence apenas ao contexto imediato de situação em que ocorre –, enquanto outros têm distribuição complexa”. Nos tweets coletados, desvelamos os níveis de simplicidade/complexidade da distribuição dos textos, mostrando como as travestis se interligam nas práticas (trans)ciberativistas e produzem conhecimentos e saberes sobre corpos, gêneros e sexualidades. Esses níveis serão mensurados com base na prática textual, partindo dos recursos utilizados, como, por exemplo, o vocabulário, a estrutura gramatical e os elementos coesivos.

Em relação ao **consumo**, Fairclough (2001, p. 107) nos mostra que “os textos também são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos. Isso tem a ver parcialmente com o tipo de trabalho interpretativo que neles se aplica [...] e com os modos de interpretação disponíveis”. No Twitter, por exemplo, diferentes gêneros circulam, o que permite leituras/interpretações diversas de acordo com cada contexto social envolvido. Segundo Fairclough (2001, p. 107), “o consumo, como a produção, pode ser individual ou coletivo”. Sendo assim, a análise dos *tweets* respostas foi também um caminho que percorremos durante a pesquisa.

Nesse percurso teórico com enfoque na prática social, é possível perceber que as relações de poder tentam, de diversas maneiras, silenciar e marginalizar os grupos minorizados – com enfoque aqui para as travestis – por isso, ratificamos o conceito de poder como algo tão caro para a ADC, já que as relações de poder se aproximam das relações de dominação. Poder é a possibilidade que os indivíduos ou instituições têm de fazer uso de algum tipo de recurso para atuar em determinado contexto social (GIDDENS, 2003). Em nossa pesquisa, consideramos que as travestis atuam a partir do contrapoder, criando mecanismos de resistências para, de fato, existirem.

As hierarquias de poder promovem interdições nas vozes e corpos dessas mulheres, visto que vivemos sob o domínio hegemônico de uma sociedade permeada de práticas sociais que valorizam e disseminam o modelo⁴¹ cis-hétero-

⁴¹ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Nas trilhas da subversão, compartilho aqui, com extrema felicidade, a vitória de mulheres trans e travestis na eleição ocorrida no dia 2 de outubro de 2022. Pela primeira vez, o Congresso brasileiro terá representantes transexuais: as

branco-patriarcal-machista. Para Gramsci (2001), **hegemonia** é o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais. Esse domínio utiliza-se muito mais no consentimento, do que na força propriamente dita. É preciso demarcar que essa dominação é carregada de certa instabilidade, já que se articula a partir da luta dos diferentes movimentos sociais.

Nesse enfoque, nosso olhar de pesquisador trans-aliado perceber a partir das pistas discursivas que as travestis no Twitter transgridem, de diferentes formas, essa dominação hegemônica, criando uma contra-hegemonia a partir dos saberes e vivências de cada transativista. Esse movimento insurgente produz possibilidades de inclusão e de emancipação social dos atravessamentos identitários dessas mulheres.

Para fortalecer as relações desiguais e hierarquizadas de poder, o modelo cis-hétero-branco-patriarcal-machista reforça um ideário ideológico conservador e permeado de práticas culturais tradicionais, com o fito de homogeneizar os povos e silenciar aquelas que são consideradas transgressoras do modelo apreciado como padrão. Segundo Thompson (2011, p. 16), o conceito de **ideologia** “pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas”. Por isso, a partir das relações entre os três níveis analíticos – texto, prática discursiva e prática social - nosso objeto de pesquisa está alicerçado nas estratégias de resistência das transativistas no processo de construção discursiva das contraideologias, desestabilizando as relações de poder.

Thompson (2011) elaborou uma proposta metodológica de reconhecimento/identificação das práticas ideológicas. O referido autor mostra-nos 5 (cinco) modos gerais de operação das práticas ideológicas, são elas: 1) legitimação; 2) dissimulação; 3) unificação; 4) fragmentação e 5) reificação, ressaltando que não são as únicas formas de operacionalização da ideologia, além de ressaltar que essa proposta é exemplificativa e não exclusiva. Elaboramos o quadro a seguir para detalhar esses modos de operacionalização:

deputadas federais, Erika Hilton (PSol-SP) e Duda Salabert (PDT-MG) e nas assembleias legislativas de Sergipe e do Rio de Janeiro, Linda Brasil (PSol-SE) e Dani Balbi (PCdoB-RJ). É mais um fôlego de luta e de resistência a partir da ocupação do espaço institucional. (Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5041807-conheca-as-quatro-mulheres-trans-eleitas-deputadas-em-2022.html>)

Quadro 3 – Modos de operacionalização das práticas ideológicas

Modos de operacionalização	Estratégias das práticas ideológicas
Legitimação	As relações de dominação são representadas como legítimas, baseando-se em racionalização, universalização e narrativização.
Dissimulação	A ideologia pode ser ocultar ou negar práticas de dominação, sob o viés do deslocamento, da eufemização e das figuras de linguagem.
Unificação	Ocorre a partir da construção e do fortalecimento de identidades coletivas, centrando-se no ideário unidade/coletividade.
Fragmentação	Separação de pessoas ou grupos considerados ameaças ao grupo dominante, por meio da separação ou da expurgação.
Reificação	Retratção de uma situação transitória como algo natural e permanente, fortalecendo-se a partir da naturalização, da eternização e da nominalização.

Fonte: Baseado na proposta metodológica de Thompson (2011)

A construção discursiva (re)criada nos eventos discursivos das transativistas permite-nos observar as práticas sociais por meio das dimensões já discutidas – textual, discursiva e social, permitindo que as estratégias das práticas ideológicas (THOMPSON, 2011) sejam transgredidas pelas transativistas a partir do fortalecimento de contraideologias sobre gênero, corpos e sexualidades sejam analisadas sob o viés da transdisciplinaridade.

As pessoas, por meio das interações nas práticas discursivas e sociais, contribuem nos processos de manutenção ou transformação das práticas ideológicas e hegemônicas, já que possuem “[...] relativa liberdade para estabelecer relações inovadoras na (inter)ação, exercendo sua criatividade e modificando práticas estabelecidas” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 46). Por isso, nosso objetivo, ao analisarmos as postagens das transativistas, por meio do mergulho netnográfico, é capturar as transgressões (trans)elaboradas no processo de resistências identitárias.

As tramas engendradas nos eventos discursivos efetivam a mudança linguística, ampliando o processo dialético entre as ordens do discurso e a prática discursiva. Essa mudança envolve a transgressão e o cruzamento de

fronteiras, já que quebra as barreiras do sistema formal. Para Fairclough (2001, p. 128):

À medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens do discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso. novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem de discurso local de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem de discurso societária.

Nessa perspectiva, a mudança discursiva entrelaça-se com a mudança social a partir das novas articulações a partir dos eventos discursivos. As produtoras dos textos – aqui destacadas pelas travestis - (re)criam possibilidades discursivas contra-hegemônicas e ideológicas, desestabilizando as ordens discursivas dominantes. Esse movimento produz novas formas de perceber/investigar a linguagem, permitindo um estudo transdisciplinar, transgressor e emancipatório em franco diálogo com os estudos *queer* e as Epistemologias Travestis.

4 OS ESTUDOS *QUEER* E AS EPISTEMOLOGIAS TRAVESTIS: GÊNERO, CORPES E SEXUALIDADES EM MOVIMENTO

Nas décadas de 60 e 70, os estudos sobre gênero, corpes e sexualidades ainda não fazia parte, de forma enfática, da pauta linguística. Havia nesse momento um direcionamento aos aspectos lexicais e, em alguns casos, aos morfossintáticos (BORBA, 2015). Com o avanço da Linguística Aplicada e dos Estudos *Queer*, o entrelaçamento entre linguagem e questões ligadas à sociedade permitiram um (re)pensar nas práticas linguísticas sob o viés social. Sob essa perspectiva, nosso objeto de pesquisa busca transgredir o as ideias tradicionais impostas pela cisheteronormatividade, permitindo que as Epistemologias Travestis dialoguem com os estudos linguísticos.

Desse modo, a Teoria *Queer* construiu seus primeiros passos nos EUA, no final da década de 80, e teve como ponto de partida a oposição crítica aos estudos sociológicos sobre os grupos minorizados de gênero e de direitos sexuais (MISKOLCI, 2009). Enquanto esses grupos buscavam (e até mesmo insistem nessa busca) serem aceitos, o movimento *queer* tensiona o debate não sobre aceitação, mas sobre as transgressões ao sistema cisheteronormativo vigente. Para Guacira Lopes Louro (2004, p. 38),

[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.

O movimento ‘transgressor’ e ‘perturbador’ dos Estudos *Queer* rompe as barreiras da normalidade/estabilidade proposta pelo sistema ao inviabilizar a noção de identidades marcadas pela homogeneização dos corpes, das sexualidades e das sexualidades. Esse viés possibilita conexões amplas para as diferentes áreas do conhecimento, quebrando as barreiras da colonialidade, e ressignificando o fazer/construir pesquisas para além dos espaços da universidade.

Com ênfase na dominação e na predação dos povos e culturas, a colonialidade carrega em si raízes duradouras, já que está presente nas relações

dos discursos, das práticas e das atitudes, objetivando a subalternização dos povos colonizados e a permanência hegemônica na nação colonizadora (QUIJANO, 2005). Em contrapartida, o decolonialismo tem como mote a “reorientação da posição do sujeito em um novo plano histórico, emergente de uma releitura do passado, que reconfigura o presente e tem como projeto uma produção democrática de uma sociedade democrática” (SEGATO, 2014, p. 59).

No constante embate contra as interdições do sistema, é urgente criar sentidos para além do centro dos Estudos *Queer*, fazendo re-nascer desencontros de transgressões. Sob essa ótica, aproximamos as Epistemologias Travestis dos Estudos *Queer*, já que ambas transgridem as normas e as hierarquizações sociais, rompendo e desarticulando estereótipos e estigmas. Para tal feito, a interseccionalidade é um recurso de terreno frutífero para a análise *queer* e, conseqüentemente, para as Epistemologias Travestis, já que traz para a cena discursiva tantas outras vivências sociodiscursivas. Nesse contexto, “a interseccionalidade funciona como ferramenta analítica para abordar a ênfase excessiva da teoria queer na branquitude, nas experiências da classe média e nas preocupações do Norte global, bem como em sua postura anti-identitária” (COLLINS e BILGE, 2020, p. 56).

Ademais, colocamos os marcadores gênero, classe e raça como ferramentas de análise das Epistemologias Travestis para então compreendermos as nuances entrelaçadas nas vivências e nos saberes das transativistas participantes da pesquisa. Os atravessamentos embricados nesses marcadores nos permitem desnudar o racismo, o cissexismo e o machismo que são produzidos e fortalecidos pela cisheteronormatividade. Segundo Collins e Bilge (2020, p. 56), “as identidades coletivas são não apenas politicamente estratégicas, como psicologicamente importantes para *queers* e trans de cor em uma sociedade com comunidades LGBTQ racistas”.

Nesta pesquisa, aproximamo-nos dos Estudos *Queer* e das Epistemologias Travestis, não para sermos ‘integrados’ ou ‘tolerados’, mas para dialogarmos com os saberes e as vivências desviantes – no nosso caso, as travestis – a partir do que é estranho e esquisito (GUACIRA LOPES LOURO, 2004). Para isso, alinhamo-nos à ideia de performatividade proposta por Butler (2002, p. 64). Para essa autora, “o gênero é performativo porque é resultante de

um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva”.

A teoria da performatividade tenta compreender como a repetição das normas, construídas sociohistoricamente, cria sujeitos a partir dessas repetições. Butler (2002) utiliza-se também das reflexões de Austin (1990) presentes na obra *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Inicialmente, Austin (1990) diferenciou os enunciados em dois tipos: os performativos – aqueles que realizam ações, já que são ditos; e os enunciados constativos – que realizam uma afirmação, constatação ou que falam de algo. Os estudos alicerçados pela Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010, 2014) permitem ampliar o olhar em relação aos estudos linguísticos, já que evitam um olhar reducionista da linguagem, que enfoca em “[...] delimitar, circunscrever, ou até mesmo cercar ou imobilizar a prática linguística ao invés de descrevê-la ou explicá-la” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 23).

Quando o médico, durante o exame de ultrassonografia, afirma: “É menina!” produz não um comentário descritivo, mas um ato performativo (BUTLER, 2008). Esse ato inicia o processo do tornar-se menina. A partir disso, inseridos em um contexto social cisheteronormativo, cria-se uma construção discursiva do gênero a partir das repetições normativas impostas socialmente: o ideário de feminilidade; as cores em tons claro, como o rosa; a espera de um comportamento calmo e recatado, aproximando-se da submissão.

A repetição dessas normas regulatórias torna o sexo como uma representação demarcada pelo gênero, apresentado como dicotômico (homem-mulher) e determinado pelas normas de inteligibilidade do gênero (BUTLER, 1990). Para a mesma autora:

[...] o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; o gênero é também o meio discursivo/cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural se produzem e estabelecem como **pré-discursivos**, anteriores à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual atua a cultura (BUTLER, 2017, p. 63, grifo nosso).

Por serem pré-discursivos, gênero e sexo são construções discursivas que demarcam e definem o corpo. Essa construção está enraizada na matriz cisheteronormativa. Em contrapartida, os estudos de Butler abrem perspectivas para a instabilidade do gênero, visto como um processo, ou seja, não é o que

somos (fixo) mas o que fazemos (mudança) na sociedade. Sendo assim, as nossas práticas sociais são cotidianamente transitórias, ou seja, os posicionamentos discursivos são “processos que estão continuamente em construção, sendo feitos e refeitos, com idas, vindas, cortes, recortes e entrecortes” (MOITA LOPES, 2008, p. 135).

Na lógica do machismo e do patriarcado, os corpos abjetos (BUTLER, 2015) são os alvos escolhidos como os corpos matáveis, pois são corpos que estão para além-da-norma e de alguma maneira, desestabilizam a falsa ilusão da homogeneização. Os corpos abjetos – nesta pesquisa, os corpos das travestis – desafiam as normas impostas pelo sistema e (re)criam performatividades linguísticas e sociais, transitando e resistindo nos múltiplos contextos sociais, *queerificando* as existências. Para Collins e Bilge (2020, p. 56):

[...] especialistas *queer* desafiam a heteronormatividade nos estudos interseccionais. Isso implica entender que o termo “*queer*” desestabiliza a própria ideia de comportamento normal – “*queer*”, portanto, torna-se um conjunto de ações, um verbo, não o que uma pessoa é ou tem. Esse entendimento de *queer* dificulta a normalização da interseccionalidade pelos grupos dominantes ou sua assimilação no “mesmo de sempre”.

Nas trilhas decoloniais, há caminhos insurgentes tensionados por pensadoras e pensadores – para pensar além das dores do colonialismo e da cisheteronormatividade – a partir de ressignificações próprias, como a *Teoria do Cu*, proposta por Pelúcio (2014), o *Transviadar* por Bento (2014) e o *Enviadecer* por Gomes Filho (2016). Neste estudo, aproximamo-nos dos estudos decoloniais com o fito de contestar as fronteiras rígidas e fixas entre a periferia e o centro, além das construções hegemônicas sistematizadas e hierarquizadas pelos grupos privilegiados. Descolonizar o gênero perpassa pelo caminho de compreensão da crítica à opressão de gênero racializada, capitalista, colonial, cissexista e heteronormativa.

Segundo Colling (2015), para a perspectiva *queer*, não existe um único meio de viver as homossexualidades, as bissexualidades, as travestilidades e, também, as heterossexualidades. Entretanto, há múltiplas pessoas que escolhem ficar nas margens e/ou nos trânsitos. Essa escolha demarca politicamente o ser/estar no mundo para transgredir a existência, criando redes

contraideológicas, por isso, “temos que construir e afinar nossas próprias ferramentas conceituais e teóricas, justamente para pensar essa realidade particular” (PELÚCIO, 2012, p. 413). Seguindo a ideia proposta por Pelúcio (2012), aproximamos dentro do nosso arcabouço teórico os Estudos Queer e as Epistemologias Travestis para ratificarmos as ferramentas conceituais que vão desnudar as contraideologias presentes nos discursos das transativistas, construindo percursos para o fortalecimento dos saberes e das vivências travestis.

A partir dessa escolha política de transgressão, foge-se da ideia de enquadramento ou adaptação aos modelos tradicionais e compulsórios de cisheteronormatividade, ecoando vozes libertárias e dissidentes dos diferentes corpos e sexualidades. Nesse percurso, a prática linguística de degradação do sujeito (BUTLER, 2002) não é efetivada de acordo com o seu objetivo real, pelo contrário, fortalece a performance das identidades plurais.

“Ocupar para resistir” é outra estratégia anti-hegemônica e contraideológica para avançar na luta pela inclusão e emancipação das travestis. Há também uma mudança de paradigma, pois por muitos anos as mulheres trans* foram colocadas como objetos de estudo, enquadrando-as no percurso da subalternidade. Com o avanço das lutas e das pautas sociais, essas mulheres hoje fazem/constroem ciência, ratificando as Epistemologias Travestis. Segundo Benevides e Lee (2018, p. 254):

Travestis e transexuais produzindo ciência sobre suas existências é uma forma de assumir de uma vez por todas que um saber é sempre posicionado e que nós temos um lugar de onde podemos falar com autoridade e sermos reconhecidas por isto. [...] Antes, analfabetas, sempre estivemos nas trincheiras da resistência. Agora, munidas do saber científico, seremos mais resistência ainda. Sem esquecer de onde viemos e aonde queremos chegar.

Benevides e Lee (2018) mostram que as vivências e os saberes construídos fora dos muros das universidades, hoje, quebram as barreiras do academicismo e da colonialidade, rompendo com as invisibilizações impostas pelo modelo colonizador. As Epistemologias Travestis desamarram as noções ilusórias de vagina-mulher-feminino-fêmea e pênis-homem-masculino-macho e colocam travestis e transexuais como autoras/atrizes/produtoras do conhecimento científico, fazendo emergir as multiplicidades identitárias. Araújo

e Freitas (2021) demonstram que os processos de dizimação dos corpos travestis está diretamente ligado à negação do acesso e permanência nas universidades, já que esse impedimento corrobora com o silenciamento e o apagamento dessas pessoas.

Dentro das Epistemologias Travestis, o transfeminismo abre diferentes caminhos para a construção de estratégias de resistência e de organização política. Berkins (2017, tradução do autor) reforça que esse movimento surgiu, inicialmente, nas calçadas e depois apareceu nos livros, ou seja, é um movimento de base e que vem se fortalecendo cada vez mais com a transsorridade, pois como afirma a deputada federal Érica Hilton: “somos muitas, mas não dispersas”, por isso, ecoar múltiplas vozes com as vivências e os saberes dentro e fora das universidades é também a demarcação político-social-ideológica de anos de silenciamento. É mostrar que a linearidade cartesiana, o colonialismo, o patriarcado, o machismo e o feminismo branco e eurocentrado não irão apagar/dizimar as existências de corpos, vozes e identidades aguerridas.

No Brasil, essas identidades aguerridas constroem cotidianamente o movimento transfeministas, visto que são as travestis e as mulheres trans – principalmente as negras e periféricas, que debatem e transgridem as noções de feminilidades e mulheridades. Esse movimento se fortalece a partir da aparente singularidade do movimento feminista demarcado pelo eurocentrismo e pela branquitude, que apaga e silencia os marcadores sociais, como classe, raça, localização geográfica, por exemplo, além de excluir travestis e mulheres trans na participação desse “feminismo”. Para Transfeminismo Marginal⁴² (2018)

[...] a exclusão das mulheres trans prejudica o feminismo. Excluir as mulheres com experiências variadas significa que aquelas que estão teorizando e trabalhando para a libertação das mulheres estão de fato excluindo perspectivas importantes. bell hooks argumentou que a obsessão feminista branca e a decepção com a inclusão das mulheres no local de trabalho poderiam ter sido evitadas pela inclusão de mulheres negras na organização feminista. [...] Da mesma forma, mulheres trans podem atestar de maneira única sobre os perigos do essencialismo de gênero e as noções estáticas de identidade. Nossa ausência é uma perda de conhecimento para o feminismo.

⁴² Informação retirada do site: <https://medium.com/@transfeminismomarginal/como-nós-falamos-sobre-inclusão-trans-importa-ae7ecef3ac>

As performances de feminilidade e mulheridades construídas e reproduzidas pela cisgeneridade impõem características específicas ao “modelo correto de ser mulher”, interditado os espaços sociais para as mulheres que insistem em transgredir essa imposição, como as travestis, as mulheres trans, as mulheres com pelos, as mulheres com poucos traços de feminilidade, ou seja, a régua da cisheteronormatividade abre caminhos para os diferentes silenciamentos, entre eles a transfobia e o feminicídio, além de reduzir as possibilidades do “feminismo”. Para Serano (2007, p. 8, tradução do autor), “[...] é um óbvio machismo reduzir qualquer mulher (trans ou quaisquer outras) somente às suas partes corporais, ou exigir que ela viva de acordo com certos ideais ditados socialmente no que diz respeito à aparência”.

Nas discussões sobre aparência e enquanto pesquisador homem, cis e trans-aliado, percebo que a construção social sobre a passabilidade cis prejudica e minimiza as potências dos corpos trans, visto que, de forma compulsória, direcionar pessoas trans a se parecerem com pessoas cis, ampliando a transfobia, visto que “precisamos perceber que além das fronteiras da passabilidade o ser transexual, travesti, transgênera permanece na posição de subumano, em um não-lugar, ocupando o que descreve sobre uma desumanização” (RIVIERA⁴³, 2020).

Essa desumanização acontece porque enquanto algumas estão, mesmo que de forma passageira, sendo beneficiadas pelos “privilégios” da passabilidade cis, outras estão muito além da margem, sofrendo com os silenciamentos e as interdições do sistema. Para virarmos esse jogo ideológico, torna-se urgente que a interseccionalidade esteja permeada nas nuances das relações contraideológicas, visto que o viés interseccional “diz muito mais sobre falar daquelas que não estão do que falar daquelas que estão” (OLIVEIRA⁴⁴, 2021).

O pensamento ciscêntrico alicerçado no patriarcado, no machismo e no conservadorismo é quem move o extermínio dos saberes e das vivências travestis, de tal modo que a tentativa de imposição em prol de uma passabilidade

⁴³ Informação retirada do site: <https://medium.com/@sophiariveracs/desmistificando-passabilidade-reforço-de-estereótipos-de-gênero-e-humanização-de-corpos-4e57f609d752>

⁴⁴ Informação retirada do site <https://medium.com/pretux/travestis-pretas-no-ux-design-e-o-que-a-interseccionalidade-tem-a-ver-com-isso-612003824e01>

cis aos corpos trans é também fornecer meios para a engrenagem da transfobia destilar seu ódio e dizimar corpos trans. No caminho inverso, as Epistemologias Travestis possibilitam que as insurgências trans sejam discutidas a partir das experiências individuais e coletivas, permitindo o fortalecimento de estratégias para além da sobrevivência, ampliando a dignidade, a inclusão e a emancipação humana.

Nosso enfoque, objetiva tensionar o debate sobre os saberes e as vivências das travestis para além das invisibilidades e do genocídio, dialogando com as diversas vozes políticas e insurgentes que (trans)formam e resignificam as resistências nas margens e/ou nos trânsitos. Nesse percurso, acreditamos ser possível o entrelaçar entre a Linguística e a Sociologia, por isso, entrelaçamos nossas categorias analíticas – texto, prática discursiva e prática social – a partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso, por meio da interface transdisciplinar entre a Linguística (LA) e as Ciências Sociais. Buscamos, através dos caminhos (trans)formados, nos afastarmos da lógica colonial-eurocêntrica-cartesiana-positivista para, então ampliarmos os olhares sobre nosso objeto de pesquisa: os saberes e as vivências das travestis. Para Resende (2006, p. 1080):

O rompimento das fronteiras disciplinares entre a Linguística e as Ciências Sociais traz avanços para ambas. Por um lado, favorece, para a Linguística, a ancoragem das análises em perspectivas teóricas acerca da estrutura e da ação sociais; por outro lado, propicia, para as Ciências Sociais, um arcabouço para análise textual.

Na busca pelo rompimento das fronteiras, utilizamo-nos da interface entre a Linguística Aplicada (LA) e as Ciências Sociais para desnudar a partir das nossas categorias de análise como as travestis reconstróem suas identidades a partir de práticas contraideológicas. Para tal ação, os Estudos Queer e as Epistemologias Travestis permitem o aprofundamento no olhar transgressor e indisciplinar, e a ADC possibilita discutir como as opressões sociais são costuradas e reforçadas por meio do discurso.

Não podemos deixar de considerar algumas críticas em relação aos primeiros Estudos *Queer*, principalmente pelo fato de que alguns estudos estão concentrados na dicotomia heterossexualidade-homossexualidade, deixando em segundo plano outras diferentes experiências identitárias. Para Gustavson (2009, p. 414, tradução do autor) há um fortalecimento da “norma homossexual

oculta na teoria queer”, silenciando performances transgressoras. Com o desenvolvimento das pesquisas em gênero e diversidade, outros olhares para além da heterossexualidade-homossexualidade foram surgindo, permitindo que outros saberes e vivências fossem descolados para-além-da-margem. Esse movimento efetiva a transformação de paradigmas construídas sob o viés da colonialidade e quebra as normas da cisgeneridade.

“Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Nas produções decoloniais, os sujeitos subalternos dialogam e referendam suas experiências a partir das experiências vividas e sentidas no contexto social. Aqui, não queremos dar voz as travestis – até porque isso seria condicioná-las à subalternidade – e sim, por meio do diálogo e do debate, derrubarmos as fronteiras para construirmos a possibilidade de novos olhares sobre essas experiências.

Dentro dos estudos linguísticos, os puristas dirão que “esse tipo de pesquisa não é Linguística”, afinal nossos moldes/olhares em relação ao objeto de pesquisa são (re)construídos ao longo das análises, sem perder de vista, claro, a linguagem. Nesse percurso, fazemos ativismo acadêmico e discutimos emancipação, pois “a famigerada noção da “neutralidade” do cientista nada mais é do que uma herança do positivismo que imperou na época em que a Linguística se consolidava como disciplina autônoma (RAJAGOPALAN, 2007, p. 15). Para o mesmo autor:

Abordar a Linguística de forma crítica implica, antes de tudo, abrir mão de uma das ideias pré-concebidas a respeito de pesquisa linguística que, na verdade, apenas tem funcionado como um entrave. Trata-se da crença bastante arraigada de que, por ser um cientista, um estudioso que pretende estudar o fenômeno da linguagem nos mesmos moldes em que qualquer outro cientista estudaria o seu objeto de estudo, o linguista deve apenas buscar uma maior compreensão a respeito daquilo que ele escolheu estudar, a saber, a linguagem (RAJAGOPALAN, 2007, p. 15).

Caminhar para além das fronteiras coloca-nos dentro de um compromisso ético com as diferentes potências sociais, já que as interdições são colocadas e desconstruídas em cena, sem deixarmos de levar em consideração a linguagem. Aproximamo-nos do viés crítico, social e emancipatório referendado pela Análise do Discurso Crítica, para então, construirmos as tramas textuais desta pesquisa,

partindo da premissa de que “queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la” (GAMSON, 2002, p. 151).

Nosso olhar de trans-aliado e de pesquisador em Linguística Aplicada volta-se para as construções discursivas que se evidenciam a partir do desfrute dessa marginalização, percorrendo as pistas discursivas deixadas pelas travestis nos *tweets*. Nessas transgressões, as reflexões sobre gênero, corpos e sexualidades são (re)criadas e colocadas em cena por meio dos saberes e vivências de cada transativista.

“Ser queer é entrar e celebrar o espaço lúdico de uma indeterminação textual” (MORTON, 2002, p. 121). Por isso, ao entrelaçarmos Linguística e Sociologia, buscamos capturar, sob o ponto de vista da ludicidade dessa indeterminação textual, como as operacionalizações ideológicas (THOMPSON, 2002) construídas por meio do discurso. Ademais, nosso enfoque tem como ponto de partida as desnaturalizações das práticas sociais (trans)elaboradas a partir das contraideologias das transativistas, partindo das 3 (três) dimensões instrumentais de análise propostas por Fairclough (2001): descrição, interpretação e explicação.

Nas tessituras do arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa, buscaremos entrelaçar como as performances de gênero construídas pelas travestis transgridem e rompem com a lógica binária do sistema heteronormativo, rompendo com as bases hegemônicas do cispatriarcado. Nossas análises estarão atravessadas pelas questões identitárias e terão como mote a interseccionalidade e a decolonialidade, ratificando as insurgências dos múltiplos saberes e vivências das travestis.

Na construção do aparato discursivo das contraideologias, enquandramos os discursos das transativistas numa perspectiva de emancipação e protagonismo, ou seja, afastamo-nos da ideia de que o lugar direcionado às travestis é somente o da estigmatização e o do silenciamento, sendo assim, capturamos os múltiplos saberes e vivências a partir do transciberativismo para então compreendermos que “a emancipação de todos os tipos de dominação e opressão, em um diálogo interdisciplinar entre a economia, a política e a cultura” (ROSEVICS, 2017, p. 189)

Nessa caminhada, as naturalizações e invisibilizações engendradas pelo sistema heteronormativo tentam enquadrar os corpos, os gêneros e as

sexualidades em uma lógica homogeneizada e hierarquizada, silenciando e interditando as diferentes experiências consideradas como não-padrão. Dentro dessas imposições, o ser *queer* surge como a radicalização a essas imposições. Diante do instável, entrelaçamos os olhares *queers*, estudos travestis e os estudos linguísticos. Para Borba (2015, p. 102):

Queerificar os estudos linguísticos significa produzir uma visão mais nuançada e multifacetada de como *queers* – gays, lésbicas, travestis, transexuais, heterossexuais e todos/as aqueles/as que, em suas performances, de alguma forma, desestabilizam dicotomias identitárias – utilizam a linguagem para construir-se dentro das limitações heteronormativas dos discursos que impõem posições de sujeito naturalizadas.

Os caminhos (trans)formados e as interfaces possíveis sob o viés do traviarcado nos estudos linguísticos transgridem o binarismo e desnaturalizam as normas hegemônicas vigentes. Acreditamos que essa trans-radicalidade fortalece o (des)costurar dos saberes e das vivências das travestis a partir das potências construídas nas individualidades-coletividades forjadas para além do ódio, das invisibilidades e das interdições impostas pela cisheteronormatividade. Nesse percurso, discutiremos os caminhos metodológicos na seção a seguir.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS: TRAVESTILIZANDO OS OLHARES E TRANS-FORMANDO O PERCURSO

Ter que diariamente acordar com novas incertezas, as notícias pesadas destes tempos de crises humanitárias e a lambança feita pela cúpula de governo, causa muito estresse e me deixa muito assustada sobre como iremos reorganizar as fileiras de nossa luta e tornar nossa atuação mais eficaz nesse período (Bruna G. Benevides, 02/06/2020, Medium).

Nesta seção, detalhamos o processo de construção do arcabouço metodológico da pesquisa, mostrando as idas-vindas das (des)construções e das ressignificações do objeto de pesquisa. São caminhos em (trans)formação a partir das vozes-tweets das travestis no Twitter.

5.1 Caracterização da pesquisa

Para a presente pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa porque “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2003, p. 22) Há uma aproximação entre pesquisador e as participantes da pesquisa, permitindo que as nuances dos ditos e dos não-ditos forneçam dados insurgentes sobre as travestis. Para Minayo & Minayo-Gómez (2003, p.118), “não há nenhum método melhor do que o outro, [...] ou seja, o bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador a alcançar as respostas para suas perguntas”

Segundo Fairclough (2001, p. 275), nessa mesma direção, “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”. Considerando isso, aproximamo-nos da proposta teórico-metodológica da Análise do Discurso Crítica (ADC) e os Estudos Queer, com enfoque nas Epistemologias Travestis, julgando produtivo nos utilizar da etnografia virtual, haja vista as minhas observações e reflexões enquanto pesquisador sob o objeto aqui analisado. Para Coletiva Ciborga (2022, p. 24), “nos estudos linguísticos, mais especificamente, a etnografia influenciou campos como a Pragmática, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversa e muitos outros”. Nesse contexto, temos como ponto de partida o

modelo tridimensional de Fairclough (2001), para, então, desnudarmos as contraideologias existentes nos discursos das transativistas.

Hine (2004) compreende a internet por dois percursos: o primeiro, como ciberespaço em que a cultura é constituída; e no segundo, como produto da cultura – artefato cultural – com objetivos distintos a partir do contexto no qual está inserido. Assim, por meio da etnografia virtual, é possível compreendermos as diferentes complexidades das relações construídas-estabelecidas no ambiente digital.

Para Geertz (2008, p. 7), “fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...]”. Sob esse viés, a etnografia virtual ratifica-se como um percurso com muitas incertezas e possibilidades, pois cada *link* constrói uma trajetória, o que exige do pesquisador uma atenção aguçada na construção da leitura das informações, visto que o ambiente digital é um espaço que não se limita a uma linearidade específica. Nesse contexto, “a etnografia [...] oferece uma pluralidade criticamente sustentada para lidar com o aparente caos da linguagem no ambiente digital” (COLETIVA CIBORGA, 2022, p. 27).

Escolhemos fazer uma etnografia virtual de forma silenciosa com o fito de percebermos os ditos e os não-ditos de maneira a reduzir as interferências do pesquisador nas práticas de (trans)ciberativismo. Para Araújo (2006, p. 131), “ao participar do ambiente da pesquisa, o cientista não perde sua identidade como tal”, sendo assim, coloco-me como pesquisador trans-aliado na busca por transdebater as potencialidades das identidades das travestis a partir de suas vivências e saberes, tendo como mote as (re)construções das contraideologias compreendidas nas tramas discursivas.

Dessa maneira, para a construção e análise dos dados, (trans)entrelaçamos a ADC e as Epistemologias Travestis para cruzarmos os saberes e as vivências de travestis a partir de práticas de (trans)ciberativismo. Nosso enfoque, foi analisar os dados a partir das interações no ciberespaço, em particular na rede social Twitter, para as informações contidas nos *tweets* fossem analisadas/interpretadas, ou seja, vista “[...] com outros olhos, com olhos de um estrangeiro em busca de significados” (TRAVANCAS, 2009, p. 100).

5.2 Caracterização da rede social investigada

O Twitter⁴⁵ – rede social escolhida para ser nosso espaço de pesquisa – é uma rede social criada em 2006⁴⁶ que permite o compartilhamento de informações multissemióticas, agregando fotos, vídeos, links e texto. As mensagens publicadas são chamadas de *tweets* e o *retweet* é uma informação encaminhada aos seguidores. Essas informações são postadas a partir da manipulação de gêneros e dos recursos multisemióticos, carregadas “[...] artifícios mobilizados no intuito de alcançar uma teia de propósitos ainda maior, que envolve o estabelecimento de afinidades e o fortalecimento das conexões” (COSTA, 2012, p. 104). Cada tweet permite que o usuário crie pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta: “O que está acontecendo?” (Figura 7).

Figura 7 – Tela do Twitter



Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Ao criar seu perfil, a pessoa aceita os Termos de Serviço⁴⁷, a Política de Privacidade⁴⁸ e as Regras⁴⁹ do Twitter, como por exemplo: O Twitter é público e os *Tweets* são imediatamente visíveis e pesquisáveis por qualquer pessoa em todo o mundo; a pessoa pode utilizar um pseudônimo, caso prefira não usar o próprio nome. Além disso, o Twitter possibilita a troca de informações por meio de Mensagens Diretas (DM). Há também a possibilidade do usuário “proteger” seus *tweets*, deixando visíveis apenas para seus seguidores. Ao criar o perfil, a pessoa pode criar/editar uma minibiografia que fica visível

⁴⁵ <https://twitter.com/>

⁴⁶ Informação retirada do site <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/08/25-curiosidades-sobre-o-btwitterb.html>. Acesso em 10 mai. 2020.

⁴⁷ <https://twitter.com/pt/tos>

⁴⁸ <https://twitter.com/pt/privacy>

⁴⁹ <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies#twitter-rules>

para todas as pessoas. É possível seguir pessoas e atrair seguidoras e seguidores, assim ocorrem as interações.

As regras do Twitter apontam para garantir um diálogo público e com segurança e objetivam proibir violência, assédio e outros tipos de comportamentos semelhantes. Com o avanço das *fake news*, o Twitter, teoricamente, tentou intensificar o controle de informações manipuladas e/ou falsas, como, por exemplo, spam e engajamento não autêntico.

Entretanto, mesmo com todas as discussões sobre o respeito às pessoas transgêneras, segundo o grupo LGBTQ GLAAD⁵⁰, o Twitter fez uma alteração em sua Política de Discurso Violento no dia 8 de abril de 2023, e removeu de forma direta um trecho que enquadrava “o enquadramento intencional com o gênero errado ou o uso do nome de nascimento de indivíduos transgêneros” como discurso de ódio, ou seja, com essa alteração, as pessoas trans estão desprotegidas em relação às práticas de *deadnaming* (uso do nome de nascimento de uma pessoa trans) e *misgendering* (referir-se a uma pessoa pelo gênero com o qual ela não se identifica).

Outra forma de conexão entre as pessoas é o *Trendings Topics* (TTs), que são os assuntos em tendência e mais comentados em todo o Twitter. Para ler o que várias pessoas estão comentando, basta clicar em um deles. Esse engajamento acontece através da *hashtags*, marcadas pelo símbolo do “jogo da velha” (#), como #OrgulhoTrans, #OrgulhoDeSer e #OrgulhoDaMinhaHistória, por exemplo.

Ao ampliar esse engajamento, o Twitter amplia as possibilidades de debate de diferentes temas, efetivando conexões entre uma diversidade imensa de pessoas. Para Recuero (2013, p. 85), “as conexões nessas ferramentas parecem estar amplificadas pelas práticas sociais dos atores, amplificando, também, todas as características dos públicos em rede”. Em contrapartida, muitos preconceituosos e, conseqüentemente, transfóbicos – fundamentados na ilusória ideia de que liberdade de expressão permite emitir qualquer opinião – utilizam-se dessas práticas sociais para destilar seu ódio – inclusive a transfobia. Por sua vez, a plataforma nem sempre consegue barrar esses discursos

⁵⁰ Informação retirada do site: <https://nucleo.jor.br/curtas/2023-04-18-twitter-remove-politicas-de-protecao-aos-usuarios-trans/>

odiosos, causando diferentes transtornos aos grupos minorizados, visto que são esses os alvos preferidos do linchamento virtual.

5.3 Caracterização e delimitação da escolha das participantes da pesquisa

O desvelamento das estratégias sociais-discursivo-performativas engendradas no processo de (trans)ciberativismo levou-nos a analisar as insurgências dos saberes e das vivências das travestis através de uma postagem (Figura 8) publicada por uma mulher trans* no Twitter no dia 29 de janeiro de 2021 – Dia Nacional de Visibilidade Trans, a seguir:

Figura 8 – Postagem sobre o Dia da Visibilidade Trans



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2021)

A partir dessa postagem, comecei a caminhada em busca dos (trans)achados a partir das experiências pessoais e coletivas de cada participante por meio da etnografia virtual. Por ser um método adaptável, ela possibilitou múltiplos percursos no processo de mapeamento dos tweets, como as práticas de observação, a contextualização, e interpretação sistemática dos dados (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012).

Para realização da busca no Twitter, utilizamos a postagem representada na Figura 8 como marcador temporal inicial para a pesquisa, visto que esse tweet agrega múltiplas potências trans*. Os dados foram coletados na rede social Twitter no período de 29 de janeiro de 2021 a 29 de janeiro de 2023. Escolhemos construir os dados a partir do perfil de 4 (quatro) travestis, escolhendo 5 (cinco) *tweets* de cada uma delas, totalizando 20 (vinte) postagens. O tweets foram coletados a partir do recurso de *print* diretamente do perfil do pesquisador (Figura 9).



Para a escolha das 4 (quatro) participantes, e conseqüentemente, a delimitação do *corpus*, priorizamos a interseccionalidade, já que segundo Akotirene (2019, p. 14), “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”, ou seja, afastamo-nos das práticas coloniais, eurocêntricas, sudeste-cêntricas e cisheteronormativas e aproximamo-nos das transgressões das travestis pretas, gordas, veganas, nordestinas e tantas outras potencialidades insurgentes. Para Collins e Bilge (2020, p, 56), “criticar a heteronormatividade na interseccionalidade cria espaço para novas questões sobre as relações de poder e a sexualidade e para entendimentos sobre a resistência às hierarquias sociais”. Nosso objetivo, enquanto trans-aliado, é um diálogo amplo, democrático e emancipatório. Para isso, utilizamos de alguns critérios:

- Identificar-se como travesti no perfil da rede social;
- Ter mais de 1000 seguidores. Esse critério foi escolhido devido ao engajamento do perfil em relação aos assuntos publicados. Partimos da ideia de que quanto maior o número de seguidores, maior será a possibilidade de práticas de (trans)ciberativismo.
- O perfil precisa ser aberto ao público, ou seja, as informações são compartilhadas com todas as pessoas da rede social, sem nenhuma restrição;
- As postagens precisam, em grande maioria, discutir e debater assuntos relacionados aos saberes e as vivências das travestis;

- Fazer parte da instrumentalidade interseccional, efetivando insurgências em diferentes margens.

A partir desses critérios, discutimos no tópico a seguir os procedimentos éticos utilizados durante a construção dos dados desta pesquisa.

5.4 Procedimentos éticos

A decisão da permanência, ou não, em silêncio dos pesquisadores, na etnografia virtual, precisa ser refletida (HINE, 2004), pois influencia as escolhas teórico-metodológicas do arcabouço da pesquisa. Ao refletirmos sobre as redes de (trans)ciberativismo e as interdições do (cis)tema, optamos por trilhar os dados de forma silenciosa, atuando como trans-aliado e pesquisador-observador, com o objetivo de perceber as insurgências sociais, discursivas e performáticas (re)construídas nas discussões dos tweets escolhidos, sem interferir de forma direta nos comentários postados, “reconhecendo as tensões que atravessam a pesquisa” (COLETIVA CIBORGA, 2022, p. 55).

Nesse contexto, seguindo a Resolução 510/16, Cap. 1, Art. 20, XV, utilizamos a estratégia metodológica da pesquisa encoberta, que é “conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa”. Para exercermos nosso compromisso ético e social com a ciência e com a sociedade, seguimos dois importantes ritos: o primeiro, refere-se ao cuidado e ao respeito à privacidade das transativistas, sem realizar referência direta a nomes e imagens, além de não identificar as postagens, respeitando a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei no. 13.709/2018); segundo, utilizamos páginas públicas no Twitter que não requerem inscrição ou autorização da usuária para se ter acesso ao conteúdo.

Em virtude dos princípios éticos da pesquisa e da preservação de face das participantes, escolhemos identificá-las de acordo com um vocábulo colocado por elas próprias no perfil. Acreditamos que essa nossa escolha se aproxima de um papel efetivo de um trans-aliado: respeitar a identificação das pessoas conforme elas desejam serem reconhecidas. Partindo desse pressuposto, nossas 4 (quatro) (trans)ativistas serão identificadas por: Mestranda (Figura 10), Financiada pelo PT (Figura 11), Veg (Figura 12), Mãe

(Figura 13). As imagens a seguir são *prints* dos perfis das participantes da pesquisa:

Figura 10- Print do perfil da Mestranda

travesti 🏳️‍🌈 militante & ativista | nesse perfil eu falo sobre pessoas trans e travestis | ela/dela

📍 Rio Grande do Sul, Brasil 🔗 [redacted]

📅 Ingressou em maio de 2019

2.239 Seguindo **17,3 mil** Seguidores

Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Figura 11- Print do perfil da Financiada pelo PT

travesti, gorda, bissexual. abolicionista penal, transfeminista. integrante da diretoria da Nova Associação de Travestis e Transexuais de Pernambuco - Natrape

📍 Recife - PE 🔗 [redacted]

👤 Nascido(a) em 7 de dezembro de 1992 📅 Ingressou em dezembro de 2018

348 Seguindo **6.965** Seguidores

Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Figura 12- Print do perfil da Veg

Mulher trans não binária (catgirl), ace, comunista, divulgadora científica [redacted]
[redacted], paleontóloga, filosofia da ciência, crocodilianos. ela/she

🔗 [redacted] 👤 Nascido(a) em 1 de novembro

📅 Ingressou em agosto de 2019

7.847 Seguindo **12,4 mil** Seguidores

Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

Figura 13- Print do perfil da Mãe

Travesti. Educadora popular. Falo sobre América Latina, feminismo, antirracismo e ecossocialismo. Colunista em @ [redacted]. Ex assessora de [redacted]

📍 Rio de Janeiro, Brasil 🔗 [redacted]

📅 Ingressou em janeiro de 2019

1.615 Seguindo **29,1 mil** Seguidores

Fonte: Acervo do pesquisador (2020)

No t3pico a seguir, discutimos as categorias anal3ticas utilizadas na an3lise de dados da pesquisa.

5.5 Categorias anal3ticas e trans-forma33o do percurso

Como prop3sito anal3tico, esta pesquisa est3 alicer3ada no modelo tridimensional proposto e aprimorado por Fairclough (1992), no qual distingue tr3s dimens3es no discurso: textual, pr3tica discursiva e pr3tica social. As categorias de an3lise aqui utilizadas entrela3am-se nessa tr3ade, com enfoque relacionado nas subcategorias a seguir:

Quadro 4 – Descri33o das subcategorias

CATEGORIAS	DESCRI33O
Elementos textuais	Vocabul3rio, gram3tica, coes3o e coer3ncia empreendidos pelas travestis na constru33o de redes de colabora33o a partir das tessituras do (trans)ciberativismo dentro da esfera textual.
Pr3tica discursiva	Estrat3gias sociais e discursivas empreendidas pelas travestis para (re)constru3rem e visibilizarem seus saberes e suas viv3ncias a partir da esfera discursiva e suas subcategorias (produ33o, distribu33o, consumo, contexto, coer3ncia e intertextualidade)
Pr3tica social	Contraideologias que sustentam as pr3ticas sociais e caracterizam os tra3os sobre corpo, g3nero e sexualidades das travestis em seus perfis no Twitter, a partir das pr3ticas ideol3gicas e da hegem3nicas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nosso objetivo perpassa na an3lise das intera33es e insurg3ncias do dito e do n3o-dito a partir dos saberes e viv3ncias das transativistas. Essas categorias e subcategorias ser3o analisadas por meio de um olhar indisciplinar, transgressor e emancipat3rio a partir dos debates e das estrat3gias forjadas pelas travestis no processo de resist3ncia e de fortalecimento dos atravessamentos identit3rios. Para tal an3lise, seguimos os procedimentos anal3ticos a seguir:

Quadro 5 – Descrição das trans-formações do percurso

ETAPAS⁵¹	TRANS-FORMAÇÃO DO PERCURSO
Trans-formação do percurso 1 – Análise dos elementos textuais	Análise dos 20 tweets sob o viés das subcategorias vocabulário , gramática , coesão e coerência , com o fito de desnudar as tramas envolvidas no processo de construção dos saberes e vivências das transativistas, criando caminhos para a Trans-formação do percurso 2.
Trans-formação do percurso 2 – Análise da prática discursiva	Reflexões sobre como as subcategorias produção , distribuição e consumo influenciam no engajamento dos perfis das transativistas, descrevendo também como outras subcategorias, como contexto , coerência e intertextualidade , contribuem com as tramas discursivas.
Trans-formação do percurso 3 – Análise da prática social	Percurso analítico de desmonte das ideologias e hegemonias dominantes, partindo da ideia de que as contraideologias produzidas pelas transativistas são fortalecidas a partir de práticas de resistências e transgressões.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No capítulo 6, a seguir, iremos caminhar pelo dito e pelo não-dito, a partir de caminhos analíticos transgressores para tecermos as narrativas envolvidas nos processos de (re)construção discursiva dos saberes e das vivências das transativistas nos 20 tweets escolhidos com *corpus* da pesquisa.

⁵¹ Essas etapas são construídas textualmente não de forma lógica e sequencial, mas são entrelaçadas de forma insurgente para, então, construirmos um percurso de trans-formação que abre diferentes caminhos e possibilidades, permitindo que as leitoras compreendam que o processo analítico aproxima, ao mesmo tempo que se distancia, de diferentes nuances de observação.

6 ENTRE O DITO E O NÃO DITO: (TRANS)FORMAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS SABERES E DAS VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NO TWITTER

não mexe
 não mexe comigo não...
 que à dor
 à dor
 à dor
 à dor
 eu sei reagir.
 (Kika Sena, Margens)

Nesta seção, abordamos a análise dos dados, partindo das margens e, como observamos na epígrafe, das reações⁵². Nosso mote inicial, dá-se pelos elementos textuais para desnudarmos esses saberes e as vivências a partir das tramas textuais. Em seguida, preocupa-nos compreender como a produção, a distribuição e o consumo desses *tweets* se caracterizam como práticas discursivas. E, finalmente, como a ideologia e a hegemonia entrelaçam-se nas artimanhas de resistências das (trans)ativistas.

Analizamos, a seguir, os saberes e as vivências das travestis a partir de 5 (cinco) *tweets* de 4 (quatro) (trans)ativistas: Mestranda, Financiada pelo PT, Veg e Mãe, totalizando 20 (vinte) *tweets*. Nas próximas subseções, iremos comentar sobre a construção discursiva da descrição do perfil de cada transativista, além de refletir sobre o ser/estar nas tramas do cotidiano dessas mulheres a partir das redes de transciberativismo.

6.1 Mestranda @Tde travesti

Na descrição de seu perfil, Mestranda se descreve como Travesti, Mestranda em Educação na USP e Pedagoga formada pela UFPE. Ao fazer esse enquadramento, inferimos que a transativista constrói seu lugar de fala a

⁵² Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: No dia 14 de janeiro de 2023, fui à Boate Valentina, no Centro de Fortaleza, com alguns amigos. Um de nós era um homem trans, que eu havia conhecido na época do cursinho pré-vestibular. Quando fiz o convite para “rebolar a raba” na boate, Bruno (nome fictício para preservar a imagem do meu amigo) recusou de imediato. Alguns dias depois voltou atrás e aceitou. No dia da festa, percebi Bruno um pouco descolado da nossa turma e perguntei o que estava acontecendo. Ele disse que estava tudo bem. Alguns minutos depois, recebi uma mensagem dele no WhatsApp dizendo que estava notando os olhares de outras pessoas e que aquela era a primeira vez que ele havia ido a uma boate depois da transição. Além disso, disse que se sentia seguro ao meu lado. E eu respondi: “tô aqui, viu?! Conta comigo!”. Fico aqui pensando angustiado em como os (nossos) “olhares” da cisgeneridade interditam corpos e vozes. São tempos de reflexões!

partir de um empoderamento, visto que o número de travestis em cursos de graduação e pós-graduação ainda é bem reduzido. Escolhemos chamá-la de Mestranda para ratificar o potencial transgressor da presença das travestis no ensino superior, abrindo caminhos para além das margens do silenciamento. Nos tweets a seguir, evidenciamos as tramas discursivas engendradas por Mestranda a partir de seu olhar enquanto pesquisadora e pedagoga:

6.1.1 Postagem 1

No tweet destacado na Figura 14, a seguir, Mestranda retoma o fato da grande repercussão da declaração⁵³ do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que se declarou gay:

Figura 14 – Postagem 1 da transativista Mestranda

O que me deixa chateada é perceber que ninguém valoriza uma travesti da mesma maneira. Várias travestis no Brasil fazendo trabalhos incríveis, ninguém tá nem aí.

O cara gay brancos cis e do sul fala que é gay, o povo estende até tapete vermelho.

O Brasil e seus fetiches.

1:14 AM · 2 de jul de 2021

193 Retweets **11** Comentários **1.276** Curtidas

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao analisarmos a prática discursiva, destacamos os fatores extrínsecos à linguagem, que interferem na constituição do discurso, aqui representado pelo homem, gay, branco, cis e sulista. A partir da análise dessas características, a mídia hegemônica (no tweet sendo representada na segunda ocorrência do substantivo próprio “Brasil”, reforça o seu lado: a cisgeneridade, a branquitude e a classe dominante. Além disso, podemos inferir o quanto o pacto narcisístico da branquitude cria redes de exploração e marginalização das negritudes, já que encobre as ações preconceituosas dos brancos.

⁵³ Eduardo Leite, governador do RS, fala sobre homossexualidade em entrevista a Bial: 'Eu sou gay. E tenho orgulho disso'. (Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/07/01/governador-do-rs-assume-homossexualidade-em-entrevista-a-bial.ghtml>).

Em seu discurso, Mestranda entrelaça a linguagem culta e a coloquial para tensionar o debate. No âmbito da linguagem informal, destacamos o uso do vocábulo “tá” que se distancia da norma considerada prestigiada pela elite brasileira – gramática normativa – e aproxima-se da linguagem utilizada na internet, permitindo a aproximação entre diferentes leitores. Nesse sentido, inferimos, que mesmo assumindo o papel de pesquisadora, Mestranda transita entre a linguagem formal e informal para construir as insurgências de suas tramas argumentativas, transgredido os aspectos formativos da linguagem.

Para construir uma cadeia discursiva com coesão e coerência, reforçando a “interseção entre a coesão e a coerência” (ANTUNES, 2005, p. 183), a transativista utiliza-se de diferentes recursos para tal empreitada, por exemplo: a coesão lexical por meio dos vocábulos “povo” e a segunda ocorrência de “Brasil”, com o objetivo de evitar a repetição; a coerência argumentativa, partindo da desconstrução do sistema cissexista, a partir das evidências de marcadores interseccionais (gay, branco, cis e do sul), permitindo que as leitoras compreendam os motivos pela valorização do político em questão (“o povo estende até tapete vermelho”).

Em nenhum momento Mestranda utilizou, de forma explícita, o nome de Eduardo Leite ou fez menção ao partido dele ou que era governador do Rio Grande do Sul, por exemplo. Para Roncarati (2010, p. 34), “muitos processos referenciais só podem ser resolvidos através de inferências”. Nessa perspectiva, no processo de construção de sentido do referente, utilizou-se de vocábulos que, a partir da intertextualidade implícita, permitem a identificação do referente em questão, já que utiliza termos como “cara”, “gay”, “branco”, “cis”, “do sul” e “fala que é gay”. Segundo Silva (1982, p. 632), esse recurso é efetivado a partir da “alusão, com as referências crípticas, de natureza hermética e iniciática, a outros textos, como a imitação de tipo fluido, etc”. Para esse processo de identificação, é preciso que durante o processo de consumo do tweet as pessoas tenham um repertório sociocultural diversificado em relação às notícias publicadas nesse período da declaração.

Além disso, ao utilizar a frase “várias travestis no Brasil fazendo trabalhos incríveis”, Mestranda amplia as vozes de outras travestis, mostrando que não está sozinha e ratificando a trans-sororidade. Ao usar o vocábulo “travestis” no plural, Mestranda abre possibilidades para diferentes subjetividades travestis, já

que permite que potências travestis estejam demarcadas em diferentes espaços no âmbito nacional.

Ao utilizar a frase “o que me deixa chateada é perceber que ninguém valoriza uma travesti da mesma maneira”, Mestranda reforça seu descontentamento com o modelo cisheteronormativo, que silencia e deslegitima as diferentes vivências identitárias. Ao se mostrar descontente com essa padronização social, Mestranda abre caminhos contraideológicos para legitimar a trans-sororidade.

Para além disso, esse sistema traz um molde normativo de gênero, ratificando práticas reguladoras nas performances de gênero e sexualidade. Nesse processo, há uma extrema valorização da cisgeneridade, da heterossexualidade e do patriarcado, punindo as outras possibilidades identitárias que fogem à norma. Sob essa lógica, Butler (2013, p. 199) afirma que “o gênero é uma *performance* com consequências claramente punitivas. [...] de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente seu gênero” (BUTLER, 2013, p. 199).

Sob a perspectiva dos mecanismos de coesão, Mestranda utiliza-se da coesão por substituição, por meio da anáfora para relacionar o substantivo comum “povo” e o substantivo próprio “Brasil”. Dessa forma, a transativista evita a repetição de termos e amplia as possibilidades argumentativas, visto que se utiliza-se do jogo de palavras entre “povo” e “Brasil” para reafirmar o quanto as desigualdades são (re)construídas em diferentes contextos e perspectivas.

No tweet, Mestranda utilizou o pronome indefinido “ninguém”, por duas vezes, para ressaltar a profunda desvalorização do trabalho das travestis. Segundo⁵⁴ Margô Farber (2022), “em vários momentos, nossas expressões são deslegitimadas e vistas com pouca credibilidade, como se não fosse possível uma travesti falar com seriedade e propriedade sobre diversos assuntos”. Para além do uso das expressões, Mestranda mostra-nos que as vivências e experiências vividas/produzidas por travestis sofrem também esse processo de deslegitimação. O vocábulo “ninguém” é bastante recorrente nas postagens das trans-ativistas analisadas, isso nos leva a inferir o tom de denúncia sobre o apagamento dos saberes e das vivências das travestis.

⁵⁴ Informação retirada do site: <https://medium.com/@margofaber/pajubá-é-tudo-69ff0a390e56>

Ao analisarmos a inserção desse tweet na prática discursiva, observamos o quanto a transativista aproxima-se de notícias veiculadas em diferentes veículos de comunicação sobre a declaração de Eduardo Leite. Esse recurso permite que a Mestranda dialogue e fortaleça sua argumentação sob o viés da alusão à uma informação publicada anteriormente.

Mestranda traz a frase “O Brasil e seus fetiches” para fazer referência ao fato de que a mídia hegemônica e grande parte dos brasileiros possuem alguns desejos relacionados à idolatria a alguns políticos – ressalto a marcação no masculino, já que geralmente são homens, cis, brancos e oriundos das regiões sul ou sudeste. No caso do tweet, a partir da declaração do governador, há uma idolatria fortalecida pelo pacto da cisnormatividade, da branquitude e da xenofobia regional, permitindo que a fetichização esteja entrelaçada a partir da lógica da exclusão e do silenciamento.

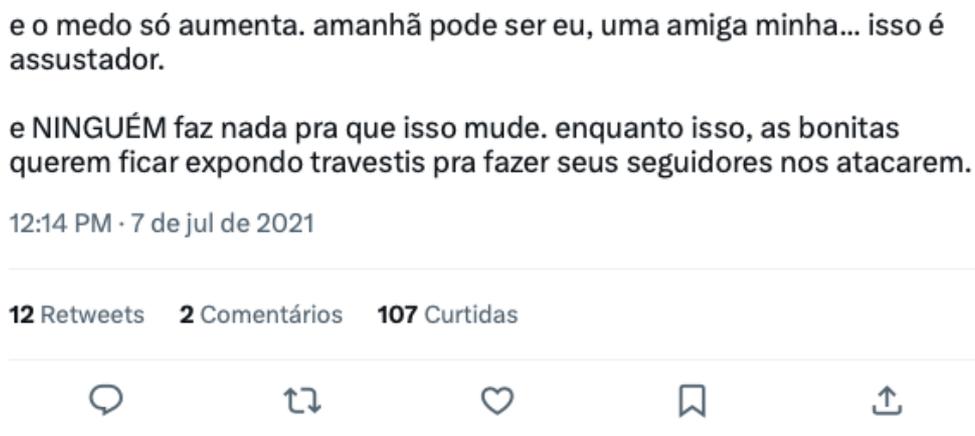
Para Fairclough (2001), o discurso é uma prática política e ideológica. Para se enquadrar como político, transforma ou mantém as relações de poder; e para se firmar como ideológico, modifica ou naturaliza significados de mundo a partir das relações de poder. Assim, Mestranda utiliza-se do embate ideológico imposto pelo sistema para desnudar as contradições construídas pela cisheteronormatividade imposta pelo estereótipo do “gay-cis-branco-padrão-sulista”.

6.1.2 Postagem 2

Na postagem a seguir, a transativista Mestranda traz como reflexão central o medo que está relacionado à transfobia⁵⁵, visto que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, em particular travestis e mulheres trans:

⁵⁵ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Hoje, dia 06 de maio de 2023, em meio a mais uma tarde de escrita e leituras desta tese, navego no Instagram e entro no perfil da ANTRA. Deparo-me com o boletim parcial sobre os casos de violência e assassinatos contra pessoas trans: entre 1º de janeiro e 30 de abril de 2023, 45 travestis e mulheres trans foram assassinadas. Esse é um dado bastante alto e muito alarmante, porém já podemos perceber que é 18% menos se compararmos o mesmo período do ano de 2022. Esse dado choca bastante, por isso, é preciso que o governo brasileiro veja essa situação como crítica e crie políticas públicas eficientes para combater a transfobia.

Figura 15 – Postagem 2 da transativista Mestranda



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Em contexto mundial, segundo o relatório⁵⁶ da Transgender Europe (TGEU), publicado em 2021, “96% das pessoas assassinadas em todo o mundo eram mulheres trans ou pessoas transfeminadas; 58% das pessoas trans assassinadas eram profissionais do sexo; a idade média das pessoas assassinadas é de 30 anos; 36% dos homicídios ocorreram na rua e 24% na própria residência”.

Esses dados confirmam o discurso que a transativista trouxe no tweet inicial de que “o brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo”. Escolhemos analisar essa postagem, que é parte de um fio⁵⁷ de tweet, que começou a partir do tweet a seguir:

⁵⁶ Informação retirada do site: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>

⁵⁷ Conseguimos perceber em vários perfis o uso da expressão “segue o fio” para que os usuários possam ampliar as discussões em relação ao assunto que está sendo discutido. Esse é um recurso que ressignifica o famoso conceito de “textão”.

Figura 16 – Fio do tweet da postagem de Mestranda



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

A transativista faz uso das letras minúsculas, mesmo após o ponto final, é um recurso estilístico que enfatiza a ideia em si e não supervaloriza as palavras. Ao mesmo tempo, em que colocar o vocábulo “NINGUÉM” em letras garrafais carrega a intencionalidade da ausência de rede apoio e/ou ajuda. Ao colocar esse vocábulo em letras maiúsculas, a transativista utiliza-se desse recurso estilístico para reforçar a ideia da invisibilização das mulheres trans diante de tantos assassinatos.

Podemos inferir, com o uso das reticências, que a cadeia de transfobia pode não ter fim, já que a utilização das expressões “pode ser eu” e “uma amiga minha” implica em possíveis outros novos casos, principalmente a partir do uso do verbo “pode”, indicando possibilidade. Com essa indicação, Mestranda mostra-nos que os casos⁵⁸ de transfobia podem acontecer com muitas travestis e mulheres trans.

⁵⁸ Olhar do autor da tese sobre o mundo: Hoje, 31 de março de 2023, diante das idas e vindas na escrita da tese, deparo-me com a manchete: “Travesti é morta em Córrego na Cidade dos Funcionários, em Fortaleza”. Como cis aliado, isso dá aperto no peito, uma sensação de impotência diante de tantos casos de transfobia. Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/travesti-e-encontrada-morta-em->

Ao mostrar que “fabiana foi mais uma vítima da transfobia”, nomeando a mulher trans que foi assassinada, a partir da trans-sororidade, Mestranda, além de denunciar o caso, traz ao contexto de produção-distribuição-consumo a ideia de que não é mais um número de morte, mas um substantivo próprio que sinaliza para uma pessoa real que, como tal, possuía uma história para contar, com laços construídos e com subjetividades.

Os dois tweets trazidos para discussão são permeados pelo recurso de intertextualidade, visto que inferimos que o fato que motivou a reflexão de Mestranda sobre a temática central foi o assassinato de Fabiana⁵⁹. No percurso intertextual, observamos “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, [...] como presença efetiva de um texto em outro” (GENETTE, 2010, p. 12). De forma explícita, para fortalecer sua argumentação a partir do cenário de medo da transfobia, Mestranda acrescenta ao tweet uma notícia⁶⁰ veiculada pelo G1 e ressalta que “é doloroso todo dia ter que dar essas notícias”.

Inferimos, a partir da relação entre o pronome pessoal do caso reto “eu” e o pronome possessivo “minha”, que a subjetividade de Mestranda está atravessada na produção desse tweet, já que aborda sobre o medo e suas implicações nas vivências e experiências das mulheres trans. A utilização das marcas de subjetividade é bastante comum em diferentes postagens das transativistas, visto a importância do ato de se colocar no lugar das outras, ratificando o genuíno e orgânico movimento de trans-sororidade entre essas mulheres.

Ao discutirmos as questões que envolvem os mecanismos de transfobia no Brasil a partir também do discurso de Mestranda, percebemos que essas situações de violência caminham para além da violência simbólica, já que esse tipo de violência, segundo Bourdieu (1996, p. 16), “[...] se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”. Nossa afirmação parte do pressuposto segundo o qual os casos de

corrego-na-cidade-dos-funcionarios-em-fortaleza-1.3352767.

⁵⁹ Mulher trans é morta a facadas às margens da PE-160 em Santa Cruz do Capibaribe. Fonte: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/07/07/mulher-trans-e-morta-a-facadas-as-margens-da-pe-160-em-santa-cruz-do-capibaribe.ghtml>.

⁶⁰ 80 pessoas transexuais foram mortas no Brasil no 1º semestre deste ano, aponta associação. Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/07/80-pessoas-transexuais-foram-mortas-no-brasil-no-1o-semester-deste-ano-aponta-associacao.ghtml>.

transfobia ocorridos no mundo e no Brasil são orquestrados e estruturados por um sistema machista, sexista e patriarcal, ou seja, distancia-se da ideia da inconsciência.

O uso do pronome demonstrativo anafórico “isso” retoma a noção do medo e de todas as circunstâncias relacionadas à transfobia. Ao retomar a noção de medo, Mestranda cria um cenário de sentido a partir da teia argumentativa de seu texto, possibilitando as pessoas leitoras do tweet um caminhar em um verdadeiro cenário “assustador”.

A expressão “enquanto isso” traz a ideia de que mesmo diante de tantas transfobias, “as bonitas”, termo irônico para referir-se às feministas sectárias, as Radfem⁶¹, insistem em seus atos transfóbicos. Nesta pesquisa, escolhemos classificá-las como sectárias de acordo com as ideias de Freire, segundo quem, a prática sectária “é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora” (FREIRE, 2005, p. 34).

Na segunda parte do tweet, Mestranda retoma o fato de que, nos últimos meses, vem acontecendo de forma constante: mulheres cis feministas criarem uma espécie de Tribunal da Inquisição contra as travestis, incitando e propagando o ódio nos perfis das transfeministas. Essa briga entre mulheres cis e mulheres trans, além de ser uma afronta aos direitos humanos, vai ao encontro do pacto de fortalecimento do patriarcado, que legitima a rivalidade entre as mulheres e garante a dominação da supremacia masculina a partir de estratégias ideológicas construídas a partir da reprodução da cisgeneridade como modelo hegemônico a ser seguido.

Ao criar o Tribunal da Inquisição dentro das redes sociais, essas mulheres cis silenciam, estigmatizam e marginalizam as pessoas trans, em particular as mulheres trans e travestis, criando espaços para que as interdições hegemônicas do machismo, do patriarcado e da misoginia encontrem solos

⁶¹ O grupo aborda atualmente a questão biológica como um fator determinante na construção da imagem do feminino. (Fonte: <https://contrapontodigital.pucsp.br/noticias/o-radfem-e-seu-papel-de-exclusao-das-mulheres-trans-dentro-no-feminismo-contemporaneo>)

férteis para reprodução de um discurso de ódio cujo centro é a prática transfóbica.

Ao refletirmos sobre a reprodução da hegemonia, percebemos o quão essa construção sociocultural aproxima-se das diferentes práticas de transfobia, visto que as práticas hegemônicas nascem a partir de um "processo pelo qual um determinado grupo social garante o domínio político da sociedade" (SILVA, 2000, p. 65), ou seja, as rivalidades entre mulheres cis e trans são alicerçadas a partir das experiências não-hegemônicas vivenciadas pelas mulheres trans, que insistem e resistem em performar as travestilidades e as mulheridades, rompendo com a lógica excludente do binarismo.

6.1.3 Postagem 3

Na postagem 3, a seguir, a transativista Mestranda usa a estratégia discursiva da intertextualidade para encetar uma discussão acerca das reflexões que a filósofa Djamila Ribeiro fez no Jornal Folha de São Paulo sobre o uso da expressão “pessoas que menstruam”. Isso é perfeitamente confirmado em função da frase inicial do tweet “Sobre o texto⁶² da Djamila”. Nesta tese, há também uma análise de um tweet da transativista Mãe sobre esse mesmo assunto.

Figura 17 – Postagem 3 da transativista Mestranda
Sobre o texto da Djamila.

1. Gostaria de dizer que li o texto com atenção para tentar compreender, neste momento, o incômodo que surge desde o título.

Como alguém que estuda gênero e sexualidade, acredito que existem alguns “equivocos” por parte da autora.

68 836 5.302

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao considerarmos “[...] toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede

⁶² Nós, mulheres, não somos ‘pessoas que menstruam’. (Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2022/12/nos-mulheres-nao-somos- apenas-pessoas-que-menstruam.shtml>)

intertextual, em constante movimento. O espaço da cultura é, pois, intertextual” (WALTY; PAULINO; CURY, 1995, p. 12), sendo assim, podemos inferir que as falas de Djamila Ribeiro possuem atravessamentos atrelados a sua cisgeneridade, o que implica em limitações à luz dos movimentos transfeministas.

Ao começar com o número 1, Mestranda já informa ao seu público que haverá uma sequência de tweets. No Twitter, a escrita por meio de sequências permite que as transativistas subvertam a ordem da quantidade máxima de caracteres da rede social, permitindo a ampliação a fluidez da argumentação por meio de diferentes recursos textuais. Ao escrever que “Gostaria de dizer que li o texto com atenção para tentar compreender, neste momento, o incômodo que surge desde o título”, Mestranda abre caminho para múltiplas análises.

A primeira, ao ocultar o pronome do caso reto “eu”, utilizando a função de sujeito oculto, Mestranda mesmo sem explicitar, coloca-se dentro do texto, mostrando que terá como ponto principal de reflexão a leitura atenta do texto analisado. Segundo, de forma frequente, a transativista utiliza-se da modalização linguística para sem nenhuma arrogância, apresentar a sua análise crítica, como podemos observar na expressão “tentar compreender”. Terceiro, destacamos o uso do vocábulo “incômodo” para ressaltar o quão foi, no mínimo, transfóbico este texto. Por último, Mestranda utiliza o vocábulo “equivocos” entre aspas para ao invés de deslegitimar todo o texto, apontar caminhos de reflexões a partir de outros olhares, ou seja, para além do “umbigo cis”.

De fato, o texto de Djamila gerou muitas discussões entre mulheres cis e trans, feministas e transfeministas. Ao analisarmos as relações de dominação, percebemos que a fragmentação é uma estratégia bastante utilizada pelos grupos dominantes para a solidificação das desigualdades e, conseqüentemente, da dominação. Trazemos o tweet acima para contextualizar nossa análise, porém não iremos nos deter na análise dessa postagem específica. Iremos direcionar nossos olhares ao tweet, a seguir:

Figura 18– Fio do tweet da postagem de Mestranda



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

A postagem analisada, começa com o numeral 11 e indica que esse tweet é uma sequência de tweets da construção argumentativa, ou seja, Mestranda já discorreu em outros 10 tweets sobre a temática em questão, apontando argumentos a partir de fatos históricos e/ou exemplificações. Para aprimorar seus argumentos, a transativista utiliza-se do seu lugar de fala a partir de uma linguagem de prestígio discorrer suas críticas em relação ao texto de Djamila. Essa arena discursiva é protagonizada pelas duas intelectuais: uma é filósofa e escritora renomada, outra é mestranda, pesquisadora e intelectual, ou seja, cada uma com sua visão de sociedade acerca do que representa ser mulher em nossos dias. Cada uma com a sua pauta e sua agenda de reflexão, com a sua bandeira hasteada no plano de seus discursos.

As escolhas linguísticas presentes no tweet perpassam pela escolha de um vocabulário centrado em mecanismos de coesão que tornam um texto um complexo de significado. Segundo Koch (2013, p. 14), "pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual".

Ao utilizar o elemento coesivo adversativo “mas”, Mestranda mostra-nos que mesmo com as proibições e interdições aos homens trans, Djamilla preocupa-se com o fato de a linguagem está mais próxima do âmbito inclusivo. Além disso, na expressão “é se devemos ou não usar”, há o sujeito oculto “nós”, o que possibilita a inferir que faz referência ao grupo de pessoas que usam a expressão “pessoas que menstruam”.

Para ilustrar sua argumentação, Mestranda traz para a cena discursiva o a ação judicial⁶³ da vereadora Erika Hilton para incluir os homens trans no Programa de Distribuição de Absorventes Descartáveis pela Prefeitura de São Paulo. A lei foi sancionada em julho de 2020, com o objetivo de diminuir a evasão escolar durante o período menstrual. No entanto, o texto fazia referência exclusivamente a alunas e excluía pessoas classificadas como mulheres no nascimento, entretanto, identificam-se com outros gêneros. Esse tweet faz uma alusão direta às notícias que foram veiculadas sobre a ação da vereadora em questão, além de também fazer referência ao próprio tweet da então vereadora Erika Hilton, a seguir:

Figura 19– Tweet da Deputada Federal Erika Hilton



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao resgatar essa vitória da então vereadora e agora deputada federal Erica Hilton (PSOL), Mestranda utiliza-se de estratégias de trans-sororidade, visto que divulga a informação de uma companheira de luta e resistência do movimento LGBTQIAP+, além de visibilizar o trabalho de uma mulher trans ocupando um espaço social no parlamento brasileiro, que ainda é preconceituoso quanto circunscrito ao homem branco cis.

Ocupar os diferentes espaços, portanto, é uma das estratégias para que mais travestis e mulheres trans possam movimentar e derrubar as amarras da hegemonia cissexista. Para Fairclough (2001a, p.122), “a luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes

⁶³ Justiça determina a inclusão de homens trans em programa de distribuição de absorventes da Prefeitura de SP. (Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/12/justica-determina-a-inclusao-de-homens-trans-em-programa-de-distribuicao-de-absorventes-da-prefeitura-de-sp.ghtml>).

níveis e domínios”, por isso, é primordial que travestis, como, por exemplo, a Erika Hilton ocupem os espaços da política⁶⁴, principalmente porque quando uma avança, todas as outras também passam a protagonizar as relações de poder.

No tweet, Mestranda utiliza a expressão “mas o que está em jogo” para acenar para um embate entre o grupo de feministas mais radicais – que cometem constantemente ações transfóbicas – e as mulheres trans – que lutam cotidianamente pela garantia dos seus direitos. Para Benevides⁶⁵ (2021), “[...] um dos principais problemas dos feminismos trans-excludentes é a insistência na disseminação de uma ideia em que supostamente a opressão de gênero é igual para todas as mulheres cisgêneras [...]”, ou seja, apaga os marcadores de raça, classe e gênero dos debates, silenciando os atravessamentos que esses marcadores afetam os corpos e as vozes, negligenciando a interseccionalidade. Ao utilizar essa expressão, a transativista escancara que as pessoas trans – no caso do tweet, os homens trans – são rotineiramente impedidos e silenciados pelas interdições ideológicas do sistema, ou seja, é vital a discussão de caminhos mais inclusivos para agregar as diferentes performances identitárias.

Ao utilizar os vocábulos “perigoso” e “preocupante”, inferimos que esse tipo de publicação, e, principalmente, essas interdições trazem um grande risco para as pessoas trans, por isso, o diálogo para além da cisgeneridade precisar mediar esses processos. É perigoso e preocupante não só pela publicação, mas pelo fato de que Djamila apresenta uma quantidade expressiva de seguidores e sua transfobia amplia os processos ideológicos da cisgeneridade.

6.1.4 Postagem 4

⁶⁴ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Das manchetes quem enchem nosso coração de alegria - Pela primeira vez na história do Brasil, uma travesti assume um cargo de vice-presidência em uma comissão na Câmara dos Deputados, em Brasília. Erika Hilton (PSol) fará parte da Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial no Congresso Nacional. (Fonte: <https://www.terra.com.br/nos/paradasp/erika-hilton-e-a-1-travesti-eleita-a-vice-presidencia-de-uma-comissao-no-congresso-nacional,dd728f8f1f22244c0caf428d9c251bc615ngnz2h.html>)

⁶⁵ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>

Na postagem 4, a seguir, Mestranda aborda como temática central o acesso e, conseqüentemente, a permanência de mulheres trans e travestis nas universidades públicas:

Figura 20 – Postagem 4 da transativista Mestranda

Desejo que se torne cada vez mais comum a presença de mulheres trans e travestis nas universidades públicas. Luto por isso!

Sou cria do Centro de Educação da UFPE. Muito obrigada a quem sempre esteve na torcida. Agora bora de mestrado! 🍷



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

A inserção desse tipo de temática nas redes sociais é de suma importância, visto que os estigmas engendrados aos corpos trans perpassam pelo silenciamento e pela marginalização. “Devido ao processo de exclusão familiar, social e escolar, estima-se [...] que cerca de 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental (Dados do Projeto Além do Arco-íris/Afro Reggae) (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021).

Aqui, cabe-nos uma reflexão sobre a presença de corpos⁶⁶ trans nos espaços escolares e universitários, afinal, quantos colegas trans vocês, leitores, tiveram ao longo do ensino superior? Durante a minha graduação, lembro-me de ter tido contato apenas com uma mulher trans. O aparato ideológico estatal ainda priva as pessoas trans de direitos básicos, como a educação e a saúde, por exemplo. Por isso, quando uma delas, como é o caso de Mestranda, chega ao ensino superior, faz história e abre o caminho das trincheiras para que outras e outres trans-formem esses espaços, permitindo, inclusive, que as apropriações do espaço *queer* se fortaleça para além dos muros das universidades.

Essa insurgência de Mestranda nos remeteu a um fato de interdição⁶⁷ ocorrido durante a desastrosa gestão de Bolsonaro: o cancelamento do vestibular específico para pessoas transgêneras e intersexuais na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Em seu perfil no Twitter, Bolsonaro publicou: "com intervenção do MEC, a reitoria se posicionou pela suspensão imediata do edital e sua anulação a posteriori". Ações como essa são mecanismos de fortalecimento de uma lógica cartesiana e excludente. Concordamos com Araújo e Freitas (2022, p. 264), quando afirmam que "[...] discutir o acesso e a permanência das pessoas trans na academia é cada vez mais vital para o fortalecimento do processo democrático e social".

Mestranda, ao combinar as palavras em seu tweet, utiliza-se da variante de prestígio – norma culta - para entrelaçar sua argumentação, com a exceção, por exemplo, do vocábulo “bora”. Inferimos que a escolha por essa variante funciona como forma política para ratificar sua ocupação de um espaço majoritariamente cis – a universidade. Esse recurso – produção – é também uma forma de atrair diferentes públicos – consumo – ao seu discurso, visto que, é fato inconteste que estamos diante de uma pesquisadora, ou seja, diante de uma mestranda, de uma intelectual. Ao fazer isso, Mestranda rompe com os

⁶⁶ Aqui, cabe-nos agradecer a professora Dra. Luma Andrade que, prontamente, aceitou acompanhar esta pesquisa desde o momento da qualificação. Caminhar ao lado da professora Luma é aprender cotidianamente o quanto a resistência é necessária para as insurgências da vida.

⁶⁷ Notícia publicada em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/08/08/cancelamento-de-vestibular-para-pessoas-trans-na-unilab-no-ceara-motiva-acao-publica-contra-a-uniao.ghtml>

estereótipos do sistema e tensiona as relações de poder, afinal, é mais uma travesti ocupando um espaço de poder

Outra forma de legitimação do discurso é efetivada por meio da utilização outros meios de confirmação das informações no próprio tweet, através de *hiperlinks*, por exemplo, através de notícias de jornais ou até mesmo fotos ou imagens. Mestranda assume o papel como qualquer intelectual honesta e compromissada com a ética social, citando suas fontes e se responsabilizando por seus argumentos. Cabe-nos aqui destacar que, ao contrário dos sectários produtores de *fake news* que não disponibilizam fontes reais, a transativista utiliza-se da intertextualidade para alicerçar seu embasamento pessoal, político e social.

A transativista escolhe utilizar em seu tweet a marcação da primeira pessoa do singular para demarcar seu lugar de fala, como é um sujeito desinencial, percebemos esse recurso por meio das desinências verbais dos vocábulos “desejo”, “luto” e “sou”. Mestranda poderia discutir essa temática por meio do uso de vocábulos impessoais, entretanto, inferimos que, intencionalmente, preferiu colocar-se dentro do foco argumentativo, visto que trouxe uma notícia que tinha como assunto principal a sua conclusão de curso na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Ao escolher esse regionalismo para fortalecer sua argumentação (“Sou cria do Centro de Educação da UFPE”), Mestranda resgata vínculos de afeto e constrói uma relação de origem com seu lugar – Pernambuco – e sua universidade – UFPE. Nesse processo, aproxima-se de suas origens e permite que as leitoras compreendam que seu lugar de formação contribuiu com sua construção enquanto travesti, educadora e pesquisadora.

Ao analisarmos as práticas discursivas, a transativista Mestranda traz uma harmonia entre o fato e suas ideias, permitindo o fortalecimento da coerência interna e externa. Para tal recurso, utiliza-se da coerência pragmática para expressar seu desejo a partir do exemplo do seu lugar de fala. Segundo Koch e Elias (2009, p. 202), esse tipo de coerência “está relacionada aos atos de fala que o texto pretende realizar”.

Além disso, como recurso argumentativo, traz a exemplificação como fio condutor, permitindo ser/estar nas teias argumentativas, além de utilizar-se do

recurso da intertextualidade explícita, já que traz o site⁶⁸ que apareceu a notícia como a referência inicial do debate. Ao trazer para a arena discursiva o discurso publicado no jornal, Mestranda centra-se no dialogismo como estratégia de refinamento de refinar sua prática de transcriberativismo, mostrando-nos que “[...] são as outras vozes discursivas, posições sociais, opiniões que se agregam de diferentes formas ao discurso em construção (GUIMARÃES, 2009, p. 117).

Ao afirmar “Desejo que se torne cada vez mais comum a presença de mulheres trans e travestis nas universidades públicas”, observa-se a presença do ato ilocutório, demonstrando o valor de desejo em relação à presença de mais corpos trans nas universidades. Ao retomamos a teoria de Austin (1962), percebemos que a transativista utiliza o ato ilocutório explícito, já que traz o performativo no vocábulo “desejo”.

No tweet, Mestranda afirma: “Luto por isso!”, esse tipo de informação carrega, por meio do verbo “lutar”, uma construção de sentido pautada pelas resistências⁶⁹ das pessoas trans. No caso de Mestranda, uma ênfase no transfeminismo, já que seu lugar de fala possibilita reconhecer os diferentes enquadramentos de interdições que o sistema possibilita, além de compreender as necessidades e as demandas das travestis e das mulheres trans.

Se formos considerar o ano de publicação da notícia, percebemos que muito ainda precisa ser feito, pois é vergonhoso sabermos que a UFPE foi fundada em 1946 e somente em 2021 tivemos uma travesti formada em Pedagogia. Infelizmente, essa problemática não é exclusividade apenas dessa universidade, já que o problema está na estrutura social que marginaliza, silencia e extermina as pessoas trans, enquadrando-os como corpos abjetos. No Ceará, por exemplo, apenas em 2013 uma travesti tomou posse do cargo de professora na UNILAB, a Professora Dra. Luma Nogueira de Andrade, tornando-se a primeira travesti a fazer parte do quadro de docentes efetivos em uma

⁶⁸ UFPE tem a primeira pedagoga travesti formada na instituição (Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2021/04/12113469-ufpe-tem-a-primeira-pedagoga-travesti-formada-na-instituicao.html>)

⁶⁹ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: No dia 13 de janeiro de 2023, o jornal Diário do Nordeste publicou uma denúncia feita pela professora Dra. Luma Andrade sobre os diversos casos de práticas de assédio, transfobia e perseguição que ela estaria sofrendo na UNILAB. É lamentável ver que casos como o de Luma, que é a primeira travesti doutora no Brasil, acontece em muitas outras universidades espalhadas pelo mundo. Por isso, precisamos transgredir as normas e travestilizar as universidades! É urgente!

universidade pública federal. Ocupar e resistir nos diferentes espaços sociais é uma luta diária contra o extermínio e contra a política de morte de políticos conservadores e machistas.

Mestranda conclui seu tweet com a sentença “Agora bora de mestrado!”, indicando que a graduação não foi um fim, mas um caminho para a continuação dos estudos. Concluir o ensino superior e seguir para a pós-graduação abre espaço para que outras travestis e mulheres trans ocupem também esses espaços sociais. Ocupar esses espaços, além de fazer história por meio do exemplo, é resistir contra a hegemonia dominante do cissexismo que massacra cotidianamente as minorias. Segundo Fairclough (2001a, p.122), “hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas”, seguindo essa lógica, ao demarcar lugares e exemplos, Mestranda rompe os mecanismos de invisibilizações, ampliando resistências do outro lado das trincheiras.

Outro ponto de destaque é o uso do *emoji* (👊) como recurso semiótico, marcado pela cor preta, reafirmando sua identidade negra. Por mais que esse *emoji* (👊) também possa indicar um soco, inferimos, pelo contexto de análise, que esse expediente passa a expressar a ideia de “estamos juntos”. Para Paiva (2016, p. 396), a utilização dos *emojis* “é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, [...] fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções”. Ao utilizar esse recurso, Mestranda reafirma seu compromisso de transativista ao criar caminhos para se aliar a outras pessoas trans, em especial travestis e mulheres trans, ampliando novas potências sob o viés da diversidade e da inclusão.

7.1.5 Postagem 5

No tweet a seguir (Figura 21), a transativista Mestranda utiliza sua rede social para expor as sucessivas perseguições sofridas por um *stalker*⁷⁰. Ao dividir

⁷⁰ *Stalker* é uma palavra inglesa que significa "perseguidor". É aplicada a alguém que importuna de forma insistente e obsessiva uma outra pessoa que, em muitos casos, é uma celebridade. A

essa informação pessoal em uma rede social como o Twitter, infere-se que Mestranda já não aguenta mais essas perseguições, e busca, mais uma vez, nas redes sociais, compartilhar sua angústia e medo perante a situação.

Figura 21 – Postagem 5 da transativista Mestranda
Acabei de me mudar. Decidi morar em apartamento, principalmente, por conta da segurança. Antes, eu morava numa casa.

Recebi uma mensagem dizendo “estou vendo você do outro lado do prédio.”

Estou sendo perseguida por um stalker que não me deixa em paz. São anos de perseguição.

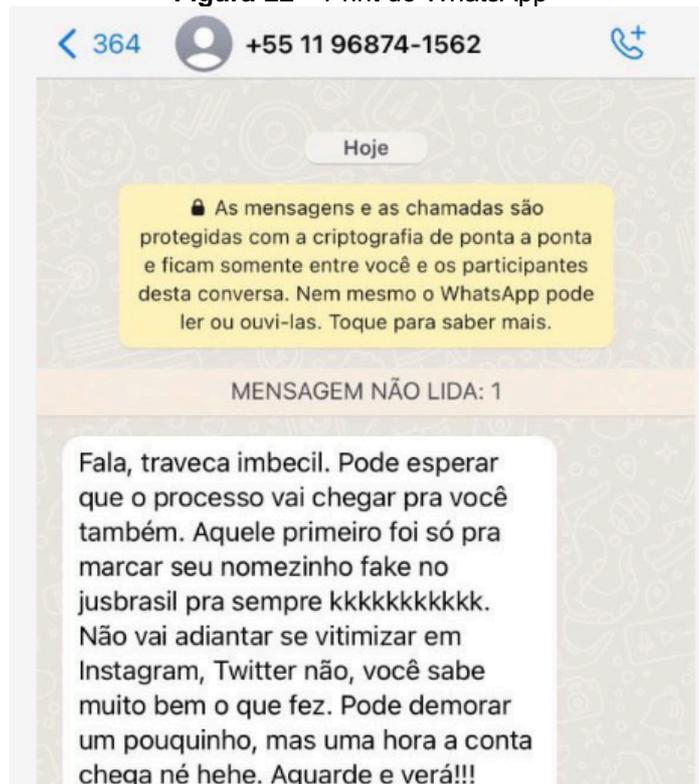
75 182 4.187 243,5 mil

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Essa postagem trouxe bastante engajamento para o perfil da transativista, visto que, na data do print, teve 75 comentários, 182 retweets, 4.187 curtidas e alcançou mais de 240 outros perfis.

No fio argumentativo, ela postou outros tweets sobre esse assunto e compartilhou uma mensagem (Figura 22) de WhatsApp, a seguir, enviada pelo criminoso. Vale destacar a invasão de privacidade vivida por Mestranda, visto que o criminoso transfóbico possui alguns dados pessoais dela, como o número de telefone.

Figura 22 – Print do WhatsApp



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Para além de uma simples perseguição, esse tipo de comportamento obsessivo envolve elementos criminosos, já que o transfóbico utiliza de expressões pejorativas, como, por exemplo “traveca imbecil” e “não vai adiantar se vitimizar”. Além disso, ao final da mensagem, traz uma ameaça explícita por meio da frase “mas uma hora a conta chega né”.

Nosso objetivo neste trabalho de doutoramento não é analisar essa mensagem recebida pelo Whatsapp, já que nosso enfoque não é a transfobia em si, mas o compartilhamento de saberes e vivências das travestis, entretanto, não podemos nos omitir em mostrar as múltiplas situações de transfobia vividas diariamente por travestis e pessoas trans no Brasil e no mundo vinculados à crescente onda de discurso de ódio. Para Brugger (2019, p. 118), o discurso de ódio se efetiva por meio de “[...] palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação [...]”.

Por compreendermos os textos como práticas sociais, inferimos que as escolhas linguísticas feitas por Mestranda perpassam pelo uso de diferentes

mecanismos linguísticos, entre eles a coerência. Mestranda utiliza-se de conteúdos postos dentro do próprio tweet, ou seja, efetiva o princípio da coerência global. Para Van Dijk (2013, p. 73), esse recurso funciona como um “um princípio geral”, permitindo que as leitoras compreendam a informação que está sendo colocada no texto.

Ao analisarmos as escolhas lexicais, a transativista escolheu trazer para a cena discursiva o vocábulo *stalker*. Infere-se que a escolha pelo estrangeirismo ocorre devido ao suporte de publicação do gênero tweet – a rede social Twitter, já que esse termo é bastante comum no contexto dessa rede social da internet.

Mestranda utiliza o sujeito oculto em diferentes trechos do tweet: “acabei de me mudar” e “decidi morar em apartamento”, por exemplo. Além de não usar o sujeito “eu” explícito em diversos contextos da língua portuguesa, no contexto do Twitter, esse recurso permite economizar mais caracteres para que outras informações sejam ditas na postagem.

Embora faltem conectivos, a compreensão do tweet não fica prejudicada, pois podemos compreender que Mestranda está se mudando e o que está motivando essa mudança, além dos argumentos que perpassam por esse processo. Em contrapartida, utiliza a pontuação para fortalecer a construção de sentido, permitindo ressaltar as especificidades pragmáticas e semânticas.

A transativista utilizou as aspas na expressão “estou vendo você do outro lado do prédio” para indicar a fala do *stalker*. Ao utilizar esse recurso, infere-se que Mestranda busca reforçar, a partir do contexto de produção do tweet, o quão grave são as ameaças e a perseguição que vem sofrendo. Além da gravidade do caso, ressalta a frequência e a temporalidade das ameaças por meio da expressão “São anos de perseguição”.

Esse *stalker* além das ameaças sob um viés jurídico articulado com informações falsas, como visualizamos na mensagem de WhatsApp, utiliza-se de práticas de transfobia para intimidar e silenciar a transativista Mestranda, como podemos observar no tweet, a seguir, que faz parte do fio argumentativo produzido pela transativista:

Figura 23– Fio do tweet da postagem de Mestranda

As pessoas ainda aproveitam desses momentos para destilar transfobia.

Algumas pessoas são horríveis.

Para as mensagens de carinho e conforto, muito obrigada. Gostaria de fazer o exercício de não deixar as mensagens ruins sobressaírem, mas é difícil.



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Essas estratégias de interdições fazem parte dos mecanismos de controle social do sistema com o fito de manter os privilégios construídos historicamente sob as bases do machismo, da cisgeneridade, da branquitude, da heteronormatividade e do patriarcado. Esse processo de “estabilidade” dos privilégios é perpetuado a partir das relações de dominação, que insiste em fortalecer os estigmas e os estereótipos em relação aos diferentes grupos sociais, em especial às pessoas trans.

Ao afirmar que “As pessoas ainda aproveitam desses momentos para destilar transfobia”, Mestranda utiliza a expressão “as pessoas” para abranger não somente os homens, ou seja, implica dizer que outras pessoas cis também tecem comentários odiosos. Além disso, utiliza o advérbio de tempo “ainda” para realçar que mesmo diante de tamanha agressão – a perseguição do *stalker* – os comentários transfóbicos são recorrentes, ou seja, nem mesmo diante de uma situação de sofrimento, o ódio às travestis e às mulheres trans é deixado de lado.

Para não cair no risco da generalização de forma simplista, a transativista utiliza o pronome indefinido “algumas” para ratificar que “algumas pessoas são horríveis”. Ao utilizar o adjetivo “horríveis”, inferimos que ela faz referência às atitudes e ao comportamento transfóbico dessas pessoas, que são nutridas pelo ódio à diversidade e ao diferente. Apesar dos pesares, Mestranda enaltece as

“mensagens de carinho e conforto”, sendo assim, inferimos que no meio de tanto ódio-transfobia há também muitas relações de afeto e resistência. Essa luta contra-hegemônica de trans-sororidade nutre caminhos possíveis de aprendizagens e de uma ideologia pautada na unificação, que permite o fortalecimento de identidades coletivas, potencializando uma rede rizomática a partir da insubordinação ao sistema.

Entretanto, a transativista ressalta que “é difícil” não esmorecer diante de tantas mensagens odiosas e traz como exemplo a mensagem do transfóbico tomas henrique santos, que sugere que Mestranda “vire homem” e faz piada por meio das risadas representadas pelo “kkkkkkk” para minimizar a perseguição sofrida por Mestranda, ou seja, fere à subjetividade da transativista e dilacera as vivências trans. Infelizmente, ao retweetar o tweet desse transfóbico, que pode ser um robô, mesmo para fazer um contra-argumento, Mestranda dá visibilidade aos algoritmos desse transfóbico, permitindo que a “onda” de ódio se espalhe ainda com mais força.

Ao acessar o perfil de tomas henrique santos, percebemos que, aparentemente, aproxima-se de um perfil fake – diferentemente de um perfil orgânico – com poucos seguidores e com postagens seguindo um único caminho: silenciar os grupos minorizados, alicerçado pelo ideário do bolsonarismo. O jogo discursivo feito por esse transfóbico é pautado pelo binarismo homem-mulher e na ideia ilusória e preconceituosa da “virada” de gênero, deixando a entender que as identidades trans fazem parte de um processo de escolha.

6.2 Financiada pelo PT

Em seu perfil, a transativista Financiada pelo PT define-se como travesti e também como uma pessoa que “segundo bolsonaristas, sou financiada pelo PT”. Seguindo essa lógica, percebemos um forte tom de ironia e sarcasmo, visto que, para os bolsominions, qualquer pessoa que não defende o Bolsonaro e suas atrocidades genocidas é alguém financiada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Os bolsominions ainda usam outros termos como “petralhas” e “comedores de mortadela”. Ao se nomear como Financiada pelo PT, a transativista coloca-se na cena do debate como alguém que discute política e distancia-se do abismo

apolítico des-construído por bolsonaro, sua família e membros do Centrão⁷¹. Nas postagens a seguir, desnudamos os ditos e os não ditos das reflexões de Financiada pelo PT:

6.2.1 Postagem 6

Na postagem a seguir (Figura 24), a transativista Financiada pelo PT faz uma referência ao pronunciamento⁷² transfóbico, machista e conservador do então deputado federal nikolas ferreira, do Partido Liberal (PL), no Dia Internacional da Mulher. Para Benevides⁷³ (2022), “o impacto de suas ações e declarações revelam aquilo que o brasileiro que o elegeu deseja: A garantia do direito de seguir humilhando e oprimindo pessoas trans [...], tornando suas vidas tão sofridas e miseráveis [...]”.

Figura 24 – Postagem 1 da transativista Financiada pelo PT
nikolas ferreira, ser mulher trans/travesti nesse país é enfrentar diariamente a violência nas ruas, no mercado de trabalho ou em qualquer outro lugar.

pra ser travesti, tem que ter fôlego. coisa que você não tem, já que adorava fugir pra dubai.

7 32 486 10,3 mil

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Destaca-se o uso de todos os vocábulos em letra minúscula, como, por exemplo, o nome do transfóbico “nikolas ferreira” e o vocábulo “coisa” depois do ponto final, além do vocábulo “dubai”. Esse estilo de escrita lembra muito o jeito em que bell hooks escrevia seu próprio nome, também em letras minúsculas, posicionando-se politicamente contra o intelectualismo. Nessa perspectiva,

⁷¹ O Centrão é um grupo de pequenos partidos que atuam, principalmente na Câmara dos Deputados, com o objetivo de defender ideias conservadoras, retrógradas e contrárias às classes populares, ampliando a politicagem e o balcão de “toma lá, dá cá” com verbas públicas.

⁷² O deputado federal nikolas ferreira (PL-MG) ironizou mulheres trans ao discursar na tribuna da Câmara dos Deputados no dia 8 de março de 2023). O congressista usou uma peruca para ter “local de fala” ao falar no Dia da Mulher. (Fonte: <https://www.poder360.com.br/congresso/nikolas-ferreira-faz-discurso-transfobico-no-dia-da-mulher/>)

⁷³ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/transfobia-é-antes-de-tudo-um-desvio-moral-eb2df4bb8616>

infere-se que Financiada pelo PT busca, através das escolhas vocabulares, que faz, distanciar-se dos padrões da gramática normativa.

Em relação à coesão, a travesti autora da postagem 6, acima, utiliza-se de alguns mecanismos que contribuem com a progressão textual. Por meio da coesão lexical, substitui “nikolas ferreira” pelo pronome de tratamento “você”. Utiliza-se também da coesão por substituição, ao utilizar a expressão “já que”, evitando a repetição de alguns vocábulos.

A escolha linguística perpassa pela informalidade, até mesmo para reduzir o tamanho do tweet, e por isso opta-se, muitas vezes, por substituições de informações, como, por exemplo, “pra” ao invés de “para”. Além disso, Financiada pelo PT utiliza-se de diferentes tempos verbais para refinar a sua argumentação: “ser travesti” e “adorava fugir para dubai”. Ao jogar com as palavras, a transativista tece seu discurso por meio de elementos intertextuais explícitos.

Nesse tweet, observamos dois grandes percursos intertextuais a partir da referência. O primeiro, faz referência a todos os casos de transfobia noticiados cotidianamente nos grandes veículos de comunicação e nas redes sociais. O segundo, faz referência a uma viagem⁷⁴ que o transfóbico nikolas ferreira fez para acompanhar o então presidente genocida da época bolsonaro. Ao utilizar-se da intertextualidade, Financiada pelo PT ratifica seu posicionamento político e efetiva marcas pessoais e argumentativas, contribuindo também para o fortalecimento da coerência textual, já que “a coerência não está no texto, mas é construída a partir dele, com a mobilização de uma série de fatores de ordem discursiva, sociocognitiva, situacional e interacional” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 208).

A partir do seu lugar de fala, Financiada pelo PT utiliza-se da oração “pra ser travesti, tem que ter fôlego”, para legitimar a luta cotidiana de travestis e de mulheres trans, ou seja, a utilização do vocábulo “folêgo” é estratégico, pois amplia o ativismo e as lutas engendradas por essas pessoas, visto que, infelizmente, “há a disseminação e manipulação de pesquisas, com a inclusão

⁷⁴ nikolas ferreira foi um dos integrantes sem relação direta com o governo federal a participar da viagem de bolsonaro a Dubai em 2020. (Fonte: <https://www.folhadevalinhos.com.br/?q=artigos/brasil-e-mundo/vereador-de-bh-diz-que-pagou-viagem-dubai-com-recursos-proprios>)

de dados falsos ou inventados e narrativas altamente violentas contra pessoas trans nas redes sociais” (BENEVIDES⁷⁵, 2021). A expressão “qualquer outro lugar” ratifica as diferentes situações de invisibilização e de massacre ocasionadas pelos processos transfóbicos, mostrando que em diferentes contextos a transfobia silencia.

Para Iazzetti⁷⁶ (2020), a cisgeneridade cria diferentes artimanhas para silenciar os corpos travestis, já que “tudo o que fazemos para além de sofrer — nossa intelectualidade, nosso trabalho, nossa complexidade, nossas contradições e ambiguidades, assim como nossas redes afetivas [...] — tendem a serem apagadas”. Nesse viés, o discurso do deputado bolsonarista tenta, por meio da imunidade parlamentar, apagar e destruir as resistências e as vivências dos corpos trans. Para Louro (2016, p. 8), os corpos das pessoas trans e de outros grupos dissidentes são vistos como “corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”.

Cabe ressaltar que Nikolas Ferreira utiliza-se da estratégia da diferenciação para criar sua narrativa transfóbica, utilizando-se de um discurso machista e conservador para segregar e expurgar travestis e mulheres trans. Seu objetivo é silenciar aquele grupo que lhe traz um potencial perigo, “atrelando o que é positivo ao que diz respeito a ‘nós’ e o que é negativo a ‘eles’” (FERNANDES, 2014, p. 131)

A transativista utiliza também os termos mulheres trans e travestis para agregar esforços em prol da diversidade, reduzindo a tentativa de homogeneização dessas pessoas. Durante essa engrenagem ideológica, a demarcação de espaços é vital para o fortalecimento das práticas de transciberativismo. Ao utilizar-se desse discurso anti-hegemônico, financiada pelo PT aproxima-se de uma orientação ideológica permeada pela valorização da diversidade e contrária ao machismo e à transfobia. Ademais, há o esforço argumentativo de construção de aliança com outras mulheres trans e travestis para frear as interdições impostas pelo discurso do deputado transfóbico.

6.2.2 Postagem 7

⁷⁵ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>

⁷⁶ Informação retirada do site: <https://medium.com/@brume/o-jogo-de-espelhos-da-cisgeneridade-4aacb6993c19>

No tweet a seguir (Figura 25), Financiada pelo PT traz como temática principal o registro civil e a retificação do nome para as pessoas trans e usa como fato desencadeador da argumentação a proposta do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2021, que trouxe como tema da redação: "Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil".

Figura 25 – Postagem 1 da transativista Financiada pelo PT nesse tema de redação do ENEM 2021, dá pra falar sobre nós: pessoas trans.

usam muito a desculpa de "nome que tá no civil é o seu nome de verdade" pra nos inviabilizar e negar que somos cidadão assim como qualquer outro.

80 897 8.251

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao aproximar o tema da redação com a situação das pessoas trans, a transativista Financiada pelo PT busca ressaltar a importância desse debate, já que, para muitas pessoas trans, mesmo após a mudança na legislação, a retificação do nome ainda é uma grande problemática, visto que nem todas as pessoas possuem acesso a esse serviço.

Ao iniciar o tweet com o pronome demonstrativo “nesse”, Financiada pelo PT utiliza de uma catáfora pronominal para iniciar o processo coesivo, relacionando-se com o referente “tema de redação do ENEM 2021”. A transativista Financiada pelo PT distancia-se da variedade de prestígio é demarcado aqui pelo uso do vocábulo “nesse” ao invés do “neste”. Inferimos que esse distanciamento corrobora com um posicionamento que busca divergir da norma, da linearidade, abrindo espaço para novas estratégias linguísticas. Além disso, há a utilização do pronome pessoal do caso reto “nós” para fazer relação com a expressão “pessoas trans”, fortalecendo a “remissão para frente” (KOCH; ELIAS, 2012b, p. 127).

Outro recurso gramatical utilizado pela Financiada pelo PT é a elipse, ao iniciar a expressão “usam muito a desculpa”, ou seja, omitindo o pronome pessoal do caso reto “eles” para reforçar a ideia argumentativa do silenciamento. Nesse contexto, esse “eles” faz referência a todas as pessoas, principalmente

os homens brancos, cis, héteros e machistas, que insistem em silenciar, marginalizar e oprimir as pessoas trans.

Ao analisarmos as práticas sociais, percebemos o uso da coerência semântica (KOCH e ELIAS, 2009), já que a estrutura textual analisada respeita o princípio da não-contradição, partindo do princípio de que há o concatenamento das ideias. Mesmo ocorrendo a mistura de registros – linguagem formal e informal – não percebemos o prejuízo na coerência estilística (KOCH e ELIAS, 2009).

Ao resgatar a proposta de redação do ENEM na teia argumentativa para combater a transfobia, Financiada pelo PT utiliza a intertextualidade por referência, ampliando a arquitetura do texto a partir de um assunto bastante discutido durante o período: o tema da redação, já que é comum a sociedade debater todos os anos o tema abordado na redação do ENEM.

No que diz respeito ao aspecto social, Financiada pelo PT utiliza-se do vocábulo “nós” para agregar todas as pessoas trans, ou seja, utiliza-se da prática do transciberativismo para criar vínculos de resistências e trans-sororidade, permitindo a desconstrução da ideologia da cisgeneridade, “e isso só é possível com uma rede incrível de pessoas (trans e cis) que nos permite respirar um pouco e manter a vontade, o desejo e a raiva (que é importante, também) de que outro mundo é possível” (IAZZETTI⁷⁷, 2020).

Para além do transativismo, discutir e refletir sobre as temáticas que perpassam pelos corpos e subjetividades das mulheres trans – retificação do nome civil, no caso do tweet – é um mecanismo de disseminar conhecimentos e ampliar a inclusão social dessas pessoas. Segundo⁷⁸ Céu Cavalcanti (2018), “apesar do risco do extermínio transfóbico existir para todas nós, as possibilidades de fuga são diferentes”, ou seja, assim como Financiada pelo PT, muitas travestis encontram na escrita e nas redes sociais uma forma de fugir da transfobia, entretanto, aqui nos cabe ampliar o sentido de fuga para o campo semântico das possibilidades, sendo assim, enxergamos essa fuga como um caminho de resistência a ser trilhado por todas elas.

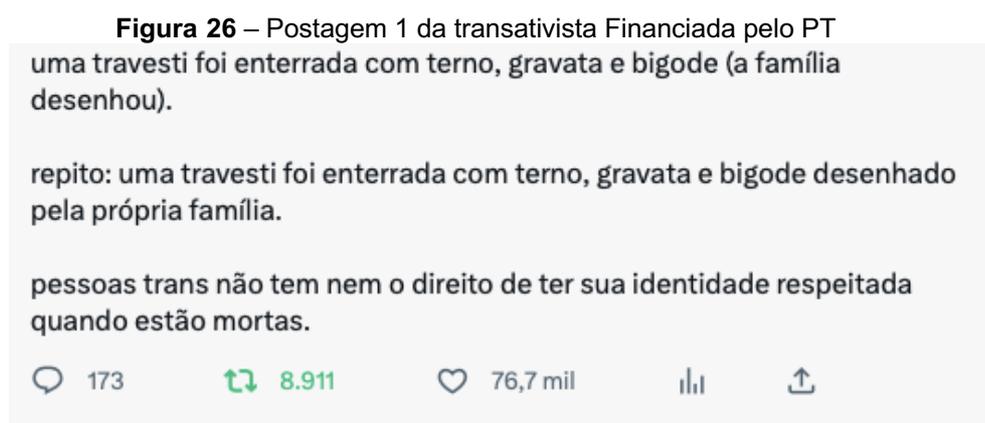
⁷⁷ Informação retirada do site: <https://medium.com/@brume/repost-notas-sobre-passabilidade-de5add2d4d30>

⁷⁸ Informação retirada do site: <https://ceucavalcanti.medium.com/por-escritas-travestis-anti-coloniais-7c7bc132ecfd>

Entre o dito e o não dito, percebemos uma luta anti-hegemônica de rompimento com a ideia naturalizada do nome civil atrelado ao sexo biológico, permitindo desconstruir a estupidez do cissexismo. Ao refutar a invisibilização e a negação dos transfóbicos, Financiada pelo PT ratifica que as pessoas trans compactuam da mesma cidadania que as outras pessoas. Ressalta-se que invisibilização e negação são duas artimanhas muito utilizadas pela estrutura linear do patriarcado para manter as relações de poder vigente para oprimir os grupos minoritários.

6.2.3 Postagem 8

Na postagem a seguir (Figura 26), discute-se sobre a notícia⁷⁹ que circulou nas redes sociais, em outubro de 2021, em que uma travesti foi enterrada pela família como um homem:



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao compartilhar essa informação, a transativista Financiada pelo PT desnuda um caso de transfobia legitimado por uma instituição social que costumeiramente exclui e expulsa pessoas trans de suas casas – a família. O caso ainda ganha ainda mais os holofotes porque, mesmo depois de morta, a travesti ainda é massacrada por meio da performatividade masculina: terno, gravata e bigode.

⁷⁹ Família enterra travesti como homem, de terno e bigode e gera revolta. Fonte: <https://catracalivre.com.br/cidadania/familia-enterra-travesti-como-homem-de-terno-e-bigode-e-gera-revolta/>

A combinação textual é marcada, mais uma vez, pela mistura da variedade de prestígio com a de não prestígio, permitindo certa liberdade da transativista em relação à norma culta, por exemplo. Essa estratégia é mapeada quando ela escolhe transgredir uma regra da gramática normativa: a ausência da concordância verbal. A forma “têm” corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ter. Entretanto, a ausência do acento circunflexo para marcar o plural não prejudicou os mecanismos de coesão e coerência textual. Inferimos que a escolha de desestabilização da norma culta é intencional, visto que a transativista está inserida em uma camada social que tem acesso a um certo capital social, cultural e linguístico para tal transgressão.

Ainda no âmbito do texto, como prática social, ao pensarmos na coesão textual, evidenciamos os vocábulos “enterrada” e “mortas” dentro do mesmo campo semântico, o que possibilita retomar as ideias tecidas nas tramas do tweets. Os vocábulos “terno”, “gravata” e “bigode” são colocados no tweet para demarcar como a transfobia foi praticada. Ao utilizar esse recurso, Financiada pelo PT "dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem" (KOCH, 2013, p. 14).

Ao trazer uma manchete de uma notícia para a arquitetura textual do tweet, Financiada pelo PT aproxima o gênero notícia da esfera argumentativa. Do ponto de vista de sua natureza composicional, a notícia se mostra com marcas do ambiente gênero digital do Twitter, portanto, marcado por recursos multisemióticos. Essa aproximação permite, ao produtor do texto, criar diferentes caminhos argumentativos, inclusive para efetivar uma luta do transativismo: a denúncia de transfobia. Por duas vezes, a transativista faz referência ao desenho do bigode que a família fez. Essa retomada desconstrói a ideia ilusória do senso comum de que a família é aquela que serve como abrigo, além de desnudar as incoerências do modelo de família tradicional.

Nesse tweet, essa denúncia é feita a partir do recurso discursivo da intertextualidade por meio da referência, já que Financiada pelo PT aproxima-se de diferentes notícias sobre esse caso. É bastante comum a utilização de notícias como recurso intertextual, visto que a mídia jornalística tradicional ainda é prioritariamente o veículo que noticia os diferentes casos de transfobia. Nesse

caso, podemos inferir que a intertextualidade partiu também de um outro tweet, a seguir:

Figura 27– Tweet da Deputada Estadual Linda Brasil



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao pesquisarmos sobre o caso, percebemos que a mídia tradicional passou a noticiar essa transfobia por causa de inúmeras denúncias nas redes sociais, em particular no perfil da Linda Brasil⁸⁰, 1ª mulher trans a se tornar Deputada Estadual de Sergipe pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Esse novo cenário contemporâneo, em que as informações e denúncias partem das redes sociais e em seguida são divulgados nas mídias tradicionais reforçam a importância das redes sociais para o combate às diferentes formas de interdições e silenciamentos dos grupos minorizados, fortalecendo as redes de ciberativismo.

Ao analisarmos a prática discursiva, com enfoque na distribuição e no consumo, colocamos como ponto central as curtidas e os retweet. Esse tweet teve 8.911 compartilhamentos e 76,7 mil curtidas. Se compararmos os 5 (cinco)

⁸⁰ Linda Brasil Azevedo Santos é uma educadora, política e ativista transfeminista pelos direitos humanos e da comunidade LGBTQIAP+ de Sergipe, fundadora da associação Amosertrans e da casa de acolhimento CasAmor Neide Silva. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Linda_Brasil

tweets de Financiada pelo PT analisados nesta tese, esse é o que apresenta um elevado número de retweet e curtidas, ou seja, isso é um indicativo do quanto a reprodução dessa notícia chocou e causou revolta aos seguidores da transativista.

Na análise das estruturas sociais, percebemos que Financiada pelo PT resgata os vocábulos “terno”, “gravata” e “bigode” que materializam as interdições feitas pela família para cometer a transfobia, em nome de uma lógica ideológica que representa o machismo, o patriarcado e o cissexismo enaltecidos pelo binarismo e pelo cartesiano. O recurso da repetição, reforçado pelo vocábulo “repito”, contribui para que a transativista construa sua trama argumentativa, ampliando a reflexão de quem ler o tweet.

Ao resgatar esses vocábulos, Financiada pelo PT aproxima-se da ideia de Dijk (2017, p. 118), quando afirma que o poder assume seu aspecto hegemônico a partir de um mecanismo de recursos “integrado a leis, regras, hábitos, normas e mesmo um consenso geral”, ou seja, os hábitos relacionados a performance masculina estão enraizados como o modelo a ser seguido pelas pessoas que nasceram com características biológicas masculinas.

Entretanto, para lutar contra a ilusão da ideologia dominante do cissexismo, Financiada pelo PT utiliza-se do seu discurso para denunciar esse caso de transfobia marcado pela falta de respeito das identidades das pessoas trans. Em um primeiro momento, utiliza-se do termo “travesti” para fazer referência ao caso de transfobia da notícia, em seguida, traz a expressão “pessoas trans” para agregar as diferentes possibilidades identitárias.

6.2.4 Postagem 9

Na postagem a seguir, Financiada pelo PT traz para a arena discursiva a reflexão sobre afetos. É válido ressaltar que a transativista não menciona, em nenhum momento, algo relacionado às identidades trans, o que nos permite inferir o quão os afetos podem e devem afetar as diferentes pessoas, mesmo sabendo que, no cotidiano, isso não acontece.

Figura 28 – Postagem 4 da transativista Financiada pelo PT

ALÔ APAIXONADOS

o que você aprendeu a gostar graças ao seu/sua companheiro(a)???

é muito bom observar isso em relacionamentos, como os dois mundos
vão se misturando

eu, por exemplo, aprendi a gostar de beatles

🗨️ 2.742 ↻ 11,1 mil ❤️ 12,5 mil 📊 2,9 mi ↗

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Sobre a temática da postagem, enquanto cis-pesquisador em construção, fiz algumas pesquisas na tentativa de enquadrar a temática a algum fato ou direcionamento que Financiada pelo PT poderia ter reforçado na sequência do tweet, e não encontrei. Isso nos evidencia a diversidade das postagens da transativista, já que não há uma pauta única, mas um caminho de possibilidades diante das subjetividades vividas por uma travesti e mulher trans. A seguir, apresento a sequência do tweet:

Figura 29 – Fio do tweet da postagem de Financiada pelo PT

Em resposta a [REDACTED]
como o amor é lindo, meu deus
eu amo amaaaaar

🗨️ 5 ↻ 45 ❤️ 589 📊 117,1 mil ↗

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Inicialmente, utiliza-se da expressão “ALÔ APAIXONADOS”, com função de vocativo, para chamar atenção e para direcionar a mensagem a esses usuários específicos. Destaca-se o alto nível de engajamento da postagem: 2.742 respostas a esse tweet, 11,1 retweets e 12,5mil curtidas, além de atingir a mais de 2,9 milhões de conta, ou seja, afetos e suas possibilidades é uma temática que engaja e possibilita discussões em diferentes níveis. Vale ressaltar que a trans-formação do afeto é também uma trans-formação política, social, cultural e econômica.

A ligação entre as orações permite um fortalecimento da coesão e da coerência dentro da superfície textual do tweet, inclusive com uso de vírgula e ponto de interrogação, por exemplo. Além disso, Financiada pelo PT utiliza-se da coerência pragmática (KOCH e ELIAS, 2009) para reforçar um determinado questionamento aos seus seguidores, ampliando, inclusive, as vozes de outras pessoas sobre o assunto em questão.

Na sequência do tweet, há o uso de outro vocativo “meu deus”, dessa vez demarcado por vírgula, para, logo em seguida, reforçar, por meio da repetição da vogal “a”, o fato da transativista “amar amaaaaar”. Financiada pelo PT continua mantendo o padrão de colocar todas as letras em minúsculo como é o caso de “deus” e “beatles”, permitindo que, na lógica decolonial, não aconteça uma hierarquização de sujeitos, lugares, religiões ou experiências.

Por meio das práticas sociais, Financiada pelo PT utiliza-se da expressão “o que você aprendeu a gostar graças ao seu/sua companheiro(a)?” para fortalecer o ato ilocucionário da pergunta. Não há nessa oração a presença de um verbo performativo, porém há a intencionalidade de questionar sobre determinado assunto. A utilização do pronome de tratamento “você”, de forma bem direta, projeta a pergunta ao leitor do tweet, contribuindo para que, dentro do contexto de distribuição, aconteça a resposta a esse questionamento. Por meio da utilização dessa interação, a transativista permite que as leitoras participem da construção textual e, conseqüentemente, a construção de sentido. Para Marcuschi (2008, p. 94), “um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte”.

A transativista escolhe utilizar o vocábulo “companheiro(a)” ao invés de utilizar marido/esposa, por exemplo. Segundo o dicionário Aurélio, companheiro ou companheira é “aquele/aquela que participa das ocupações, atividades, aventuras ou do destino de outra pessoa”. Por acreditarmos que as escolhas vocabulares não são aleatórias, infere-se que há uma precisão vocabular na escolha de “companheiro(a)”: distanciar-se da ideia tradicional de relacionamento, ou seja, permitir que as diferentes possibilidades de afetos estejam presentes nas respostas ao tweet.

Na lógica social do capitalismo, os afetos são exclusivos aos homens cis, héteros, brancos e ricos, o que fortalece os estereótipos engendrados pelo cispatriarcado. Na luta anti-hegemônica, Financiada pelo PT, ao discutir sobre

afetos e “como os dois mundos vão se misturando”, traz para o centro da arena discursivo uma temática que ainda silencia muitas travestis e mulheres trans: Quem ama uma travesti e uma mulher trans? O enquadramento neoliberal do afeto tensiona para que as travestis busquem na solidão um caminho a ser seguido, visto que é “[...] um campo que tenta a todo momento reprivatizar nossos sofrimentos, culpabilizando a nós próprias por qualquer fato, violência, preterição ou etecétera que nos ocorrer” (CÉU CAVALCANTI⁸¹, 2018).

Ao utilizar a expressão “eu, por exemplo, aprendi a gostar de beatles”, Financiada pelo PT coloca-se dentro da estrutura do amor e dos afetos. Essa exemplificação abre espaço para a trans-sororidade e para a escuta ativa com outras pessoas trans que vão responder ao tweet, enaltecendo a ideia de que as pessoas trans podem e devem viver a experiência o fato de serem amadas e desejadas. Além disso, ao falarmos da representatividade imersa nos afetos, percebemos o quanto essas artimanhas quebram o *status quo* dos enquadramentos da estrutura cis, machista e patriarcal.

6.2.5 Postagem 10

Na postagem a seguir (Figura 30), a transativista Financiada pelo PT expõe com seus seguidores algo muito particular: sua carteira de identidade (RG) com o nome retificado.

⁸¹ Informação retirada do site: <https://ceucavalcanti.medium.com/por-escritas-travestis-anti-coloniais-7c7bc132ecfd>

Figura 30 – Postagem 5 da transativista Financiada pelo PT

chegou meu novo documento e agora meu nome ta certo tbm no meu rg.
eu oficialmente sou eu em tudo quanto é cantooooo!
que sensação maravilha, eu só sei chorarrrr de felicidade.



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Para as pessoas cis, ter o nome nesse documento e tantos outros é bastante comum e chega a ser banal, já que essas, a partir do privilégio cis não necessitam “recorrer a processos judiciais, inspeções físicas vexatórias e de saúde para provar aquilo que diziam ser, [...], para o acesso a cidadania que está instituída em nossa sociedade, que ainda segue generificada e binária” (BENEVIDES⁸², 2022), já para as pessoas trans, esse movimento de retificação do nome é, além de resistência e muita luta, o fortalecimento das identidades.

⁸² Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/transfobia-é-antes-de-tudo-um-desvio-moral-eb2df4bb8616>

Essa correção⁸³ já é possível desde o ano de 2018, ou seja, há pouquíssimo tempo, menos de 6 anos, as pessoas trans não poderiam retificar o seu nome em nosso país. Há anos, pessoas cis têm seus direitos legitimados pelas instituições públicas, por isso, torna-se urgente que as diferentes esferas estejam preparadas para atender as diferentes demandas da população trans. De fato, a comemoração de Financiada pelo PT é extremamente válida (“eu só sei chorarr de felicidade”), já que o processo de retificação no Brasil ainda é muito burocrático e, relativamente, caro, pois “o enquadramento de gênero é um princípio jurídico, precisa constar no documento de identidade. Para mudar de nome, tem que entrar na justiça, é uma tragédia. Na sociedade, quem fere o dispositivo binário de gênero é punido [...]” (FERRAZ, 2017, p. 2). Infelizmente, nem todas as pessoas trans possuem condições financeiras para tal ato.

Na superfície textual, percebemos a repetição de alguns vocábulos, como, por exemplo o pronome pessoal do caso reto “eu” e o pronome possessivo “meu”, ambos estão centralizados na emissora do texto, sendo assim, fortalecem a construção argumentativa do tweet e colocam a travesti no centro da arena discursiva.

Há também a repetição estilística de algumas letras nos vocábulos “canto” (cantoooo) e “chorar” (chorarr). A felicidade exposta pela transativista é também registrada por meio dessas repetições, já que esse recurso enfatiza ainda mais a felicidade que ela está sentindo. Para Araújo e Biasi-Rodrigues (2007, p. 85), “tanto os emoticons como as repetições de letras e sinais de pontuação são, indubitavelmente, marcas de uma cultura digital, ou de uma cultura em uma realidade virtual”.

Quando pensamos na polissemia do vocábulo “canto”, enquadrados como sinônimo o vocábulo “lugares”, ou seja, oficialmente o nome da Financiada pelo PT está em diferentes lugares. Isso significa inclusão social, fortalecimento das identidades e uma afronta ao modelo machista, cis, racista, hétero e patriarcal da sociedade.

⁸³ Qualquer pessoa com mais de 18 anos pode requerer ao cartório de registro civil de origem a adequação de sua certidão de nascimento ou casamento à identidade autopercebida. O Provimento n. 73/2018 da Corregedoria Nacional de Justiça restringe a alteração somente ao prenome e agnome – como Filho, Sobrinho ou Júnior. Não podem ser alterados os nomes de família, nem o novo nome pode coincidir com o prenome de outro membro da família. (Fonte: <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-pessoa-trans-pode-alterar-nome-e-genero-em-cartorio/>)

O vocábulo “também” utilizado pela transativista por meio da abreviação “tbm”, algo comum no contexto das redes sociais, por meio do internetês (ARAÚJO, 2008), mostra-nos que em outros documentos a retificação já aconteceu e que faltava isso acontecer no RG. As marcas de oralidade, a linguagem informal e alguns desvios do registro formal são comuns nas redes sociais, em particular no Twitter, já que a quantidade máxima de caracteres em uma postagem é relativamente pequena.

Ao seguirmos na análise da estrutura textual e discursiva, percebemos que a construção da coesão da coerência textual permite o fácil entendimento da postagem, principalmente com a inclusão da foto do documento de identidade, e reforça o valor significativo da argumentação por meio do recuso semiótico. Ao colocar seu documento na postagem, Financiada pelo PT, além de comprovar a retificação do nome, cria uma expectativa para a pessoa trans que ainda não retificou, ampliando os espaços de empoderamento. Além disso, a inserção dessa imagem reforça o caráter multisemiótico do gênero tweet, efetivando a coerência genérica, pois articula-se com o seu propósito comunicativo e a sua forma composicional (KOCH e ELIAS, 2009).

Nos embates contra a cisheteronormatividade, utilizar o nome social já é uma grande vitória, e portar um documento retificado é o ápice da contraversão a essa hegemonia machista, racista e patriarcal, já que referenda uma reivindicação bastante antiga das pessoas trans. Por isso, ao exibir seu documento de identidade, Financiada pelo PT mostra, mais uma vez, mais uma barreira vencida contra o sistema e faz outras pessoas trans a se enxergarem também nesse processo, ampliando os caminhos para o transciberativismo. Ao utilizar seu documento retificado nos diferentes espaços sociais, Financiada pelo PT desestabiliza as “formas simbólicas” (THOMPSON, 2000), desconstruindo as relações de dominação impostas pela cisgeneridade.

6.3 Veg

Ao se intitular como Veg, a transativista ratifica seu posicionamento político, social e cultural baseado no veganismo, ou seja, não consegue nenhum alimento ou produto que tenha base ou derivados de animal. Sob esse viés, inferimos que Veg se coloca para seus seguidores como uma pessoa que

respeita à vida, opondo-se à crueldade e à exploração animal. Esse tipo de posicionamento é essencial para alcançar e motivar outras pessoas a vivenciarem o veganismo, visto que o exemplo e a reflexão são caminhos que promovem diversas mudanças de comportamento. Nos tweets a seguir, ampliamos as discussões sobre os posicionamentos de Veg:

6.3.1 Postagem 11

O tweet a seguir relaciona-se com o Dia dos Namorados, comemorado no Brasil no dia 12 de junho, cuja data de publicação do tweet pode ser vista na Figura 31, a seguir:

Figura 31 – Postagem 1 da transativista Veg

é tão bom ver pessoas trans e travestis postando foto no dia dos namorados.

o afeto é negado para nossos corpos e ver que tem pessoas trans e travestis que estão recebendo afeto e sendo amadas, principalmente quando se trata de namoro TRANScentrado, é maravilhoso, juro.

6:54 PM · 12 de jun de 2021

60 Retweets 1 Comentar 382 Curtidas

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Nessa postagem, a transativista Veg traz como temática central as relações de afeto a partir de um relacionamento transcentrado, ou seja, aborda como os corpos, as vozes e as subjetividades das pessoas trans e travestis, como ela mesma separou, são atravessadas pela afetividade.

A transativista, ao utilizar a frase “é tão bom ver pessoas trans e travestis postando foto no dia dos namorados”, mostra-nos a importância do engajamento (seguir, compartilhar e curtir) nas redes sociais entre pessoas trans e travestis. Dentro da prática discursiva, essa ação está atrelada ao processo de produção, distribuição e consumo, e implica em aumento de representatividade trans, já que mais corpos e vozes de pessoas trans e travestis estão publicados nas redes sociais, em particular no Twitter. Outro ponto a ser considerado é a rede de seguidores de Veg, o que permite que os algoritmos forneçam ainda mais postagens relacionadas ao tema.

Ao fazer uma alusão às postagens das fotos, Veg utiliza o recurso da intertextualidade explícita, pois materializa que a produção do seu tweet surgiu a partir do contato com outros tweets por meio das fotos e de possíveis mensagens de demonstração de afetos. Seguindo a lógica de Fiorin (2006), a intertextualidade está ligada a certa exposição da palavra alheia, que deve ser identificada como alheia, ou seja, no caso do tweet de Veg, conseguimos capturar como “algo alheio” as fotos postadas.

Numa perspectiva social e de desconstrução da norma, Veg utiliza o vocábulo “amades” ao invés de utilizar a desinência de feminino (amada) ou masculino (amado), fugindo da ideia do “masculino genérico”. York ⁸⁴(2021) aproxima-se das discussões sobre linguagem inclusiva quando discute sobre o uso do vocábulo “todes”, mostrando-nos que “o interessante sobre ‘todes’ é que não apenas um novo morfema está sendo proposto, mas também introduz um novo valor em oposição ao masculino e feminino”, ou seja, faz-nos (re)pensar sobre o binarismo imposto pelos diferentes grupos, instituições e padrões sociais, como, por exemplo, a gramática normativa.

Esses debates permitem a abertura de caminhos de fortalecimento da linguagem neutra, uma vez que o uso dessa linguagem permite incluir diferentes identidades e perspectivas para além do binarismo macho-fêmea/masculino-feminino/pênis-vagina. De acordo com o portal Politize⁸⁵, “a linguagem neutra ou não binária apresenta propostas para alterar o idioma e aqui entram por exemplo as novas grafias de palavras como as que mencionamos no início desse texto: amigxs, tod@s, todes”

Ao compartilhar sobre o fato de “ver pessoas trans e travestis postando foto”, Veg nos direciona para outra discussão: o quão está sendo libertador o processo de fortalecimento das identidades e das subjetividades das pessoas trans, visto que a luta contra as interdições e os apagamentos está cada vez mais sólida, permitindo que muitas outras pessoas trans e travestis estejam engendradas em práticas de transciberativismo.

⁸⁴ Informação retirada do site: <https://medium.com/@sarawagneryork/linguagem-inclusiva-algumas-chaves-linguísticas-8d613935249e>

⁸⁵ Linguagem inclusiva e linguagem neutra: entenda a diferença. Fonte: <https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>.

Além disso, o debate sobre a negação de afeto para “nossos corpos”, como ela mesmo utiliza, quebra as relações de poder da cisheteronormatividade, que insiste em enquadrar os corpos trans na prostituição ou na marginalidade. Para Fairclough (2003, p. 9), “[...] se as ideologias são representações, em princípio, elas também podem ser ‘postas em ação’ nas encenações sociais, e ‘inculcadas’ nas identidades dos agentes sociais”.

Sendo assim, o cissexismo a partir das suas relações ideológicas centradas na misoginia e no machismo tentam se respaldar numa perspectiva de exclusão de algumas subjetividades, ou seja, dentro desse sistema, nem todas as pessoas possuem o direito de serem acolhidas e amadas, por isso, algumas pessoas reforçam a ideia das interdições e “[...] não se movimentam para te assumir, te enxergar, te conhecer, não se fazem presentes, essas, assim como os homens, não são dignas de sua presença, de sua atenção, tão pouco do seu amor” (RIVIERA⁸⁶, 2020).

A ideologia “[...] serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes”. (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 49). Em função disso, as pessoas cis – o grupo dominante – se acham no direito de demarcarem espaços dentro dos afetos, deslegitimando outras formas de amar e ser amado.

Veg ainda ressalta a importância do namoro TRANScentrado – relações amorosas entre pessoas trans – sendo possível compartilhar as dores, as potências e as possibilidades. O termo transcetrado aproxima-se de uma configuração conjugal em que uma pessoa trans se relaciona amorosamente com uma travesti, por exemplo, podendo essa ser uma relação heterossexual ou homossexual. Esse termo surgiu a partir das relações de ativismo da comunidade trans/travesti e não tem um criador específico (AZEVEDO & PEREIRA, 2020).

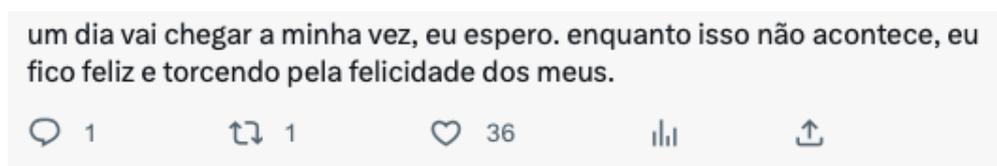
No fio condutor do tweet, a seguir, Veg, ao utilizar a frase “um dia vai chegar a minha vez”, mostra-nos o anseio na luta contra-hegemônica e anti-ideológica do afeto, ratificando que o afeto é direito de todas as pessoas. Ela ainda complementa com a expressão “eu espero”. Inferimos que esse desejo de

⁸⁶ Informação retirada do site: <https://medium.com/@sophiariveracs/a-solidão-de-mulheres-trans-e-travestis-não-é-apenas-sobre-afetividade-b81e50d1b02d>

Veg representa também o desejo de muitas pessoas trans e travestis, já que a construção social em relação ao amor é bastante comum na nossa cultura. Segundo descrito na etnografia de Pelúcio (2005a) todas as travestis desejam, em graus distintos, ter um “marido/namorado”.

Nesse processo de desejo e afeto, recorremo-nos à fala⁸⁷ de Lana de Holanda (2022), ao fazer referência à participação de Linn da Quebrada no reality show Big Brother Brasil (BBB), “[...] (nós somos naturais, assim como a luz do dia), que travestis podem ser desejadas, sem que isso signifique desrespeito ou esteja de alguma forma atrelado à violência”. Sendo assim, o processo simbólico do “desejar uma travesti” perpassa também pela mudança nas estruturas de poder, por isso, a fala de Veg sobre o dia dos namorados é vital para a desconstrução do modelo neoliberal de amor e afeto.

Figura 32 – Fio do tweet da postagem de Veg



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

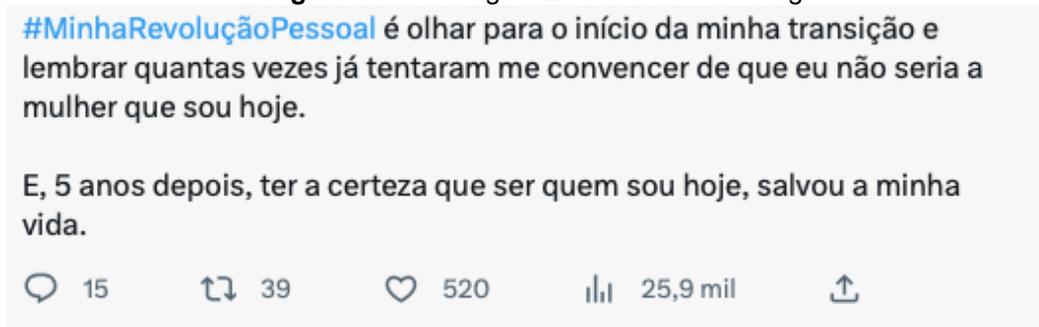
Nesse tweet, Veg utiliza o pronome possessivo “meus” para indicar os laços de aproximação com outras pessoas trans e travestis. Nesse contexto, inferimos que por mais que ela tenha utilizado o pronome possessivo no masculino, aproximando-se do “masculino genérico”, esse vocábulo tem a intencionalidade de incluir outras identidades, visto que em outro tweet ela utiliza o vocábulo “amades”. Ao falar sobre os seus através desse pronome, Veg carrega afeto e abre caminhos para a trans-sororidade, já que se fortalece enquanto alguém que não está sozinha e que precisa de outras pessoas para ser/estar envolvida em relações de afeto.

6.3.2 Postagem 12

⁸⁷ Informação retirada do site: <https://lanadeholanda.medium.com/linn-da-quebrada-é-um-dos-caminhos-37d03d9a4674>

Na postagem a seguir (figura 33), a transativista Veg traz como temática central a sua transição e do quanto as interdições existiam para que isso não acontecesse:

Figura 33 – Postagem 2 da transativista Veg



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Nesse contexto, a postagem foi motivada pela *trend*⁸⁸ Minha Revolução Pessoal, que surgiu no mês de março em alusão ao Dia Internacional das Mulheres⁸⁹, trazendo como mote para o engajamento a *hashtag*⁹⁰ #MinhaRevoluçãoPessoal. O objetivo dessa *trend* é fazer com que diferentes mulheres possam discutir sobre as revoluções pessoais, partindo de suas vivências e experiências.

Como pesquisador trans-aliado, caminhei pelos *hiperlinks* da *hashtag* em questão para ver outras postagens e percebi o quanto a participação das mulheridades foi múltipla. Percebi que para além da cisgeneridade, muitas travestis e mulheres trans entraram também na *trend*, possibilitando que o espaço da rede social Twitter se tornasse uma grande arena discursiva para refletir sobre as revoluções individuais e até mesmo coletiva dessas mulheres,

⁸⁸ *Trend* é uma palavra de origem inglesa que significa tendência, como primeira definição. Mas, também, pode ser compreendida como direção, modo ou hábito coletivo que viraliza. (Fonte: <https://www.astrus.digital/o-que-e-trend-e-por-que-utiliza-la-como-estrategia-de-marketing-para-o-seu-negocio/>).

⁸⁹ No dia 8 de março de 1917, milhares de russas se reuniram em uma passeata pedindo os direitos para o gênero feminino, bem como o fim da guerra e do desemprego. Entretanto, foi só em 1975, que a ONU reconheceu a data como uma celebração dos direitos do gênero feminino e estabeleceu, então, que o dia 8 de março seria o Dia Internacional das Mulheres. (Fonte: <https://exame.com/pop/por-que-o-dia-internacional-das-mulheres-e-comemorado-no-dia-8-de-marco/>).

⁹⁰ *Hashtag* é um termo ou expressão antecedido pelo símbolo da cerquilha (#) usado nas redes sociais com o objetivo de direcionar o usuário para uma página de publicações relacionadas ao mesmo tema ou discussão. É usado no Facebook, Twitter, Instagram e outras redes sociais. (Fonte: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-hashtag/>).

afinal, inferimos que uma revolução pessoal caminha de forma intrínseca e engajada com uma mudança e trans-formação coletivas.

A linguagem utilizada por Veg para compor a arquitetura do tweet perpassa pela linguagem formal, trazendo à dimensão textual uma possibilidade maior de aproximação com quem vai receber essa mensagem. Inferimos que, ao construir as tessituras argumentativas, Veg utiliza-se das estratégias argumentativas para fortalecer suas experiências. Como a própria hashtag sugere, há uma presença marcante da personalidade, principalmente por meio das expressões “minha transição”, “a mulher que sou hoje” e “ser quem sou hoje”. Para Moira, (2016, p. 54), “coisas mudam quando você se lança de cabeça na transição, o andar, a postura, a forma de interagir com as pessoas, o tom da voz, coisas que vivo como um desafio autoimposto mais do que uma obrigação”.

A partir dos mecanismos de coesão e coerência, Veg utiliza-se de marcadores temporais para reafirmar sua evolução pessoal, o que perpassa também pelo processo de transição, por isso, começa seu tweet com a expressão “olhar para o início” e complementa essa informação com a expressão “a mulher que sou hoje”. Enfatizamos o adjunto adverbial de tempo “hoje” como marcador temporal e argumentativo, já que, a partir do não-dito, conduz as leitoras a refletirem sobre os diferentes processos vividos durante – “5 anos” – a transição. Ao utilizar esse sintagma nominal, por exemplo, Veg utiliza-se do recurso da coerência sintática, visto que “diz respeito ao uso adequado das estruturas linguísticas” (KOCH e ELIAS, 2009, p. 194).

Sob o viés da dimensão do contexto de produção, destacamos também a escolha argumentativa do vocábulo “transição”. Partindo do seu lugar de fala, inferimos que Veg utiliza esse termo devido às suas experiências, como também por causa das leituras e dos movimentos que participa. Um mal-intencionado, por exemplo, usaria expressões pejorativas ou fora do enquadramento inclusivo. Sendo assim, ao participar de uma hashtag com adesão em todo território nacional, abordando questões relacionadas à transição, a transativista amplia a possibilidade para que diferentes pessoas possam refletir sobre esse processo. Esse movimento contra-hegemônico possibilita que travestis e mulheres trans ocupem diferentes espaços, além de fortalecer práticas trans-educativas sobre as mulheridades.

Podemos também aproximar a hashtag #MinhaRevoluçãoPessoal utilizada por Veg com as diferentes notícias e reportagens publicadas na mídia nos últimos meses, principalmente no mês de março. Essa aproximação, através da alusão, mobiliza o recurso da intertextualidade, visto que muitas das experiências divulgadas nos tweets estão também presentes em diferentes gêneros textuais já publicados pela mídia. Com esse recurso, as mulheres criam mecanismos de empoderamento e de resistência diante de tantas atrocidades construídas e fortalecidas pela misoginia e pelo patriarcado. Para Benevides⁹¹ (2022), “o cruzamento entre a transfobia e a misoginia se tornam uma das formas mais cruéis de violência de gênero”. Ao se enxergar nesse processo de transformação ao “olhar para o início”, Veg exalta suas potencialidades por meio do processo de visibilização.

Outro ponto a ser refletido na utilização dessa hashtag é a diversidade de mulheridades participando dessa trend, já que incorporou pessoas trans e cis, permitindo, pelo menos nesse momento, o fortalecimento da operacionalidade de práticas ideológicas por meio da unificação a partir do ideário de identidades coletivas. Como trans-aliado, percebo que fatos como esse comprovam que é possível romper com a heteronormatividade e caminhar por meio do diálogo e da emancipação a partir do entre o feminismo e o transfeminismo, efetivando que as interseccionalidades permeiem todo esses movimentos, visto que “criticar a heteronormatividade na interseccionalidade cria espaço para novas questões sobre as relações de poder e a sexualidade e para entendimentos sobre a resistência às hierarquias sociais” (COLLINS e BILGE, 2020, p. 56).

Mesmo com as interdições sofridas, até mesmo porque “já tentaram convencer” de que Veg não seria a mulher que é hoje, a transativista resistiu e permitiu-se ser/estar nesse processo de transição. Ao utilizar a expressão “certeza de ser quem sou hoje”, Veg reafirma que ter passado pelo processo de transição não lhe faz menos ou mais mulher, apenas lhe coloca dentro das mulheridades. Além disso, finaliza o tweet enaltecendo a transição, afirmando que salvou a sua vida, ou seja, esse processo fortaleceu sua identidade e lhe permitiu experimentar múltiplas vivências e saberes.

⁹¹ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/transfobia-é-antes-de-tudo-um-desvio-moral-eb2df4bb8616>

6.3.3 Postagem 13

No tweet a seguir (figura 34), a transativista Veg traz como mote o fato de transfóbicos se aproveitarem de diferentes situações para propagarem desinformação e promoverem ódio:



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Além disso, de forma indireta, aborda também a participação de pessoas trans em competições esportivas, em particular as mulheres trans. Veg traz como recurso multisemiótico um vídeo publicado por @Ishabakshi04 de duas lutadoras de Artes Marciais Mistas (MMA⁹²), entre elas atleta brasileira Gabi Garcia. Concordamos com Araújo (2012, p. 189), quando ele afirma que “os sentidos nos textos que apresentam as modalidades verbal e visual somente são produzidos pela leitura eficiente do conjunto dos modos semióticos neles presentes e não apenas com base em uma única modalidade”.

⁹² Mixed Martial Arts ou, em português, Artes Marciais Mistas constituem-se de um tipo de luta oficial em que os atletas que se confrontam podem utilizar golpes de mais de uma arte marcial. Os embates permitem que a disputa ocorra em pé ou no chão, utilizando-se de técnicas específicas do judô, do caratê, do jiu-jitsu, do muay-thai, do boxe, do kickboxing e do wrestling. (Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/mma-mixed-martial-arts.htm>)

Veg fez retweet da postagem do perfil de @Ishabakshi04. Ao entrarmos nesse perfil, percebemos que é repleto de fake news e de construções discursivas pautadas no ódio aos grupos minorizados, no desrespeito à diversidade e na violação dos direitos humanos. Além disso, aparentemente, não se trata de um perfil orgânico, já que não conseguimos identificar quem de fato produz as postagens, pois não apresenta traços de personalidade ou marcas linguísticas que possam comprovar que não é um robô que está movimentando os algoritmos. No mês de março, período em que, costumeiramente, busca ressaltar as potências femininas, @Ishabakshi04 resolveu destilar transfobia ao invés de mostrar a realidade do vídeo de Gabi Garcia, que é uma das atletas mais bem-sucedidas do jiu-jitsu brasileiro, a seguir:

Figura 33 – Print de um tweet da Combate



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

De fato, com essa história no esporte, Gabi Garcia tem todo o merecimento de ter seu vídeo amplamente divulgado nas redes sociais, porém, a “indústria do ódio” prefere enquadrar a atleta como uma mulher trans para

motivar as discussões entre a rivalidade de mulheres trans e cis no esporte⁹³, já que “só acredita e dissemina a narrativa de que mulheres trans estariam roubando o lugar de mulheres cis aquelas pessoas que negam que estas são mulheres. E isso é uma flagrante denúncia de violência de gênero [...]” (BENEVIDES⁹⁴, 2022). Essas fake news passaram a circular nas redes após o deputado federal nikolas ferreira discursar em sessão solene do Dia Internacional da Mulher na Câmara usando uma peruca. Sobre esse fato, iremos discutir com mais profundidade na postagem da transativista Financiada pelo PT.

A transativista, mesmo fazendo a denúncia da transfobia nesse tweet, busca ironizar e fazer piada dessa divulgação. Por isso, inferimos que por causa desse tom humorístico, não houve tanta preocupação com os recursos formais de registro apreciados por um determinado grupo social, como, por exemplo, o truncamento de ideias na expressão “pessoas cis são tão burras, pegam o vídeo”, já que ao invés dessa vírgula, poderia ter sido utilizado um elemento coesivo, além de alguns desvios de pontuação. Outro ponto a nível de estrutura textual, é o uso do vocábulo “pra”, bastante comum na linguagem do internetês.

Como recurso coesivo, Veg traz a coesão sequencial por conexão, já que traz a conjunção adversativa “mas” para mostrar que o discurso das pessoas cis nesse contexto é frágil. A conjunção “permite estabelecer relações significativas entre elementos ou orações do texto” (KOCH, 2005, p. 21). Além disso, utiliza-se da elipse para construir sua argumentação, permitindo que uma palavra já apresentada no tweet – lutadora – que foi intencionalmente omitida, seja recuperada facilmente com base na situação comunicativa.

A postagem de Veg traz o recurso da intertextualidade para compor sua crítica ao fato de pessoas cis estarem propagando transfobia, já que traz como retweet um vídeo publicado por outro perfil, além de dialogar com outras mídias

⁹³ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Neste ano de 2022 resolvi me permitir a praticar um novo esporte – mesmo sem saber nem mesmo jogar pedra na lua – e escolhi o time Cangayceiros. É formado por um grupo de pessoas LGBTQIAP+ que decidiram criar um espaço inclusivo dentro de um esporte tão excludente e machista LBTQIfóbico. Nos dias 20 e 21 de maio, o Cangayceiros participou do Champions Ligay e tirou o primeiro lugar. Eu não estava jogando, claro! Entretendo, acompanhei tudo e me senti muito representado em ver um time cearense que defende a diversidade se destacando no campo e na mídia por meio dos anúncios do campeonato.

⁹⁴ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/transfobia-é-antes-de-tudo-um-desvio-moral-eb2df4bb8616>

digitais, como os sites de notícias, que também divulgaram⁹⁵ esse ato criminoso de propagação de desinformação e fake news. No Brasil, a produção e a distribuição de fake news são mecanismos muito utilizados pela extrema-direita e por grupos reacionários com o objetivo de influenciar diferentes grupos sociais sobre pautas conservadoras. Essa produção e distribuição é feita a partir de um refinamento linguístico e extralinguístico, e utiliza robôs para que tenha um número muito elevado de visualizações.

Diante da tamanha transfobia vivida por Veg e por outras tantas travestis e mulheres trans com essa fake news, a transativista age de forma mais incisiva e com traços de humor para combater o pacto de “verdade” da cisnormatividade, já que inicia seu tweet ressaltando que “pessoas cis são tão burras”. Ao utilizar o vocábulo “burras”, Veg coloca-se à frente das trincheiras da resistência para mostrar o quanto a cisnormatividade re-produz preconceitos e fragilidades, interditando inclusive a multiplicidade de vivências que existem para além do modelo cis.

Ao desconstruir essa fake news, Veg ressalta que o mito criado pela cisnormatividade sobre o possível excesso de força das mulheres trans em relação às mulheres cis em diferentes modalidades esportivas é, de fato, apenas mais um estereótipo e, conseqüentemente, transfobia, que “tenta invalidar o direito de que pessoas trans poderem se identificar da forma com que vivenciam suas identidades. Dizer que mulheres trans estariam tirando o lugar de mulheres cis é negar que estas seriam mulheres” (BENEVIDES⁹⁶, 2022).

Se formos considerar o vídeo divulgado, a possível atleta com mais força é também uma mulher cis, e não uma mulher trans, contrariando o estereótipo construído pela cisgeneridade sobre a participação de mulheres trans nos esportes. Concordamos com o pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz Peçanha (2022), em entrevista⁹⁷ ao site Ponte, que afirma que “durante o processo de transição, a pessoa é levada a fazer uma série de tratamentos hormonais que atingem diferentes partes do corpo e fazem com que um

⁹⁵ Atleta de MMA Gabi Garcia não é trans; campanha espalha desinformação nas redes. (Fonte: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/lutadora-mma-trans/>)

⁹⁶ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/transfobia-é-antes-de-tudo-um-desvio-moral-eb2df4bb8616>

⁹⁷ 5 mitos sobre pessoas trans nos esportes. (Fonte: <https://ponte.org/5-mitos-sobre-pessoas-trans-nos-esportes/>)

indivíduo tenha severas transformações biológicas”, sendo assim, podemos considerar que os níveis hormonais de mulheres trans e cis se aproximam, possibilitando que as duas possam participar de modalidades esportivas sem prejuízo para ambas.

Outro ponto que precisa ser destacado é sobre o reduzido apoio às mulheres na área esportiva, em especial aos esportes que são majoritariamente vistos pelo patriarcado heteronormativo como “esportes de homem”, como o futebol e as lutas. Essa desvalorização entrelaça-se com a ideia de que os lugares destinados às mulheres são permeados pela sensibilidade e pelo cuidado ao outro, em particular os homens. Essa ideia preconceituosa e machista é iniciada ainda na infância, visto que os brinquedos infantis são intencionalmente divididos em “brinquedos para meninos” e “brinquedos para meninas”. Para Bento (2008, p. 37), “uma criança que recebe de presente bonequinhos para cuidar, dar de mamar, fogãozinho e panelinhas onde predomina a cor rosa, está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) [...]”.

Nesse contexto, ao ironizar a transfobia, Veg fortaleça um discurso contraideológico, pois evidencia, através do discurso não-dito, o quanto precisamos discutir e problematizar sobre a importância das mulheres trans nas diferentes práticas esportivas. Além disso, em seu discurso, valoriza a potência das mulheres cis, em particular da Gabi Garcia, rechaçando a ideia de que mulheres não tem força ou de que mulheres trans só tem força por ser mulheres trans. Esse discurso odioso materializado pelas fake news é uma construção discursiva fortalecida pelo patriarcado cisheteronormativo para deslegitimar as identidades trans.

6.3.4 Postagem 14

Nesse tweet a seguir, Veg, de forma direta, fala sobre o fato de Ana Paula Renault defender a pauta das pessoas trans, e de forma indireta, mostra a importância dos cis aliado na luta contra a transfobia.



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

O contexto de produção desse tweet é devido ao encontro entre a jornalista Ana Paula e o deputado federal mineiro nikolas ferreira dentro de um voo. Ana Paula postou nas redes sociais a discussão que tiveram. No vídeo, ela questiona o parlamentar sobre o discurso transfóbico realizado por ele na Câmara dos Deputados.

A partir das tramas textuais, percebemos que Veg evita o uso de alguns moldes de coesão, como por exemplo, a ausência de conectivos de sequência na frase “a ana paula é uma das maiores cis aliadas que existem, ela é uma das pessoas públicas”, em que há a supressão da conjunção explicativa. Por mais que os recursos coesivos sirvam “como primeiros indicadores interpretativos” (MARCUSCHI, 2008, p. 121), a ausência deles não implicam necessariamente em falta de coerência ou de textualidade. Em outro momento, Veg utiliza como referente o pronome pessoal do caso reto “ela” para substituir o nome da jornalista, evitando assim a repetição.

Ao afirmar “Sempre será a maiorrr ❤️❤️”, Veg faz o apagamento, por meio da elipse, do pronome pessoal do caso reto “ela”, fazendo referência a Ana Paula. Além disso, utiliza dois recursos linguísticos para reforçar sua admiração pela jornalista: o primeiro, é a repetição da consoante “r”, indicando o quão

grande é a potência do posicionamento da cis aliada; o segundo, é o uso dos dois emojis de coração, indicando afeto. O uso de emojis é bastante comum na cultura digital, já que os recursos semióticos ampliam a efetividade do discurso.

Nosso enfoque analítico é o tweet acima, porém trazemos outro tweet postando como fio argumentativo, em que Veg comenta sobre um comentário da jornalista em uma postagem sua e adiciona através do retweet a mensagem, a seguir:

Figura 35– Fio do tweet da postagem de Veg



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Veg, ao fazer referência ao transfóbico nikolas ferreira, utiliza o vocábulo “lixo” para ressaltar o quão indigno essa pessoa consegue ser. Ao evitar escrever seu nome, evita que os algoritmos promovam ainda mais notícias sobre ele. Além disso, utiliza-se também do pronome pessoal do caso reto “ele” para efetivar a coesão referencial. Para Koch (2005, p. 31), a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual”.

Nessa postagem, a transativista faz um retweet de uma postagem de Ana Paula, mostrando como foi acolhida pela cis aliada, resgatando a fala dela: “Sinta-se acolhida, respeitada e necessária”. Ao afirmar: “eita como eh grandona sem medo!!”, inferimos que Veg ressaltou a importância do posicionamento de uma pessoa pública na perspectiva do transativismo.

A partir dessa perspectiva, Veg reforça mostrando que “a ana paula é uma das maiores cis aliadas que existem”. Esse reconhecimento quebra também o estigma ilusório fortalecimento pela cisheternormatividade e pelo patriarcado de

que o movimento trans é reacionário e de que exclui as pessoas cis, não aceitando aliados. Ao promover o discurso anti-hegemônico, Veg mostra-nos que as pessoas cis podem e devem “se importar com a pauta trans”. Ademais, é possível percebermos a estratégia da unificação, visto que há uma unidade entre o discurso da transativista Veg com o discurso defendido por Ana Paula.

Outro recurso linguístico utilizado por Veg nesse tweet é a intertextualidade, já que acrescenta a publicação do vídeo por meio do retweet da página da CHOQUEI (@choquei). Esse vídeo foi postado, inicialmente, pela própria Ana Paula e depois foi amplamente divulgado⁹⁸ em sites da esfera jornalística e em perfis pessoais de pessoas trans e de cis aliados.

O movimento feminista, a partir de todas as suas vertentes, na maioria das vezes, traz um alicerce pautado na branquitude e na cisgeneridade, o que silencia e interdita diferentes performatividades de mulheridades. Em contrapartida, existem movimentos que insistem e resistem para que as diferentes vozes sejam potencializadas dentro do próprio feminismo, como é o caso das travestis, das mulheres trans, das negras, das quilombolas, das indígenas e de tantas outras mulheridades. Por isso, quando Veg comenta sobre “potencializar as vozes dessas pessoas”, inferimos que seu posicionamento é de aproximação e trans-sororidade a partir de uma perspectiva que possa transformar o movimento feminista sob a égide da diversidade e da emancipação das vivências, corpos e vozes por meio da interseccionalidade.

6.3.5 Postagem 15

Na postagem a seguir (Figura 36), a transativista traz como temática central a pedofilia, e, de forma indireta, como os estigmas e estereótipos são construídos pela cisheteronormatividade para que alguns grupos minorizados – no caso em questão, as travestis e as mulheres trans – tenham seus direitos negligenciados e negados por diferentes instituições sociais.

Figura 36 – Postagem 5 da transativista Veg

⁹⁸ Ana Paula Renault discute com nikolas ferreira em voo após caso de transfobia do deputado. (Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/ana-paula-renault-discute-com-nikolas-ferreira-em-voo-apos-caso-de-transfobia-do-deputado-25673320.html>).

a família tradicional culpabiliza travestis como cortina de fumaça pra acobertar quem realmente tem culpa:

homens que convivem com essas mulheres e crianças



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Desde os anos 60, a pedofilia é classificada pela OMS (Organização Mundial da Saúde), como uma doença – um transtorno psicológico onde o indivíduo possui atração sexual por crianças e adolescentes pré-púberes (até 13 anos). O Código Penal brasileiro, entretanto, não tipifica a "pedofilia", mas a prática que corresponde ao seu conceito - caracterizada pelo ato sexual entre criança e adulto - poderá ser considerada estupro de vulnerável previsto no art. 217 A.

Para falar sobre casos de pedofilia, a transativista Veg complementa seu tweet com uma postagem de Marcos Blanc, afirmando que “trabalha há mais de 20 anos em delegacia, 10 anos como policial”, ou seja, utiliza-se de um argumento de autoridade para fortalecer a tese de que não são as travestis e as mulheres trans que, ao usarem o banheiro feminino, irão assediar crianças e até mesmo mulheres. Ao utilizar esse argumento, Marcos Blanc opera ideologicamente por meio da legitimação (THOMPSON, 2011) para reafirmar que sua experiência na instituição social polícia lhe concede respaldo para

fornecer opinião plausível sobre o assunto, sustentando, portanto, o seu argumento de apoio às pessoas trans.

Segundo o site Agência Brasil⁹⁹, dados do Disque 100 mostram que, somente em 2018, foram registradas um total de 17.093 denúncias de violência sexual contra menores de idade. A maior parte delas é de abuso sexual (13.418 casos), mas há denúncias também de exploração sexual (3.675). Só nos primeiros meses de 2019, o governo federal registrou 4,7 mil novas denúncias. Os dados mostram que mais de 70% dos casos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes são praticados por pais, mães, padrastos ou outros parentes das vítimas, e a violência foi cometida na casa do abusador ou da vítima.

Alinhando-se com os dados publicados no site Agência Brasil, a transativista argumenta que a culpa dos casos de pedofilia decorre dos “homens que convivem com essas mulheres e crianças”. Além disso, traz o pronome demonstrativo “essas” com valor anafórico para retomar a ideia posta por Marcos Blanc, entretanto, não é possível encontramos, a partir da superfície textual, a referência a mulheres, apenas a crianças. Ao olharmos o contexto, inferimos que Veg estava fazendo referência aos estigmas transfóbicos que a cisheteronormatividade (re)cria quando observa uma travesti ou uma mulher trans no banheiro feminino.

Veg utiliza-se do recurso da intertextualidade para validar seus argumentos através da aproximação intertextual da postagem de Marcos Blanc e de outras publicações em jornais de circulação nacional. Ao fazer alusão ao assunto central, a transativista desconfigura o pacto narcisístico da cisheteronormatividade sob o viés da transfobia, rompendo barreiras hegemônicas.

Para além do dito das tramas textuais do tweet, inferimos um assunto que ainda é bastante criminalizado pelo sistema: o uso de banheiro por pessoas trans. Por mais que já existam diversas decisões¹⁰⁰ que concedem o direito da

⁹⁹ Mais de 70% da violência sexual contra crianças ocorre dentro de casa. (Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-05/mais-de-70-da-violencia-sexual-contra-criancas-ocorre-dentro-de>)

¹⁰⁰ PGR: transgênero não pode ser proibido de usar banheiro do gênero com o qual se identifica. (Fonte: <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/245528133/pgr-transgenero-nao-pode-ser-proibido-de-usar-banheiro-do-genero-com-o-qual-se-identifica>)

pessoa transexual de utilizarem o banheiro público no qual se sentem confortáveis, muitos lugares, como shoppings e escolas, por exemplo, ainda negam esse direito à liberdade e à dignidade humana, já que são convocados por pessoas cis a efetivarem essa interdição.

A expressão “cortina de fumaça” passou a ser usada com mais frequência em nosso país, principalmente pela mídia, durante o governo genocida de Bolsonaro, que buscava factóides para desvirar a atenção das pessoas. Nesse contexto, cabe-nos refletir sobre como as instituições sociais sob o viés do ideário da direita reacionária e do conservadorismo estão constantemente pactuando ameaças às minorias de forma conjunta, visto que “a elite corporativa, a elite da mídia, a elite política e a elite acadêmica se coagularam em um eixo do mal, dominando todas as instituições e controlando os canais de reflexão” (YORK¹⁰¹, 2021).

Essa é uma estratégia de atrair atenção para assuntos irrelevantes ou falsos de forma a tirar o foco de pautas centrais e de maior impacto, como resultados positivos para a população. Veg utiliza essa expressão para desestabilizar e desacreditar a narrativa da “família tradicional” em relação ao assunto discutido no tweet.

6.4 Mãe

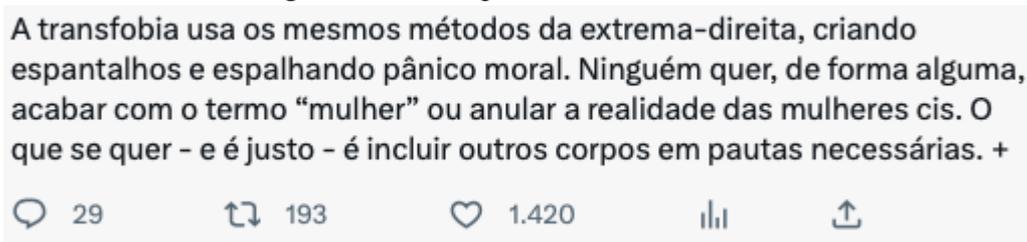
Além de se descrever como mãe, a transativista Mãe enquadra-se como feminista, comunicadora e poeta, demarcando seu lugar social a partir de uma trajetória pautada na escrita e na mobilização. Além disso, a quebra da ideia do senso comum de que uma travesti não pode ser mãe é colocada em xeque, visto que a transativista não só fortalece suas performances maternas, como também quebra as barreiras construídas e fortalecidas pelo patriarcado de que a maternidade está relacionada com o sexo biológico, ou seja, a transativista afronta o sistema e amplia as potências de reflexões sobre as dores e as delícias da maternidade. Nas postagens a seguir, costuramos as tessituras dessas reflexões:

6.4.1 Postagem 16

¹⁰¹ Informação retirada do site: <https://medium.com/@sarawagneryork/o-terrível-futuro-da-direita-americana-o-que-vi-na-conferência-nacional-sobre-conservadorismo-906f9873f7d>

No tweet a seguir (Figura 37), a transativista Mãe faz referências as constantes situações de transfobia que são veiculadas por diferentes corpos cis em relação às identidades e vivências das pessoas trans, em especial travestis e mulheres trans. Partindo das tessituras do texto, podemos inferir que Mãe está fazendo referência sobre a linguagem e como seu uso pode ser mais inclusivo, além de repensar as diferentes formas de mulheridades.

Figura 37 – Postagem 1 da transativista Mãe



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Ao analisarmos a superfície textual, percebemos o uso da linguagem formal, por meio do alinhamento com as regras da gramática normativa. Por ter formação em Jornalismo, inferimos que Mãe utiliza-se da sua formação acadêmica para produzir tweets que se aproximem dos textos jornalísticos. Sabemos que a esfera jornalística preza pela objetividade, “imparcialidade” e uso da norma padrão para produção dos gêneros veiculados.

A partir do concatenamento de ideias, Mãe utiliza-se da coesão frásica para efetivar a ligação entre os elementos linguísticos por meio das preposições (“Ninguém quer, de alguma forma). Há no tweet a presença da coesão sequencial por meio das conjunções (“e é justo”). Para Koch (2005, p. 60), nesse tipo de recurso “[...] a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto [...]”.

A utilização adequada da coesão e da coerência permitem que a arquitetura textual do tweet da transativista Mãe tenha um fácil entendimento, por causa da clareza nas ideias, e um forte traço argumentativo, ampliando a progressão textual. Nesse contexto, os usos recursos coesivos contribuem para a coerência sintática e semântica do texto (KOCH e ELIAS, 2009).

Essa postagem faz um diálogo intertextual com várias postagens de feministas mais sectárias, como as Radfem, e com entrevistas de algumas feministas mais tradicionais. Inicialmente, utiliza como recurso argumentativo a comparação, para aproximar as práticas de transfobia à extrema-direita (A transfobia usa os mesmos métodos da extrema-direita). Mãe resgata essas falas para fazer um contraponto argumentativo a partir do seu lugar de fala, incluindo suas vivências e experiências enquanto mulher trans. A fazer essa alusão, a transativista escancara a transfobia e coloca em cena caminhos para um mundo mais inclusivo.

Ao dizer que “Ninguém quer, de forma alguma, acabar com o termo ‘mulher’ ou anular a realidade das mulheres cis”, Mãe utiliza-se do vocábulo “ninguém” para dizer que nenhuma travesti ou mulher trans quer silenciar mulheres cis, ou seja, esse vocábulo, de forma intencional, carrega de forma significativa todo o movimento transfeministas. Outro recurso utilizado pela transativista é o vocábulo “mulher” entre aspas, que, nesse contexto, faz uma crítica a ideia da relação biológica entre mulher-vagina.

Mãe deixa bem explícito que o desejo não é silenciar ou apagar um grupo, mas “incluir outros corpos em pautas necessárias”, ou seja, o objetivo do movimento trans, e aqui podemos inclusive afirmar do transfeminismo, é permitir que as vozes, os corpos e as vivências das travestis e mulheres trans possam também fazer parte da derruba das amarras que o patriarcado, o machismo e o cissexismo tentam impor a partir da lógica estrutural do binarismo entre macho e fêmea. Por isso, é vital problematizarmos e desconstruirmos a noção solidificada de sexo. Por isso, respaldamo-nos nas ideias de Butler (2010, p. 25), quando afirma que “o caráter imutável do sexo é contestável”. Em seguida, a transativista coloca o sinal de “+” para indicar que o debate continua em outros tweets. A seguir, escolhemos um tweet desse fio de informações:

Figura 38– Fio do tweet da postagem de Mãe

Incluir, não excluir, esse é o caminho. E algumas vezes, para incluir outros grupos e vivências, a gente precisa repensar termos, repensar parte da nossa forma de comunicar. Sempre foi assim na história do mundo, na luta por direitos. Qual o incômodo específico com pessoas trans?

4 27 253

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Mãe inicia seu tweet com o jogo de palavras incluir-excluir, ressaltando a importância da inclusão e da não exclusão, ou seja, ratificando a ideia de que o caminho é agregar as diferentes subjetividades e experiências das diferentes performances de mulheridades. Em seguida, ressalta a importância do ato de repensar as situações, a partir do ato de “repensar termos, repensar parte da nossa forma de comunicar”.

Ao utilizar a expressão “sempre foi assim na história do mundo”, a transativista Mãe traz, de forma suave, a estratégia ideológica da narrativização, visto que faz uma analogia com as relações históricas da sociedade com a luta por direitos. Esse recurso permite que a história seja contada, no caso em questão: pelas experiências e vivências de uma travesti.

Ao repetir o vocábulo “repensar”, Mãe enfatiza a importância de trabalho reflexivo e cotidiano de refletir sobre as fragilidades do patriarcado e das naturalizações das práticas de machismo e de transfobia. Ao concluir seu tweet com uma pergunta retórica (“Qual o incômodo específico com pessoas trans?”), a transativista Mãe nos faz re-pensar nossas práticas enquanto pessoas cis, estimulando a reflexão, além de apontar sua crítica para o centro da teia argumentativa.

6.4.2 Postagem 17

Na postagem a seguir (Figura 39), a transativista Mãe faz uma reflexão sobre a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) no tratamento das pessoas que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV é a sigla em inglês):

Figura 39 – Postagem 2 da transativista Mãe

Desde 2014 eu vivo com HIV. E desde 2014 eu faço o acompanhamento no SUS. É no SUS que faço minhas consultas anuais e é também assim que recebo minha medicação. Uma medicação que no setor privado custaria milhares de reais por mês. Que dor saber que isso está ameaçado! +

69

1.100

9.982

|||

↑

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Inicialmente, Mãe constrói a marcação temporal, evidenciando que desde 2014 ela é acompanhada pelo SUS, ou seja, já são 8 anos de tratamento, já que a postagem foi realizada em 7 de outubro de 2022. Essa temporalidade é fundamental para que os leitores compreendam o quão longínquo é a complexidade dos atendimentos do SUS, o que permite que milhares de brasileiros tenham acesso a um serviço de saúde gratuito e de qualidade.

É válido ressaltar que o SUS ¹⁰²é um dos mais complexos e mais importantes sistemas de saúde do mundo, permitindo que a atenção integral à saúde ocorra para além da Atenção Primária. Segundo a Constituição Federal de 1988 (CF-88), a “Saúde é direito de todos e dever do Estado”, sendo assim, por meio da universalização, da equidade e da integralidade, todas as pessoas, sem preconceitos ou estigmas, tenham suas necessidades atendidas.

Mesmo estando amparada pela Lei 14.289¹⁰³, que garante a manutenção do sigilo em relação à condição sorológica, Mãe se permite divulgar e falar sobre isso de forma clara e objetiva por meio da frase “Desde 2014 eu vivo com HIV. O uso do pronome pessoal do caso reto “eu” permite, de forma explícita, que o receptor do tweet reconheça o referente textual, já que a construção de referentes se efetiva a partir da “inter-relação entre língua e práticas sociais” (CAVALCANTE, 2013, p. 125).

A divulgação desse tipo de informação com milhares de pessoas contribui para a quebra de tabus em relação às pessoas que vivem com o HIV.

Ao utilizar a frase “Que dor saber que isso está ameaçado!”, a transativista utiliza o pronome demonstrativo “isso” como elemento coesivo por meio da anáfora para fazer referência, por meio da retomada, de todo o processo de acompanhamento do trabalho que o SUS realiza no tratamento das pessoas vivendo com HIV, como podemos confirmar com a oração “É no SUS que faço minhas consultas anuais e é também assim que recebo minha medicação”. Para Apothéloz (2003, p. 73), “os mecanismos da anáfora podem levar muito além da

¹⁰² Acesso em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus>

¹⁰³ Lei garante sigilo a pessoas vivendo com HIV, hepatites crônicas, tuberculose e hanseníase. (Fonte: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/nova-lei-garante-sigilo-a-pessoas-vivendo-com-hiv-hepatites-cronicas-tuberculose-e-hanseniose>).

simples retomada de informação e contribuir para os aspectos mais especificamente construtivos do discurso".

Ao analisarmos a prática discursiva, Mãe utiliza-se do recurso da intertextualidade para discutir sobre as diversas notícias¹⁰⁴ divulgadas na mídia no período de produção do tweet sobre os cortes no orçamento do então presidente da época bolsonaro. Essa alusão permite que o consumo do texto seja realizado a partir da ótica de uma pessoa vivendo com o HIV, permitindo que os leitores compreendam o cotidiano¹⁰⁵ e a resistência dessas pessoas.

Ao escrever no tweet que "Uma medicação que no setor privado custaria milhares de reais por mês.", a transativista também faz uma crítica ao modelo capitalista que encarece diferentes bens e serviços, como é o caso dos altos preços cobrados pela indústria farmacêutica. Em relação aos medicamentos do HIV, a situação ainda é mais delicada, já que envolve a patente de algumas fórmulas, e algumas empresas ainda insistem em monopolizar isso. Como exemplificação, temos o caso que aconteceu nos Estados Unidos em que cerca de 26 mil pessoas estão processando¹⁰⁶ a Gilead Sciences, uma das maiores farmacêuticas do mundo, sob a acusação de ter atrasado propositalmente o lançamento de um remédio promissor no combate ao HIV para priorizar os lucros.

No embate contraideológico ao sistema capitalista, a transativista Mãe utiliza-se do seu lugar de fala como membra filiada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e feminista decolonial para problematizar e denunciar o quão criminosas são as consequências do modelo capitalista para a humanidade, a partir dos "mandos e desmandos" arquitetados majoritariamente por homens, brancos, cis e ricos. Ao se posicionar contrária ao sistema capitalista, Mãe traz a possibilidade de um sistema mais justo e solidário às diferentes pessoas,

¹⁰⁴ Governo Bolsonaro corta recursos para tratamento de Aids. (Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/10/07/interna_politica,1404460/governo-bolsonaro-corta-recursos-para-tratamento-de-aids.shtml).

¹⁰⁵ Olhares do autor trans-aliado sobre o mundo: Hoje, 19 de abril de 2023, li nas redes sociais da Deputada Federal Duda Salabert que a justiça condenou nikolas ferreira por injúria racial por ter se referido à deputada com pronomes masculinos em 2020 e determinou uma indenização de 80 mil reais. Notícias como essa alegram o coração! Fonte: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/nikolas-ferreira-e-condenado-por-transfobia-contraduda-salabert-e-tera-que-pagar-indenizacao-de-r-80-mil.ghtml>

¹⁰⁶ Informação retirada do site: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/07/24/empresa-e-processada-por- visar-o-lucro-e-atrasar-remedio-promissor-de-hiv.htm>

permitindo que outras vivências e experiências sejam colocadas em cena para além do discurso hegemônico do capitalismo.

Para ampliar sua construção argumentativa, a transativista utiliza-se de outros tweets para incorporar outros argumentos a tese central. A seguir, escolhemos um tweet que aprofunda a discussão:

Figura 40– Fio do tweet da postagem de Mãe

Nunca no Brasil vimos algo assim. Ele tirou dinheiro do combate ao câncer, tirou dinheiro das universidades e agora tirou dinheiro do combate ao HIV. É assassino, é cruel, é corrupto, é desumano. Bolsonaro não pode se reeleger, para que o povo brasileiro possa sobreviver.

9 218 2.180

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Nesse fio argumentativo, Mãe traz o pronome pessoal do caso reto para fazer referência ao bolsonaro (“Ele tirou dinheiro do combate ao câncer”). Para evitar repetição do pronome “ele”, a transativista faz uso da coesão referencial por meio da elipse. Em contrapartida, repete três vezes o vocábulo “tirou” (Ele tirou dinheiro do combate ao câncer, tirou dinheiro das universidades e agora tirou dinheiro do combate ao HIV”), permitindo que o receptor do tweet, ao consumir o discurso, consiga perceber, através da ênfase, o quão grave é a ação de bolsonaro. Essa relação entre locutora e ouvinte conduz na cena discursiva caminhos para (re)construção de outros discursos, visto que “[...] depois da enunciação uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 82)

Ao textualizar a expressão “Nunca no Brasil vimos algo assim”, Mãe com traços ideológicos pautadas na narrativização, busca (re)contar os fatos envolvidos em relação aos investimentos em saúde e o investimento político em algumas políticas públicas, ou seja, já que “pensar as interferências políticas frente a identidade travesti, nesse momento, é compreender que as problemáticas que nos envolvem também são políticas” (RODRIGUES¹⁰⁷,

¹⁰⁷ Informação retirada do site: <https://medium.com/@anaflorfernandesrodrigues/o-desafio-de-ser-uma-professora-travesti-frente-o-governo-bolsonaro-bdb0b959080e>

2019). Nessa tessitura, Mãe utiliza-se desse aparato simbólico para enfatizar o quanto bolsonaro foi cruel nas suas decisões políticas, afinal, ele representou a efetivação do golpe ao governo Dilma e precisava, de alguma forma, ampliar uma política de ódio e de morte em diferentes perspectivas.

Além disso, por meio de quatro vocábulos com função de adjetivo (“assassino”, “cruel”, “corrupto” e “desumano”), Mãe aproxima bolsonaro as suas ações contra o povo brasileiro. Para ratificar isso, percebemos que a transativista, para romper as relações de dominação, constrói uma identidade coletiva por meio da utilização da expressão “povo brasileiro” para resistir ao aparelhamento ideológico da política genocida do governo bolsonaro.

6.4.3 Postagem 18

No tweet a seguir (Figura 41), Mãe faz uma discussão sobre maternidade, mais especificamente sobre como alguns comportamentos de crianças incomodam alguns adultos, como, por exemplo o choro:

Figura 41 – Postagem 3 da transativista Mãe

Algumas pessoas tem muita dificuldade de entender isso, mas crianças são pessoas. E mães são seres humanos. A cidade não é - ou não deveria ser - apenas para pessoas adultas sem filhos. Choro de criança irrita? Sim, irrita, igual grito de homem adulto em mesa de bar.

6 177 1.043 32,1 mil

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Há, inclusive, alguns movimentos contrários a presença de crianças em espaços públicos – “Childfree¹⁰⁸”. Esse movimento, inicialmente, reuniu pessoas que não queriam ter filhos e, em seguida, colocou em suas discussões a ideia de “lugares livres de criança”.

Em contrapartida, a transativista, a partir do seu lugar de fala de mãe, humaniza as crianças e as mães (“crianças são pessoas. E mães são seres

¹⁰⁸ O movimento Childfree é formado por pessoas que não querem ter filhos por variados motivos. (Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-e-o-movimento-childfree-e-o-que-diz-a-lei-sobre-a-pratica/>)

humanos”), e aproxima os comportamentos das crianças ao dos adultos. Esse recurso argumentativo permite a compressão de que qualquer pessoa possui fragilidades que podem, em algum momento, incomodar outras pessoas, ou seja, o ato de incomodar alguém não é uma característica exclusiva das crianças.

Inicialmente, Mãe começa seu tweet com o pronome indefinido variável “algumas” com o objetivo de distanciar-se das generalizações, sendo assim, abre margem para outra parcela da população que não ver problema em conviver com crianças, por exemplo. No âmbito da gramática normativa, a transativista não fez a marcação da concordância verbal ao utilizar o verbo “tem”, que deveria estar com o acento diferencial.

No âmbito da coesão, Mãe utiliza alguns conectivos para ampliar as potencialidades da sua argumentação, como, por exemplo, na oração “Algumas pessoas tem dificuldade de entender isso, mas crianças são pessoas”. O uso da conjunção adversativa “mas” reforça o uso da coesão sequencial por meio da conexão, ratificando a ideia de oposição entre duas orações, além de fortalecer o primeiro enunciado “como tema” do segundo (KOCH, 2007a, p. 71).

Nessa mesma sentença, Mãe utiliza o pronome demonstrativo “isso”, para trazer a ideia de que “crianças são pessoas”, ou seja, tem valor catafórico, pois a ideia ainda será dita, sendo assim, o vocábulo “isso” poderia ser substituído por “isto”.

Ao apontar que “a cidade não é – ou não deveria ser – apenas para pessoas adultas sem filhos”, a transativista aponta sua crítica de forma direta ao “Childfree”, além disso possibilita que os leitores, a partir do contexto de produção e consumo, enxerguem as cidades como lugares que podem possibilitar as diferentes existências, a partir da perspectiva da diversidade.

Na oração “mãe são seres humanos”, a transativista permite que as diferentes performances do “ser mãe” estejam na arena discursiva. Essa diversidade amplia as potencialidades do debate em relação à maternidade trans, já que o direito à maternidade é, na maioria das vezes, negado a essas pessoas, visto que nossa sociedade ainda beneficia e valoriza o sexismo e o binarismo homem-mulher e pênis-vagina, criando mitos e fetiches. Para Ferraz (2017, p. 2), “o problema é que há uma mitologia de que órgão genital define

gênero e, até dentro do gueto transgênero, acredita-se que se você fizer cirurgia e virar 100% homem ou 100% mulher, vai se enquadrar. Não vai. [...]”.

A ampliação dessas performances é um ato de resistência a esse sistema de hegemonia patriarcal, sexista e machista. Para Fairclough (2001a, p. 119), a hegemonia “é uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos”. Sendo assim, o processo de “tornar-se” mãe efetiva nas vivências da transativista Mãe uma possibilidade a mais de desnaturalização da padronização imposta pelo sistema.

Ao trazer a pergunta “Choro de criança irrita?” e logo em seguida responder através do “sim, irrita”, a transativista não romantiza o processo da maternidade e o convívio com crianças. Dentro da esfera argumentativa, a indagação é um recurso que direciona as reflexões e possibilita que o emissor, no momento da produção, incorpore sentido ao texto. Além disso, iguala esse comportamento ao “grito de homem adulto em mesa de bar”, colocando em xeque a masculinidade hegemônica (JUNQUEIRA, 2009). Desconstruir e desromantizar a masculinidade é uma luta anti-hegemônica, já que as construções culturais do “ser homem” são carregadas de estereótipos tóxicos e preconceitos alicerçados em uma herança histórica e estrutural machista.

6.4.4 Postagem 19

Na postagem a seguir (Figura 42), a transativista Mãe denuncia uma cena de transfobia que aconteceu no terminal de Joana Bezerra, na área central de Recife:

Figura 42 – Postagem 4 da transativista Mãe



Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

O vídeo mostra um casal descendo do ônibus e dois policiais militares apontando as armas. O homem está com as mãos na cabeça, já a mulher fala algo e aponta para os agentes. Nesse momento, um policial militar dá um tapa no rosto da vítima.

Ao analisarmos a postagem, é possível perceber que o tweet de Mãe atingiu um alcance exitoso, com 124 comentários, 787 retweet, 3.742 curtidas e um alcance de contas acima de 300 mil perfis, ou seja, se formos levar em consideração esses números, os contextos de produção, distribuição e consumo foram alcançados de forma efetiva, já que entrelaçou produtores/as-texto-receptores/as. Escolhemos aqui a marcação de plural para produtores/as na perspectiva que a transativista apoia-se no vídeo gravado no dia do crime, ou seja, o recurso semiótico, para além das tramas do texto verbal, há também o texto não verbal por meio do vídeo – o tapa – materializando a transfobia e, conseqüentemente, a denúncia. Essa interação entre produtores/as-texto-receptores/as convergem para o fortalecimento da ideia de que o texto por si só

não se efetiva de maneira absoluta, já que “um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal.” (MARCUSCHI, 2008, p. 89).

O vídeo¹⁰⁹ foi enviado à produção da *TV Jornal/SBT, jornal com abrangência regional*. Após passar na televisão, ganhou notoriedade em diferentes perfis do Twitter, repercutindo nacionalmente. Essa relação entre mídia tradicional e redes sociais – algo mais alternativo – possibilita que fatos como esse ganhem caráter de denúncia para que os envolvidos sejam responsabilizados e culpados. Mãe utilizou do recurso da intertextualidade explícita, já que o próprio vídeo foi divulgado pelo Jornal Estado de Minas. Esse tipo de recurso é evidenciado a partir da reprodução total ou parcial de um texto em relação a outro texto, sem prejudicar a coesão semântica ou formal do texto de origem (SILVA, 1982).

Mãe inicia o tweet fazendo a marcação temporal do crime e utiliza o vocábulo “ontem” com função de advérbio de tempo. Esse recurso é muito utilizado em textos jornalísticos, pois situa contextualmente as pessoas que irão ler o texto. No âmbito da coesão, na sentença “Ela é uma professora e foi agredida ao pedir ajuda”, marcamos dois elementos coesivos importantes para a construção da argumentação: o primeiro, por meio da anáfora pronominal, o pronome pessoal do caso reto “ela”, funciona no texto como mecanismo para evitar a repetição do termo “mulher trans”; o segundo, a conjunção aditiva “e”, por meio da coesão sequencial, liga as duas orações. Nesse tipo de anáfora, “o anaforizado é um sintagma e o anafórico é um pronome, cuja função principal é assegurar uma continuidade referencial” (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

Nas tramas da estrutura social, a transativista ao ressaltar que “uma mulher trans sendo agredida por um policial” é o reforço do aparato ideológico do estado contra as diversidades que estão à margem. É muito simbólico, para não dizer degradante, o fato de um representante da lei – o policial – bater com um tapa em alguém que está performando a feminilidade – a mulher trans. O machismo, o sexismo e a cisgeneridade, mais uma vez, ganham forma, já que

¹⁰⁹ VÍDEO: Mulher é agredida por policial militar ao descer de ônibus no Recife. (Fonte: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2023/02/15173545-video-mulher-trans-e-agredida-com-tapa-no-rostro-por-pm-apos-pedir-ajuda-por-sofrer-preconceito-em-onibus-no-recife.html>)

muito provavelmente se fosse uma mulher cis, o “atendimento” da força polícia aconteceria de forma diferente: seria por meio do diálogo, já que a mulher trans estava indo pedir ajuda ao policial. As vozes e corpos trans, mais uma vez, silencias e marginalizados por diferentes instituições sociais – no contexto do tweet, a Polícia Militar.

Aqui, cabe destacar o fato da mulher trans agredida ser professora (“ela é uma professora e foi agredida”). Nesse contexto, cabem duas reflexões: a primeira, os corpos trans, contrariando a lógica estrutural do capitalismo e da transfobia, estão ocupando diferentes espaços laborais, para além do determinismo social da prostituição, visto que para Rodrigues¹¹⁰ (2019), os dispositivos do patriarcado e da cisgeneridade “[...] esquecem das artimanhas travestis e dos nossos talentos mesmo quando sempre nos quiseram o mais absurdo: às margens e o esquecimento”; a segunda, mesmo resistindo e ocupando múltiplos espaços, o aparato ideológico da cisgeneridade insiste em silenciar os corpos e as vozes trans.

Mãe utiliza do vocábulo “revitimizada” para reforçar os processos de vitimização que essa mulher trans passou: a transfobia dentro do ônibus e a transfobia advinda da truculência do policial militar. Esse processo de revitimização ocorre quando a vítima sofre a experiência da violência diversas vezes, mesmo após cessada a agressão original (MANZANARES, 2011). Além disso, é uma violência institucional, já que o órgão que deveria zelar pela segurança da vítima – no caso do vídeo, a Polícia Militar – está dando fôlego ao crime – a transfobia. Como afirma a transativista Mãe, “humilhada de diferentes formas, enquanto ia trabalhar.”

6.4.5 Postagem 20

O tweet a seguir (Figura 43) traz reflexões sobre o artigo¹¹¹ de Djamila Ribeiro, publicado no dia 1º de dezembro de 2022, em sua coluna no Jornal Folha de São Paulo, intitulado “Nós, mulheres, não somos ‘pessoas que menstruam’”:

¹¹⁰ Informação retirada do site: <https://medium.com/@anaflofernandesrodrigues/o-desafio-de-ser-uma-professora-travesti-frente-o-governo-bolsonaro-bdb0b959080e>

¹¹¹ Nós, mulheres, não somos ‘pessoas que menstruam’. (Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2022/12/nos-mulheres-nao-somos- apenas-pessoas-que-menstruam.shtml>)

Figura 43 – Postagem 5 da transativista Mãe

Djamila reclamando do termo “pessoas que menstruam”, por, supostamente, isso ser violento com as mulheres cis. Enquanto isso, existem milhões de mulheres - indígenas, com deficiência, lésbicas “masculinas”, trans, etc - que tão todos os dias tentando serem vistas como pessoas.

106 651 4.345

Fonte: Print coletado pelo Pesquisador (2022)

Como o próprio título já explicita, ao enquadrar algumas performances exclusivas para um padrão de mulher – que, “por coincidência”, é através do cissexismo, uma visão transfóbica, conservadora e bem distante das potências da diversidade. Ao colocar no título “Nós, mulheres”, Djamila opera com o mecanismo ideológico da unificação, ressaltando que as interdições de dominação “podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 2011, p. 86). Nesse contexto, o tweet de Mãe faz um contraponto às reflexões de Djamila à medida que busca pensar nas diferentes possibilidades de mulheridades.

Ao trazer o nome de Djamila para a arena discursiva, Mãe busca, por meio da argumentação, mostrar que a cisgeneridade provoca um esvaziamento de sentidos e significados quando colocamos em cena as diferentes formas de mulheridades. Os discursos utilizados por esse grupo de feministas cis carrega aproximações com ideias defendidas pelo patriarcado e já conseguimos perceber que o aumento expressivo da ligação entre “[...] grupos de feministas com fundamentalistas religiosos e com a extrema direita, [...] tem incluído uma movimentação intensa onde há investimentos e mobilização política para barrar avanços de políticas trans-inclusivas” (BENEVIDES¹¹², 2021).

Por mais que Djamila traga seu argumento de autoridade, já que é filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, a transativista traz suas experiências e seu lugar de fala a partir da subalternidade e da luta feminista,

¹¹² Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>

mostrando que suas resistências em relação “ao machismo e o patriarcado vem passando por diversas rupturas de pactos [...] colocando outras em um lugar subalterno como se fossem cidadãos de segunda ou terceira categoria, sobretudo mulheres lésbicas, negras, indígenas e trans” (BENEVIDES¹¹³, 2021).

A organização textual do tweet da transativista pauta-se na progressão temática a partir da construção de argumentos por meio de escolhas lexicais que favoreçam a inclusão e a diversidade, quando usa, por exemplo, na expressão “lésbicas masculinas” o vocábulo “masculinas” entre aspas, mostrando que existem mulheres lésbicas que podem performar masculinidades. Podemos inferir que a preocupação de Mãe com uma linguagem mais próxima da inclusão está permeada na ideia de que todas as pessoas precisam da garantia de seus direitos.

No tweet, Mãe utiliza duas vezes o pronome demonstrativo “isso” com valor anafórico. No primeiro uso, fazendo referência ao termo “pessoas que menstruam”, supostamente violentar mulheres cis. Já o segundo, faz referência ao fato de que enquanto uma pesquisadora cis está preocupada com o uso da expressão “pessoas que menstruam”, “milhões de mulheres” estão resistindo na tentativa de existir salientando que a cisgeneridade possibilita muitas regalias, inclusive a existência.

Enquanto Djamila utiliza-se das estratégias ideológicas da fragmentação e da diferenciação por meio do fortalecimento da cisgeneridade para negar a utilização do termo “pessoas que menstruam”, Mãe traz no tweet o viés ideológico pautado na unidade, ou seja, ao textualizar por meio da expressão “milhões de mulheres”, ela utiliza-se da estratégia ideológica da unificação, com o fito de incluir cada vez mais as mulheridades no termo guarda-chuva “pessoas que menstruam”.

Quanto ao uso da gramática normativa, o tweet apresenta uma aproximação com os moldes tradicionais do uso da língua, com exceção da grafia do vocábulo “estão”, que na postagem está grafado como “tão”. Nosso olhar em relação a esse desvio é de que, devido ao pouco espaço de caracteres da rede social, alguns vocábulos ou expressão podem ser abreviados, porém, durante a distribuição e o consumo do texto, não prejudicam o entendimento.

¹¹³ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>

A partir da análise das práticas discursivas, conseguimos perceber o quanto a intertextualidade alicerça muitas postagens na rede social Twitter, permitindo, em alguns casos, uma hibridização de gêneros textuais. Nesse caso específico, a transativista Mãe utiliza-se de um artigo publicado em um jornal para discutir sobre o tópico em questão. Para isso, há o emprego de uma intertextualidade explícita, já que nomeia a autora e traz termos utilizados por ela no artigo, visto que esse tipo de recurso é realizado a partir de citações, discursos relatados, retomadas ao texto base, recursos estilísticos com indicação das fontes, sejam elas particulares ou generalizadas (SILVA, 1982).

Para Benevides¹¹⁴ (2021), “existem e sempre existiram diversas discussões em torno do que é ser mulher. De quem seria essa mulher como um ideal e ser político, e sobre como a luta feminista frente ao machismo e o patriarcado vem passando”, por isso, ao reconhecer e legitimar “milhões de mulheres – indígenas, com deficiência, lésbicas ‘masculinas’, trans, etc”, Mãe coloca em cena as diversas possibilidades identitárias, além de ratificar as diferentes performatividades de mulheridades, quebrando a ideia do patriarcado do modelo único e exclusivo de “ser mulher” – sendo cis.

Ao escrever sobre direitos de pessoas cis, por exemplo, Djamila silencia outras tantas possibilidades de mulheres que se distanciam da ideia de unificação ideológica defendida por diferentes instituições sociais, como a mídia, a igreja e o Estado. Em contrapartida, a luta da subversão do movimento transfeminista¹¹⁵, é estancar as sangrias do patriarcado e da cisgeneridade, para então incluir as diferentes potencialidades das performances identitárias, permitindo uma trans-formação social, já que os atos performáticos não são um ato do sujeito em si, mas uma produção ritualizada (BUTLER, 1993).

Na esteira do fortalecimento das contraideologias, Mãe utiliza sua voz, não somente para representar “milhões de mulheres”, mas para refletir-denunciar sobre como a cisgeneridade, assim como a heterossexualidade

¹¹⁴ Informação retirada do site: <https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>

¹¹⁵ Hoje, dia 10 de abril de 2023, pela primeira vez, a Câmara Federal realizou sessão solene em comemoração ao Dia Nacional da Visibilidade Trans, data criada em 2004. Isso representa um marco para o movimento trans, já que após 19 anos, as travestis e as pessoas trans ocupam o espaço da Câmara para uma sessão solene. São caminhos de muita esperança! (Fonte: <https://www.camara.leg.br/noticias/951551-e-preciso-ir-alem-da-visibilidade-e-garantir-direitos-reivindicam-participantes-de-homenagem-a-populacao-trans>)

compulsória, deslegítima e violenta as diferentes mulheridades. Nesse tweet de Mãe, é possível perceber o quanto seu discurso contraideológico está alicerçado por um "esforço argumentativo" para "[...] desmascarar o discurso astucioso, conformista ou simplesmente acrítico dos forjadores ou repetidores da ideologia dominante" (BOSI, 2010, p. 394).

7 “QUE AMEM AS TRAVAS¹¹⁶”: CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA MARCAR AS INSURGÊNCIAS DO TRAVIARCADO

entre a oração e a ereção
 ora são, ora não são
 unção
 benção
 sem nação
 mesmo que não nasçam
 mas vivem e vivem
 e vem
 (Oração - Linn da Quebrada)

Nossas¹¹⁷ considerações finais para marcar as insurgências do traviarcado fundamenta-se na estética da música Bixa Preta, de Linn da Quebrada, quando denuncia que “bicha estranha louca, preta, da favela/Quando ela tá passando/Todos riem da cara dela” e logo em seguida afirma: “mas, se liga macho/Presta muita atenção/Senta e observa a tua destruição”. Ao refletirmos sobre a letra dessa canção, percebemos que a marginalização das “bichas” que não estão dentro do padrão social é permeada de luta e resistência, já que a “destruição do macho” poderá ser observada.

Buscamos destruir as interdições da cisgeneridade a partir do percurso (auto)formativo, visto que minha luta se baseia sob o alicerce de alguns percursos individuais e coletivos por meio do engajamento com questões sociais, já que caminho atrelado às questões sociais, como educação inclusiva, gênero, sexualidade e combate ao discurso de ódio, objetivando a promoção da igualdade e a diversidade. Nesse contexto, esta pesquisa de doutoramento transgride as barreiras impostas pelo patriarcado e pelo machismo, ao rechaçar qualquer conluio com a transfobia e as práticas de interdição, e com isso, ganha uma função social relevante.

¹¹⁶ Olhar do autor da tese sobre o mundo: No dia 11 de junho de 2023, participei da Parada do Orgulho da comunidade LGBTQIAP+ de São Paulo – a famosa Parada SP! Para mim, foi um momento de muitas reflexões e de aprendizagens, afinal, pude assistir diversas falas, entre elas de Érica Hilton e Silvio Almeida. Para além da festividade, o ato, que teve participação de mais de 4 milhões de pessoas, trouxe muita luta e resistência. No dia anterior, participei da XXI Caminhada de Mulheres Lés-Bis-Cis e Trans e tive a honra de encontrar abraçar a professora Sara York! Que mergulho de vivência!

¹¹⁷ Ressalto, mais uma vez, que a mistura das pessoas verbais é intencionalmente construída, afinal, muitas mãos, vozes e corpos fizeram esta pesquisa. São atravessamentos múltiplos que permitiram esse percurso (auto)formativo.

Esse movimento a partir do meu lugar de fala de trans-aliado permitiu-me ampliar o olhar em relação à diversidade, enriquecendo meu ponto de vista e a compreensão das complexas questões sociais aqui discutidas; e a conexão entre teoria e prática, conectando minhas experiências práticas como professor da Educação Básica com as trilhas da pesquisa acadêmica, mostrando como essas vivências levaram-me a escolher determinados caminhos de pesquisa, como a inclusão e o empoderamento das travestis.

Minha motivação pessoal é atravessada pela construção de um ativismo baseado nos direitos humanos e na emancipação das travestis. Por isso, esta pesquisa de doutoramento pretendeu avançar nas implicações políticas e sociais, enfatizando a linguagem como meio de resistência das travestis em um contexto de transgressão e trans-formação social, reafirmando cada vez mais minha trans-radicalidade.

O objetivo é investigar como as travestis constroem discursivamente seus saberes e vivências no Twitter através do (trans)ciberativismo, com foco nas práticas textuais, discursivas e sociais de resistência. Os objetivos específicos da pesquisa incluíram examinar as marcas linguísticas usadas pelas travestis, descrever estratégias sociais e discursivas para visibilizar seus saberes, e caracterizar as contraideologias relacionadas a corpo, gênero e sexualidade. Nesse arcabouço, buscou-se subverter a ordem da sociedade cis-heteronormativa e patriarcal, promovendo a inclusão e o transativismo das travestis.

Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura para entender o que outras pesquisas abordaram sobre travestis, ressaltando o avanço no entendimento das identidades trans além do diagnóstico médico. Em seguida, adotou-se o entrelaçamento da Análise do Discurso Crítica (ADC) e dos Estudos Queer, por meio das Epistemologias Travestis, como arcabouço teórico e utilizou a etnografia virtual para analisar as interações das transativistas no ambiente digital, envolvendo a observação, contextualização e interpretação sistemática dos dados produzidos no Twitter.

A escolha da abordagem qualitativa na construção desta pesquisa de doutoramento permitiu explorar o mundo dos significados das ações e das relações humanas, aspectos que não podem ser capturados por equações e fórmulas estatísticas, visto que é na/pela linguagem os ditos e os não-ditos

aproximaram o pesquisador e as participantes da pesquisa, ampliando os olhares sobre as nuances dos discursos das travestis.

A escolha Twitter como espaço de pesquisa a partir da construção dos dados ocorre em decorrência da sua ampla base de usuários e potencial para o ativismo on-line. Por isso, a construção do nosso objeto de pesquisa foi complexa e colaborativa, visto que possibilitou um processo de idas e vindas em práticas contraideológicas. Esse percurso também foi influenciado pelo contexto político conservador que influenciou o aumento do discurso de ódio aos grupos minorizados e a rápida disseminação de fake news.

Nosso enfoque partiu da investigação dos discursos de ódio direcionados à comunidade LGBTQIAP+ no Twitter, por isso, justificamos essa escolha a partir das observações de que as vozes dessa comunidade, que buscam legitimidade, direitos e resistência, foram historicamente silenciadas.

As vozes das transativistas - Mestranda, Financiada pelo PT, Veg e Mãe – por meio dos 20 (vinte) tweets foram aqui explicitadas para também desconstruirmos nossa cisgeneridade, visto que em cada nova postagem as experiências e as vivências dessas transativistas permitiram-se enxergar outras possibilidades – para além da cisgeneridade – de desconstrução dos discursos hegemônicos enraizados nas amarras sociais.

Nossos dados permitiram observar que a relação entre a reprodução da hegemonia sociocultural e as práticas de transfobia estão mutuamente interligadas e são face de uma mesma moeda, já que essas práticas hegemônicas surgem de um processo pelo qual determinados grupos sociais garantem o domínio político, simbólico, cultural e material na sociedade. Discutir, problematizar e divulgar as experiências e as vivências sob a ótica do traviarcado são fundamentadas nas experiências contra-hegemônicas, desafiando as normas de gênero binárias e rompendo com a exclusão que essas normas impõem, permitindo o fortalecimento de contradiscursos.

As tramas textuais evidenciadas a partir da construção dos dados possibilitou perceber que, apesar das negações e os silenciamentos impostos aos corpos travestis, as transativistas insistem e resistem em desconstruir/combater/exterminar as interdições impostas pelas relações de poder fortalecidas pela cisheteronormatividade. Esse movimento se opõe à tendência de enquadrar os corpos travestis à prostituição ou à marginalidade.

Evidenciamos isso ao percebemos as ideologias como engrenagens que são "postas em ação" nas interações sociais, influenciando as identidades dos agentes sociais. Por isso, torna-se vital desafiar as normas ideológicas que marginalizam as pessoas os corpos e as vozes travestis.

A ideologia torna-se uma ferramenta para estabelecer e sustentar as relações de dominação, reproduzindo a ordem social que beneficia os grupos dominantes, como as pessoas cis, frequentemente "machos", brancos e ricos. Essas pessoas muitas vezes se consideram no direito de demarcar espaços dentro dos diferentes espaços sociais, deslegitimando outras formas de viver/ser/experenciar as identidades. O cissexismo, centrado na misoginia e no machismo, é disseminado como uma ideologia que busca excluir certas subjetividades, negando aos grupos minorizados, em particular as travestis, o direito de serem acolhidas, amadas e empoderadas.

Nessa esteira, o olhar interseccional nas relações contraideológicas destaca-se como uma ferramenta primordial para considerar as diferentes experiências das travestis que estão enquadradas como corpos abjetos para além da margem da sociedade. As Epistemologias Travestis são, além de caminhos de inclusão, ferramentas decoloniais que permitem que as experiências das travestis sejam discutidas e colocadas na cena discursiva, fortalecendo estratégias de resistência e empoderamento, ampliando a dignidade, inclusão e emancipação.

O pensamento "ciscêntrico" enquadra as pessoas cis como padrão a ser seguido e marginaliza os corpos travestis. Isso é fundamentado no patriarcado, machismo e conservadorismo, e contribui para o genocídio e a invisibilização das múltiplas vivências das travestis. Mesmo diante de tantas atrocidades, nossa pesquisa centrou-se na transformação do "tédio em melodia", ou seja, nosso enfoque foram as artimanhas engendradas pelas transativistas para superar as múltiplas práticas transfóbicas, reforçando o trecho escolhido como epígrafe deste capítulo: "mas vivem e vivem/e vem".

Os olhares trans-formados a partir dos dados permitiram discutir os saberes e as vivências das travestis, superando a invisibilidade e o genocídio que enfrentam. Isso foi feito através de uma abordagem transdisciplinar – e indisciplinar - que entrelaçou Linguística e Sociologia, utilizando a Análise Crítica

do Discurso como arcabouço teórico-metodológico, objetivando superar a desumanização e marginalização que os corpos e as vozes travestis enfrentam.

Nossa caminhada diante das múltiplas experiências travestis não consegue contemplar todas as nuances, por isso, acredito que algumas lacunas são inevitáveis dentro de qualquer construção teórico-metodológica de uma pesquisa. Nosso pequeno quantitativo de participantes, apenas 5 transativistas, talvez em alguma pesquisa futura possa ser superado, permitindo que muitas outras vivências sejam colocadas na esteira central das tramas sociais. Ademais, a interface com outras áreas do conhecimento, como a Filosofia ou a Educação, pode ampliar ainda mais as vozes travestis, possibilitando que outras pesquisadoras possam caminhar lado a lado com as travestilidades, problematizando e refletindo outras estratégias de resistência e empoderamento contra o cispatriarcado.

Na música Oração, Linn da Quebrada afirma em um verso: “mas que amem as bixas”, além de trazer o verso “amem as travas também”. Por meio das vivências e dos trans-olhares sabemos que, a lógica do binarismo cis “aceita” corpos e vozes e deslegitima outros, por isso, que as insurgências do traviarcado precisam e devem romper as barreiras da transfobia por meio da ciência, da cultura, da estética, da educação, da política e do inconformismo. São suspiros de esperança, são gritos de resistências!

Não queimem as bruxas (Não queimem)
 Mas que amem as bixas, mas que amem
 Que amem, clamem, que amem
 Que amem
 Que amem as travas
 Amem as travas também (Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh)
 Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh
 Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh
 Amém
 (Oração - Linn da Quebrada)

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- APOTHÉLOZ, D. **Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual**. In CAVALCANTE, M.M. et al (org.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.
- ARAÚJO, J. **Projeto TRANSCIBER: Práticas discursivas de transcriberativismo nas redes sociais (Fase 1)**. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2022.
- ARAÚJO, J. **Projeto TRANSCIBER: Corpos Trans nas Universidades e a produção de conhecimento de travestis no Twitter (Fase 2)**. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2023.
- ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: **INTERNET & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, p.78-92, 2007.
- ARAÚJO, J. **Pandemia de covid-19: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio**. Projeto de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, 2021.
- ARAÚJO, J. "Pra tã c a galera vc tem q abreviar muito": O internetês e as novas relações com a escrita. In: DIEB, Messias. (org.). **Relações e saberes na escola: os sentidos do aprender e do ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 119-134.
- ARAÚJO, Júlio. "Kd a roupinha do nick?": Brincando de vestir identidades no chat aberto. In: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues; COSTA, Nelson Barros da. (org.). **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza: Edições UFC, 2007, v. 48, p. 189-204.
- ARAÚJO, Júlio. Buddypokes: cenas multimodais de violência no Orkut? *Antares*, vol.4, no 7, jan./jul. 2012
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BENEVIDES, Bruna G.; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Volume 9, número 2, 2018).

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim (org.) **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em 4 abr. 2020.

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. In: Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. **Revista Cult**, ano 17, n. 193, p. 43-46, 2014a.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989 [1974].

BORBA, Rodrigo. **Linguística Queer**: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas – Vol. 9, n. 1 (jan./jun. 2015)*

BOURDIEU, P. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papius, 1996.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas observações sobre o Direito Alemão e o Americano. **Revista Direito Público**, v. 15, p. 117^a 136, Jan, fev, mar/2007. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884>>. Acesso em: 05 abr. 2023, p. 118.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**: una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, M. **A Galáxia na Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. II: O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos Sociais na Era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTE, M. M. Anáforas e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e Discurso**. 2 ed. 1a reimp. São Paulo: Contexto, 2013. p. 125-150.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015a.

Collins, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]. Tradução: Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Sayonara Melo. **Tweet**: reelaboração de gêneros em 140 caracteres. Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.114.

DIJK, Teun A. van. **Cognição, discurso e interação**. 7 ed. 1a reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FERNANDES, A. C. Análise de discurso crítica: para leitura de textos da contemporaneidade. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FERRAZ, Diana. Conte algo que não sei. Entrevista com Letícia Lanz. Crianças sofrem intenso terrorismo de gênero. **O Globo**. 12/09/2017. p. 2.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1993. Col. Questões de nossa época.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 141 a 172.

GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas**. - I. ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1926].

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. Estudos Transviados: algumas reflexões. **Revista Interfaces: saúde, humanas e tecnologia**, v. 3, n. 11, p. 21-25, 2016.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. COUTINHO, C. N. (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 2. ed. COUTINHO, C. N. (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, Discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

HINE, Christine. Etnografía virtual. **Colección: Nuevas Tecnologías y Sociedad**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

JESUS, J. G.; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012.

JESUS, J. G. **Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária**, 2012. Disponível de:
http://www.researchgate.net/profile/Jaqueline_Jesus/publication/233854734_Identidade_de_gênero_e_políticas_de_afirmação_identitaria/links/0912f50c2612f1ea35000000.pdf. Acesso em 5 de jun. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia na escola**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **A coesão textual**, 20. ed.- São Paulo 2005.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2007a.

KOCH, I. G. V; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012a

LEVY, P. **A ideografia dinâmica**. São Paulo. Edições Loyola, 2004.

LEVY, P. A esfera pública no século XXI. In: FELICE, M di; PEREIRA, E; ROZA, E. (org.). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de comunicação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2017. p. 29-38.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 2. Ed; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autentica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes “Corpo, escola e identidade”. **Educação & Realidade**, 25, n. 2. 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDEN- BERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (org.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. **A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Rio Grande do Sul: Sociologias, 2009.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MOITA LOPES, L.P. ‘Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer’. In. MOREIRA, A.F. & CANDAU, V.M. (org.) **Multiculturalismo. Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp125-148.

MORTON, Donald. El nacimiento de lo ciberqueer. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras: Una antología de estudios queer**. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 111 a 140.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-399, mai./ago. 2016.

PARENTE, R. **Do midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil**. In:

Encontro Anual da Compós, 23., 2014, Belém. Anais Eletrônicos. Belém: Compós, 2014. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/domidialivrismodemassaaomidialivrismociberativista_rebataescariãoparente_compós2014_2148.pdf. Acesso em: 8 fev. 2020.

PELÚCIO, Larissa. **Discursos fora da ordem**. Sexualidades, saberes e direitos. São Paulo, Annablume, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, 2014.

PEREIRA, M. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. **Encontro da Compolítica**, 4., 2011, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2020.

PRECIADO, Paul B. **Ser ‘trans’ é cruzar uma fronteira política**. El País. Caderno Cultural, 10 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html. Acesso em 10 de jun 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e America latina. **A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais**. Buenos Aires. CLACSO. (2005).

RAJAGOPALAN, K. Por uma pragmática voltada à prática linguística. In: ZANDWAIS, A. (ed.). **A relação entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre, R.S.: Ed. Sagra Luzzatto, 2002, p. 22-35.

RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática - Fases e Feições de um Fazer**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica. Dossiê: Refletindo sobre pesquisa em Linguística. **Revista Línguas e Letras**, vol. 8 no 14, 1o sem. 2007.

RECUERO, R. **A Conversação em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RESENDE, V.M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**: implicações interdisciplinares, Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**: uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmica funcional e a ciência social crítica Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. C. S., Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas, **Linguagem em (dis)curso**, v. 5, n. 2, 2004.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Ana Flor Fernandes. **É preciso colocar o cu em jogo: alianças travestis por um futuro do hoje** [Texto digital do Medium] Obtido do <https://medium.com/@anaflorfernandesrodrigues/é-preciso-colocar-o-cu-em-jogo-alianças-travestis-por-um-futuro-do-hoje-bcf6da253f99>. Acesso em 20 de mar. 2020.

RONCARATI, C. **As cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEGATO, Rita Laura. (2014). Aníbal Quijano y la perspectiva de la colonailidad del poder. Aníbal Quijano (Ed.), **Des/colonialidad y bien vivir: un nuevo debate en America Latina** (pp. 35-71). Lima: Editorial Universitária.

SERANO, Julia. **Whipping girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity**. California: Seal Press, 2007.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. Coimbra, PT: Almedina, 1982.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p., 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

STRESSER, Ronald. **Ciberativismo – A política 2.0**. Dissertação – Pós-Graduação em Mídias Digitais da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2010.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. GUARESCHI, P. A. (Trad.). Petrópolis: Vozes, 2011.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (Ed.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

UGARTE, D. **O poder das redes**. Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.).

Cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.

WALTY, I.; PAULINO, G.; CURY, M. Z. F. **Intertextualidades**: teoria e prática. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1995. 155 p.

APÊNDICE A - QUADRO NORTEADOR DE PESQUISA (QNP)

QUESTÃO GERAL	SUPOSIÇÃO DE TRABALHO GERAL	OBJETIVO GERAL
<p>Como as travestis (re)constroem discursivamente seus saberes e vivências no Twitter a partir das práticas de (trans)ciberativismo?</p>	<p>As travestis engajam-se no (trans)ciberativismo, a partir de marcas linguísticas que se relacionam com as experiências pessoais e coletivas, com o fito de (re)construir e fortalecer seus saberes e vivências, além de fortalecer a resistência contra a hegemonia do binarismo homem-mulher, ampliando as matrizes ideológicas da diversidade.</p>	<p>Investigar a (re)construção discursiva dos saberes e das vivências de travestis no Twitter, a partir das práticas de (trans)ciberativismo, considerando os caminhos que efetivam as práticas de resistência</p>
DESDOBRAMENTOS		
QUESTÕES ESPECÍFICAS	SUPOSIÇÕES DE TRABALHO ESPECÍFICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
<p>1. Quais marcas linguísticas são empregadas pelas travestis em seus perfis na construção de redes de colaboração a partir das práticas de (trans)ciberativismo?</p>	<p>1. Ao lutarem pela resistência em busca da existência, as travestis utilizam traços linguísticos a partir de práticas de (trans)ciberativismo, por meio de campanhas com hastags, mensagens de esperança e exposição</p>	<p>1. Examinar as marcas linguísticas e textuais (vocabulário, gramática, coesão e coerência) empreendidas pelas travestis na construção de redes de colaboração a partir das tessituras do</p>

	das pessoas que praticam o discurso de ódio, por exemplo.	(trans)ciberativismo dentro da esfera textual.
2. Como ocorre a prática social envolvendo os traços sobre corpo, gênero e sexualidade das travestis em seus perfis no Twitter?	2. A partir de um cotidiano permeado de estigmas e resistências, as travestis utilizam o Twitter como um espaço de discussão sobre corpo, gênero e sexualidades, debatendo sobre uso de hormônios, redesignação sexual e relacionamentos, por exemplo. Para isso, utilizam-se de discursos anti-hegemônicos a partir das práticas sociais para destruir as relações de dominações estruturais.	2. Descrever as estratégias sociais e discursivas empreendidas pelas travestis para (re)construírem e visibilizarem seus saberes e suas vivências a partir da esfera discursiva e suas subcategorias (produção, distribuição, consumo, contexto, coerência e intertextualidade)
3. Quais estratégias sociais e discursivas as travestis utilizam para (re)construírem e visibilizarem seus saberes e suas vivências?	3. As travestis, por meio de seus <i>tweets</i> , apropriam-se de estratégias sociais e discursivas sob um viés do discurso inclusivo e emancipatório, descrevendo rotinas do processo hormonal, trocando experiências pessoais e profissionais e fortalecendo os laços de	3. Caracterizar as contraideologias que sustentam as práticas sociais e caracterizam os traços sobre corpo, gênero e sexualidades das travestis em seus perfis no Twitter, a partir das práticas ideológicas e da hegemônicas.

	solidariedade para (re)construírem e visibilizarem seus saberes e suas vivências.	
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Araújo (2011).